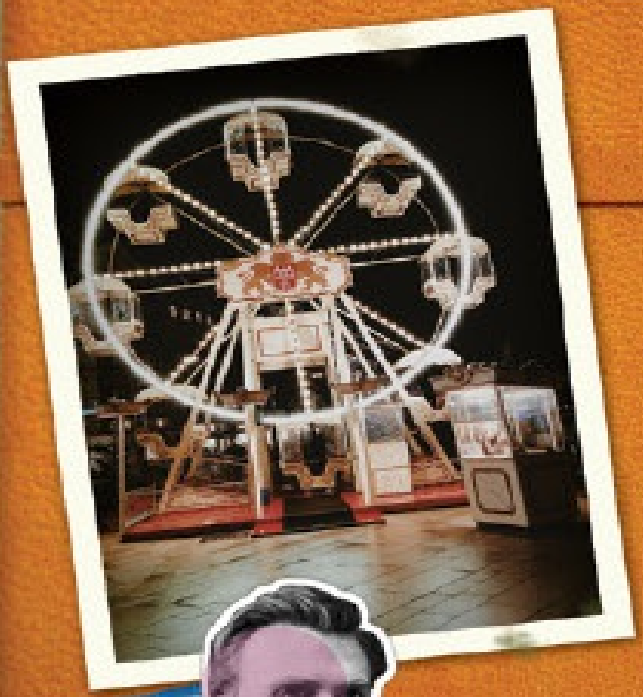
você está aqui

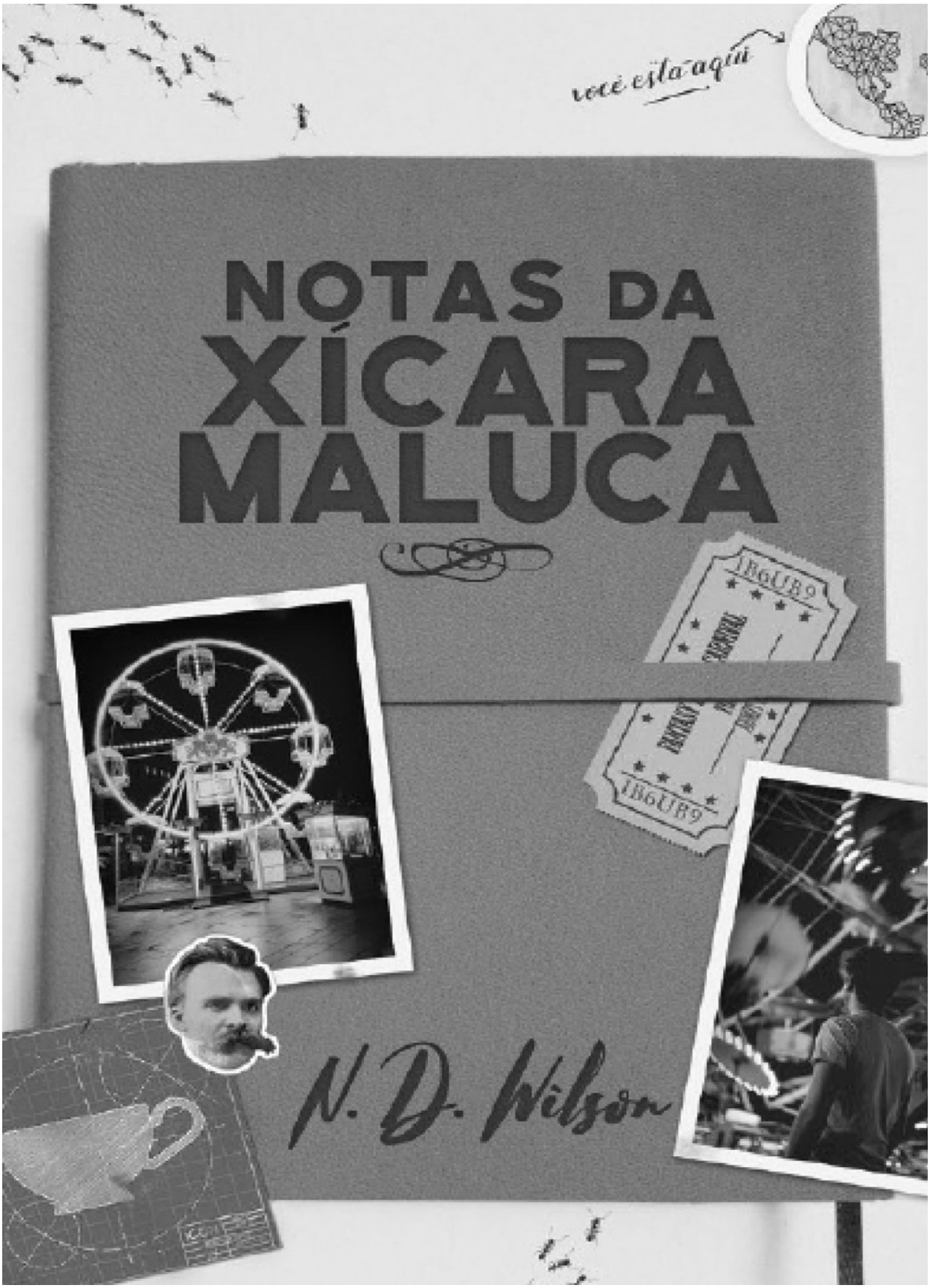
NOTAS DA XÍCARA MALUCA







N. D. Wilson


você está aqui
NOTAS DA
XÍCARA
MALUCA
N. D. Wilson


SOLA SCRIPTURA • SOLA GRATIA • SOLA FIDE • SOLUS CHRISTUS • SOLI DEO GLORIA •

NOTAS DA XÍCARA MALUCA

Maravilhe-se de olhos bem abertos no mundo falado por Deus

EDITORA
MONERGISMO

Copyright @ 2013, de N. D. Wilson
Publicado originalmente em inglês sob o título
Notes From The Tilt A Whirl
pela Thomas Nelson – uma divisão da HarperCollins Christian Publishing,
Nashville, Tennessee, 37214, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO
Centro Empresarial Parque Brasília, Sala 23 SE
Brasília, DF, Brasil – CEP 70.610-410
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2017

1000 exemplares

Tradução: Josaías Cardoso Ribeiro Júnior
Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto e Rogério Portella
Capa: Josaías Cardoso Ribeiro Júnior
Projeto Gráfico e Ilustração: Barbara Lima Vasconcelos

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão *Almeida Revista Atualizada*, salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilson, Nathan D.

Notas da xícara maluca: *Maravilhe-se de olhos bem abertos no mundo falado por Deus* / Nathan D. Wilson, tradução Josaías Cardoso Ribeiro Júnior — Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

Recurso eletrônico (ePub)

Título original: *Notes From A Tilt A Whirl*

ISBN ????

1. Criação. 2. Teologia. I. Título.

CDD 231.7

Para minhas irmãs
(que sempre enxergam)

Sumário

Prefácio à edição brasileira
Prefácio
Bem-Vindo
Ingressos, por favor
Personagens reais
Pedras falantes
Hiato de inverno: quebrando os dentes
Desvele o mundo
O Problema do Mal e a inexistência de Shakespeare: um artigo de Hamlet, príncipe da Dinamarca
Hiato de primavera: mentiras sobre borboletas
Sua mãe era um lagarto
O problema dos gatinhos: fofura e beleza
Hiato de verão: castelos de areia
Inferno: a conversa final
A história
Gratidão
Sobre o autor

Prefácio à Edição Brasileira

Há diversos tipos de genialidade. Um é o tipo de gênio que nos desencoraja. Olhamos para sua aptidão exorbitante e nos vemos incapazes, pequenos, distantes. Nunca seremos como eles. Até desanima tentar. Há outro tipo de gênio, entretanto. O que nos faz querer ser melhores. O que nos inspira. O que nos faz perceber um tanto inadequados, mas nos faz aspirar ser cada vez melhores. Nathan David Wilson é desses. Outro genial escritor, David Foster Wallace, certa vez escreveu ao falar sobre o genial tenista Roger Federer: “Genialidade não é replicável. Inspiração, entretanto, é contagiosa e multiforme”.

Pois bem. É desses. Ler Nathan Wilson me deixa inspirado, contagiado. Muitos de nós fomos inoculados contra a maravilha da vida. Aprendemos a ver tudo em tons sérios, cinzentos, sóbrios. Wilson, todavia, insiste em nos mostrar que este não é um mundo sóbrio. É uma história impressionante, multicolorida e mais biruta do que supõe nossa vã filosofia.

Vivo recomendando este livro para todos, mesmo quando ele não existia ainda em português. Eu vivia empurrando a ideia de lê-lo mesmo com o esforço e estranhamento de outra língua. “Mas sobre o que é o livro?”, sempre me perguntam. Difícil explicar. Costumo responder algo meio nebuloso sobre ele versar a respeito de como ver a vida, o universo e tudo mais, e a referência a Douglas Adams mais confunde que ajuda. É um livro que desafia nossa taxonomia literária. Wilson é mais conhecido por sua (excelente) ficção, e este livro (bem como sua sequência, *Death by Living*[1]) mostra um pouco sobre como ele vê o mundo, para que o possamos enxergar como ele. Uma leitura para açucarar e tingir sua cosmovisão.

Pouco conhecido no Brasil, Wilson é um autor principalmente de ficção de certo renome nos Estados Unidos. Em português já temos uma de suas séries de livros sendo publicados, a trilogia dos “100 armários”. É uma linha de ficção divertida e muito instigante, que lida com um mundo fantástico e repleto de mistérios, mas ao mesmo tempo amarrado a nosso mundo. Estou louco para

ler suas outras obras. Mal vejo a hora de que minha filha, ainda pequena, comece a ler seu material. Quem sabe uma boa editora não publica as outras obras dele em português, como a série *Ashtown Burials* [Enterros em *Ashtown*]?

Nathan é filho do pastor calvinista Douglas Wilson, um exímio e imaginativo escritor que por certo contribuiu bastante para formar seu coração e mente. Ele escreve tão bem ou melhor que o pai. Aliás, alguém já comparou o ainda jovem Nathan a uma espécie de Gilbert K. Chesterton calvinista. Claro que há um bom caminho ainda a percorrer para a alcunha ser de fato justa, mas seu estilo e capacidade de observação de maravilha e deslumbramento com o ordinário se assemelha muito à do velho escritor inglês. Douglas Wilson, o pai, sugere que uma das razões do caráter instigante da escrita de Nathan é sua capacidade de causar um estranhamento:

> O truque é dizer o que sabemos de modo reconhecível, mas de forma um pouco diferente, de maneira que nos prenda a atenção. É como o truque que costumávamos fazer em nós mesmos quando crianças, quando ficávamos pendurados no sofá da sala de cabeça para baixo e víamos as coisas todas

> invertidas. Lá estavam as velhas coisas conhecidas, mas invertidas por completo. Estávamos em casa, reconhecendo tudo, mas ao mesmo tempo tudo era novo.[2]

As leituras de Nathan Wilson surtem o mesmo efeito.

Nathan Wilson nasceu em 1978, o mesmo ano que eu. Isso me assombra. Quão longe estou dos feitos e da capacidade desse homem! Mas, em lugar de isso me paralisar, consigo vislumbrar possibilidades e seguir adiante. Amo lê-lo, pois ele me faz ver o mundo de um jeito diferente, e me faz querer crescer em meu deslumbre infantil.

Foram muitas as vezes que citei Wilson no púlpito. Minhas ovelhas ouviram com paciência longas citações deste livro imiscuídas em minhas tentativas de explicar e aplicar o verbo divino. Ele me ajuda a ver o mundo e as realidades redentoras com olhos deslumbrados de criança. Percebendo Jesus e o que ele faz pela ótica de uma criança maravilhada e um tanto atordoada pelo incessante girar de uma atração de um parque de diversões.

Aliás, o título do livro é difícil de traduzir. A ideia do autor é tentar ver o mundo, mas de maneira

fragmentada e atordoante, como na ocasião em que as pessoas se encontram em um desses brinquedos de parque de diversões, que gira e gira, estica e puxa, tonteia e deslumbra. Um movimento de aparência aleatória, mas que no fundo mantém padrões escondidos.

Minha filha ama ir ao pequeno parque de diversões local. Ela conta quase 4 anos; por isso suas opções de brinquedos são muito limitadas quanto ao que poderia e gostaria de entrar. Eu sou limitado em relação ao que minhas costas aguentam. Mas há alguns brinquedos em que nossas possibilidades se sobrepõem. Um deles é uma pequena montanha-russa cujo trem é decorado em formato de minhoca. Nós o chamamos singelamente de minhoca-russa. A queda é de meros 2 metros, mas para minha filha é como se abrissem o chão e caíssemos até o núcleo terrestre. Gostamos ainda da “xícara maluca”. Ela gosta mais do que eu, que começo a ficar enjoado. Na semana passada, pela primeira vez, ela foi ao trem fantasma. Para mim, que já vi muita coisa de assustar, nem deu muito medo. Mas para ela, foi

apavorante passear no “brinquedo do fantasminha”. Para minha surpresa, ao final, ela deu gargalhadas e pediu para ir de novo. O susto leva à risada. A vida é essa mistura. Coisas que nos deixam enjoados e que parecem movimentos aleatórios, mas há um padrão por trás. Coisas que nos assustam e mesmo no susto nos fazem rir. Coisas que nos fazem sentir como se o chão se abrisse e fôssemos devorados. O deslumbre e o espanto são parte do pacote. E no meio disso tudo risadinhas, sorrisões, gritinhos e mãos grudentas de algodão-doce dadas com firmeza. Filha e pai partilhando do susto e deleite da vida. Mamãe tirando foto.

Nathan Wilson, neste livro, vai segurar sua mão e convidá-lo a brincar com ele no parque de diversões da realidade. Você ficará um pouco enjoado, em alguns momentos, mas passa. Em outras horas o deslumbre tomará conta de você com algo que considerava ordinário. Em outras, seu desejo será mandar parar tudo — com lágrimas nos olhos. Pode ser que, como em um trem-fantasma, você leve alguns sustos. Haja o que houver, não solte a mão dele, não deixe de ler até o fim.

Tentei ao longo dos últimos anos convencer várias pessoas a ler este livro. Felizmente, agora publicado em português, vou poder presentear todo mundo e ficar cobrando a leitura. Por favor, leia-o. O preço do ingresso nem se compara com a abundância de diversão que você está para começar.

— Emilio Garofalo Neto

Brasília, 20 de fevereiro de 2017

1 “*Morrer de tanto viver*”. Futuro lançamento da Editora Monergismo.[N. do E.]

2 *Writers to Read: Nine Names That Belong on Your Bookshelf.* Crossway. Kindle Edition.(Kindle Locations 2177-2180)

Prefácio

Que possíveis desculpas eu poderia dar para este livro?

O álcool não esteve diretamente envolvido. Não tenho nenhuma doença mental (que eu saiba). Nunca usei drogas. Mas, isso não é de todo verdade. A primavera é uma droga para mim. Como o Natal. Amor, poesia, vento, aromas, luzes, crianças, formigas, besouros bem pequenos — todos são drogas à sua maneira.

Não é minha culpa. Essas coisas me fizeram escrever este livro. Essas coisas e algumas outras, doces e azedas.

Aconteceu assim: filósofos de vários formatos, tamanhos, sabores e eras se amontoaram no salão da minha caveira e começaram a se acotovelar para conseguir algum espaço. Poetas e pregadores se apinharam com eles. John Donne disse algumas coisas vivazes sobre Kant, e os antigos não conseguiam parar de rir dos modernos. Para completar, Gilbert Keith Chesterton (o escritor

católico fabulosamente grande) escutou alguém zombando de Milton (não importa se os insultos eram todos verdadeiros).

Perceba a erupção.

Para mim, este livro foi um evento. Ele rolou sobre mim. Esforcei-me para lhe dar forma e controlá-lo, para dar ritmo, amarrá-lo e ensiná-lo a sentar e rolar. Fiz o melhor que pude. Às vezes, no entanto, meu melhor é insuficiente e, em alguns lugares, você perceberá essa coisa escalando a mobília, lambendo meu rosto ou me arrastando pelas ruas.

Eu gostei do passeio, embora tenha me deixado suado e arfante. Sou grato aos pensadores e escritores que desencadearam a briga. Agradeço a Deus pelos olhos na minha cabeça e pelo furor do mundo girante que esses olhos enxergam. O mundo, moldado pelas palavras dele, jamais poderá ser domado pelas minhas. Contudo, existe a alegria a ser conquistada de tentar e fracassar. Meus cortes e feridas sararão. Posso viver o bastante para tentar de novo.

Aprendi com isso e me sinto mais leve — como

se tivesse perdido um pouco de peso mental. Eu espero que isso seja bom.

Alguns comentários, advertências e uma explicação ou duas:

Este livro não anda em linha reta. Não é uma estrada de Wyoming. A Terra gira enquanto orbita o Sol. Uma das “xícaras malucas” do parque de diversões deixa as crianças nauseadas ao fazer um movimento similar — rodopiando hermeticamente em uma plataforma maior e também giratória (subindo e descendo, às vezes, para completar o cenário). Este livro é construído nesse padrão — giros menores e giros maiores — e segue a Terra pelas estações de uma rotação. Como a terra e as “xícaras malucas”, você terminará no início.

Este livro tenta encontrar unidade na cacofonia. O bombardeio de elementos (filosofia, poesia, teologia, narrativa, *ad nauseam*) pode parecer aleatório às vezes. Não é. A intenção é ser sinfônico: instrumentos e vozes distintas partindo da dissonância para a harmonia. O espectro emocional (raiva, amor, felicidade, luto) pretende ser tão amplo quanto o material tratado aqui. E

busca a mesma unidade.

Palavras: elas são mais que ferramentas usadas na transferência de simples informação de mente para mente. Do começo ao fim, eu tentei usá-las como tinta, preenchendo uma tela em vez de papel. Queria escrever para o corpo e os sentidos, como para a mente. Consegui? É um objetivo complicado, e talvez eu não devesse admitir que mirei muito alto. Admitir pode tornar o fracasso mais óbvio.

Há momentos em que minha escolha de palavras pode parecer estranha para um livro “religioso” tentando alcançar a audiência “religiosa”. Mas, não se preocupe — jamais chego ao nível de choque e surpresa alcançados por autores como o profeta Ezequiel.

Ritmo: dado o movimento, o andamento e a forma do livro, incluí hiatos, esporádicas paradas sazonais para descanso, pelo caminho. Assim ninguém vai lesionar os ligamentos.

Título: no século XIX, Dostoievsky, o gênio russo, escreveu um romance curto intitulado *Notas do submundo*. Meu título é em reconhecimento a

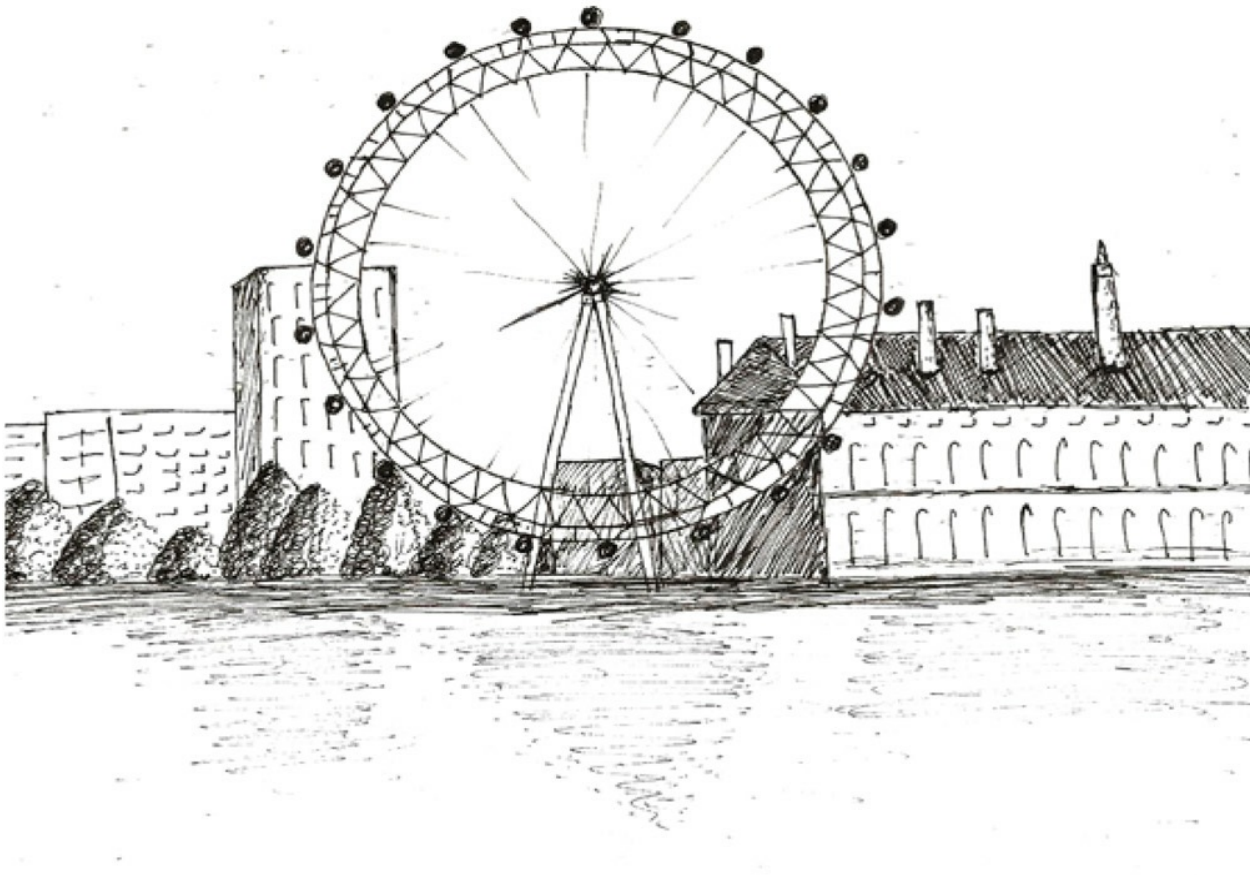
ele e à sua visão.

Sobre explicações demais no início do livro: ocultar a arte é arte. Sim, eu sei. Alguns diriam que estou arruinando a pouca arte existente no livro ao incluir muitos comentários diretos a seu respeito. Porém, não vejo maior perigo no prefácio que entediar o leitor potencial folheando páginas em uma livraria. Se há arte no livro, com certeza ela sobreviverá apesar de algumas enfadonhas páginas de abertura. (Quantas pessoas leem prefácios?) Se não há arte, então nada foi arruinado.

Neste ponto, sinto a necessidade de admoestar com piedade todos os leitores a apertar os cintos, como é a lei. Mas eu me esqueci de incluir cintos de segurança, e não sei onde deixei os termos de responsabilidade.

Por último, antes de começar de verdade, gostaria de agradecer aos fabricantes de Dramin. Minha gratidão é real.

Bem-Vindo



SOU VIAJANTE. Eu pareço importante? Ou pelo menos significante? Não sou Kerouac. E não sou um vendedor. Viajo como a pulga nas costas de um cão. Viajo acidentalmente, um caubói bem pequeno nascido sobre um touro. Viajo com o parque de diversões. Aonde ele vai, eu vou. Seu povo é meu povo, e sua terra é minha terra. Boa parte do meu tempo é gasto na "xícara maluca" e às vezes nas gaiolas dos esquilos. Eu não poderia parar de viajar mesmo que tentasse, e não é por causa de algum tipo de desejo de viajar, sangue cigano, necessidade de experiências significativas ou o desejo de ver os castelos da Europa.

Nasci no parque de diversões. Todo o meu viver, dormir, brincar, crescer e vomitar se passa no parque de diversões. Quando morrer, eu não fugirei dele — não é o que gostaria de fazer. A morte é a linha preta sobre minha cabeça a indicar a altura mínima para brincar. Quando eu a alcançar, bem… então poderei passar para as atrações assustadoras.

Apenas para ser claro: eu vivo em uma esfera quase perfeita que se lança pelo espaço a cerca de

30 quilômetros por segundo. Velocidade Mach 86 para os pilotos. Evidentemente, essa minha esfera também gira enquanto se move, assim, adicione meio quilômetro por segundo às partes mais gordas. E tudo isso está enfiado nesse gigante furacão de estrelas. Sim, pode ser bizarro. Há um mês, mais ou menos, minha esposa me pegou deitado na grama, enfiando os dedos na terra, tentando não sair voando. Mas, na maior parte do tempo, consigo manter o equilíbrio apesar da velocidade, e não preciso me agarrar em nada mais que meus dedos dos pés.

Você vive aqui também. Isso significa que não sou especial. Todos nascemos no parque, embora alguns estejam em negação. Eles querem estar acima de tudo, acima da desordem de risadas, pessoas, luzes, animais e da sombria tristeza que espreita nos cantos, sob os brinquedos e nos *trailers* após o parque fechar. Assim, eles andam na roda-gigante e, no alto, pensam que deixaram tudo para trás. Ascenderam a um lugar onde podem levar as coisas a sério. Onde podem ser levados a sério.

Deixe que eles tenham seu momento. Você e eu

podemos comer nossos enroladinhos de salsicha, aguardar e rir. Salomão sorri conosco.

A roda vira. A terra gira e dá suas voltas. Todos nós rodamos.

Que diabos é esse lugar? Apenas olhando ao redor, posso dizer que o que quer que esteja acontecendo, esferas são uma temática, além de insetos. Nós estamos em uma esfera, girando em torno de uma esfera ainda maior (que por acaso é ardente o bastante para chamuscar meu rosto, mesmo à distância) enquanto outras esferas de vários tamanhos fazem a mesma coisa, e uma pequena, poética e triste esfera menor com espinhas gira em torno de nós, iluminando a noite, fazendo os oceanos erguerem o peito e ofegar, e aumentando os crimes violentos (sério!). E nossa bola azul é povoada em sentido primário por pequenas coisas com exoesqueletos, não importa como você meça. Invertebrados ganham de nós em número, peso e variedade, e nos mordem mais do que os mordemos. Se você se encontra em uma pequena e calma floresta caducifólia no verão, é possível sentar-se e ouvir o ruído da trilha deles

entre os arbustos enquanto ácaros rastejam com cuidado para dentro de sua cueca. Eu tenho um amigo que recebeu uma restituição do governo por fazer exatamente isso.

Se eu fosse um editor (o que não sou), e um agente (não consideraria propostas sem um agente) que propusesse um livro de fantasia que se passasse neste mundo, então lhe diria em termos claros que aceito apenas histórias importantes, histórias realistas, histórias verossímeis em textura e personalidade, e então o mandaria tentar a literatura popular, talvez buscar um desses romances de bolso vendidos em supermercados estilo Sabrina e *Reader's Digest*, mirar em uma audiência mais suscetível a crer em algo tão forçado — audiência com menos chances de ter curso superior. No mundo de alta fantasia, as esferas seriam tão perfeitamente alinhadas que, quando a lua passasse na frente do sol, os dois teriam tamanho idêntico. E quando a sombra da terra descesse sobre a face da lua, também teria o tamanho perfeito para bronzear o luar. Ah, até parece… Um pouco artificial, você não acha? Esferas perfeitas? Umas saias de tule

rodadas? Poupe-me. Tenha algum respeito pela minha inteligência.

O que é este lugar? Por que é este lugar? Quem o aprovou? Os investidores estão felizes? Os acionistas? Esse comportamento cósmico era esperado? Eu deveria levar isso a sério? Como poderia? Presenciei peixes-dourados fazendo bebês e formigas executando pequenas lacraias. Vi uma mosca dar cria enquanto sua cabeça era comida por um louva-a-deus. E tive um *golden retriever* que se comportava como um *golden retriever*.

Este não é um mundo sério. Uma vez um rato fez cocô no meu sobrinho, provocado pelas ratoeiras na sala de estar. Enganado pelos livros infantis, meu sobrinho identificou o roedor ofensor como uma ovelha. Morcegos existem de verdade. Lagartas se tornam borboletas mesmo — não é apenas uma mentira para crianças. Carvão esmagado se transforma em diamante. Macieiras transformam flores em maçãs usando ar e luz solar.

Eu já vi um bebê nascer. E, claro, sei como ele foi feito. Mas não vou lhe contar. Você não acreditaria.

Há várias teorias sobre como e por que tudo isso aconteceu, tentativas de explicar o incrível número de coisas a rastejar no mundo, as estrelas, o ciclo de vida dos sapos, o comportamento social do peixe, o significado do amor, a vida e um hambúrguer realmente bom. Mas, para saber por que tudo isso está aqui, um simples como é pré-requisito. Como este lugar aconteceu? Eu vivo aqui, então não deveria ser muito difícil descobrir.

Chame os suspeitos. Coloque-os em fila, faça-os virar-se e esperar impassíveis enquanto examinamos cada um. Mas, antes de fazer isso, uma coisa deve ficar muito clara. Pode não haver uma explicação crível com facilidade para tudo que eu vi neste seu pequeno e alegre universo. A já gasta “Navalha de Occam” não nos ajudará. Não haverá uma explicação “mais simples”. O mundo que combina galáxias, buracos negros, Jerry Seinfeld, mais de 300 mil variedades de besouros, Shakespeare, glândulas adrenais, boliche profissional e os bizarros padrões reprodutivos das vespas (além de equipes de câmeras da BBC para documentá-los) impede explicações facilmente

palatáveis.

O observador imparcial não consideraria o mundo plausível. “Ergo”, a causa deste mundo inacreditável deve deixar estrias semelhantes na imaginação.

Um passo à frente, por favor. Virem-se para a esquerda.

Se fosse um índio apache, eu lhe contaria uma história sobre o Criador esfregando os olhos como se tivesse dormido um longo sono e despertado para formar o mundo. Ele começou com os amigos. Quando havia quatro deles, eles apertaram a mão; o suor se misturou e caiu no formato de uma bola. Eles a chutaram, e o vento ajudou a expandi-la até que ela cresceu para tornar-se nosso mundo. Até onde eu sei, eles ainda a estão chutando. Ter o momento da criação a servir também como a invenção do futebol representa o uso inteligente de recursos.

Se eu fosse havaiano, a história seria sobre um triângulo amoroso, fúria, desespero e a vingança de um vulcão.

Meus pais nórdicos (tenho certeza que houve

algum) entendiam que o mundo era um lugar frio, duro e depressivo. No começo, deveria existir um gigante de gelo maligno, retalhado por Odin e seus irmãos. Eles reciclaram a carne de seu corpo, usando-a para criar o mundo.

Ou tente isto: No princípio, havia apenas um ovo, posto no, sobre, ou pelo caos. Depois de milhares de anos, ele foi chocado e dali saiu Pangu, o criador. Pangu separou Yin de Yang, a terra dos céus e, por fim, ele se deitou e seu corpo tornou-se a criação, dividindo as coisas muito bem — o cabelo virou as estrelas, a respiração virou o vento, os olhos, o sol e a lua. Todos os seus parasitas rastejaram para fora e se tornaram as pessoas. O que, considerando a história da civilização, não é muito difícil de acreditar.

Os babilônios colocariam Marduque no palco, com muitos monstros sendo gerados e a evisceração de sua deusa-mãe.

Há muito mais. Eu poderia me comportar, tornando-me comedido em sentido acadêmico (sem ter medo disso), e poderíamos caminhar por todas essas histórias, expondo-as por completo com todas

as suas variações. Nós poderíamos entrar nas versões africanas, maias e aborígenes australianas, junto com dezenas de outras. Ou poderíamos ir direto aos temas comuns, as coisas que conseguem reaparecer de tempos em tempos — ordem *versus* caos, uma derrocada violenta e a criação por meio da reciclagem dos mortos, litros de sangue, deuses em conflito, afeições erradas e sérios conflitos em famílias de deuses. No entanto, mesmo esses temas não chegam à raiz, a generalizada coceira humana quando se trata da existência.

Primeiro, todas as culturas sentiram a esmagadora pressão da própria existência e da necessidade de explicá-la. Há um tipo de nervosismo aparente nos mitos de cada povo, como se eles não devessem estar ali e tivéssemos de repassar a história antes da chegada das autoridades.

“Desculpe-me… é que havia um gigante de gelo”, explicamos.

“Quando Pangu morreu, a gente não tinha aonde ir”, contamos ao policial.

“O senhor não gosta de futebol?”, perguntamos

ao juiz.

Segundo, não apenas sentimos a necessidade de explicar e justificar a existência, mas também parecemos entender que nossa explicação precisa ser tão alienígena como nós mesmos, tão impossível quanto a realidade. Não é hora para cachorros comerem a lição de casa. Isso exige um sério esforço imaginativo. Dragões bem-apessoados, mundos e carcaças inflados pelo vento, lobos a morrer, sangue cósmico, urina divina, explosão de gás e o universo sempre em expansão — escolha seu elenco e crie a sua mitologia. *Explique* você mesmo. Justifique sua presença aqui, a presença do mundo. Aliás, mais difícil: explique a personalidade do mundo. Encontre uma coisa que dê conta de tudo. Sente-se em torno da fogueira ou no laboratório da faculdade, e conte sua história. Compita com o coro de velhas estórias. Aliste seus devotos e acólitos. Esculpa em si mesmo algo a partir do barro, adicione algum detalhe anatômico estranho e convença-se de que ele precisa de um cesto de frutas ou de um bode, ou talvez o vulcão precise de uma virgem, ou Zeus precise de uma

pastora (de novo). Ou consiga um diploma de filosofia e suba na roda-gigante. Observe o parque de diversões, coloque-se em segurança acima do nosso louco mundo giratório, das montanhas, dos cúmulos-nimbos parindo relâmpagos, do cheiro da grama podada e do cedro recém-cortado. Esconda-se atrás de palavras difíceis ou escute a primeira gargalhada de um bebê e saiba que o mundo está aqui, que você está nele, e que seus sabores são profundos e sobrepostos, e suas luzes são brilhantes. Reconheça que ele é real.

Bem-vindo ao parque de diversões. Desça da roda-gigante. Saia das sombras e dos trailers desequilibrados. Há uma história para contar, um mundo de surpresas e questões a explorar, uma personalidade continuamente sondada a ser descoberta e entendida na realidade a nosso redor. E há alguém por trás disso, respostas desconfortáveis para comos, porquês e quês.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele.

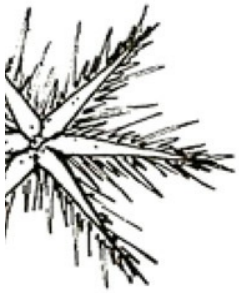
Bem-vindo ao poema dele. À peça dele. Ao livro

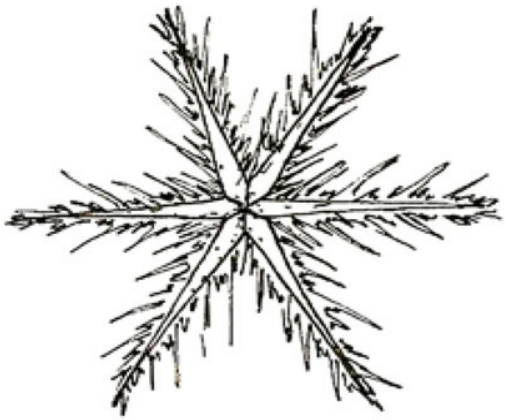
dele. Ignore as cestas de frutas e as estátuas. Deixe que as páginas toquem seus dedos.

ESTE É O MUNDO FALADO POR ELE.



Ingressos, por favor





INVERNO — o giro começa.

A neve é muito utilizada. Um floco de neve sentimental, ostensivamente estruturado, talvez tenha algum valor. Mas, Deus nunca parece capaz de moderação ou de entender os conceitos básicos por trás da oferta e da procura. Não raro, ele desvaloriza seus produtos. Dê-me um floco, uma sala gelada e uma lupa, e eu admirarei sua arte. Entretanto, no momento, estou assentado à janela em uma noite de Natal, observando o desperdício invernal ao extremo. Quilômetros de nuvens, nuvens maiores que estados, transformaram-se em estrelas de cristal e agora passam em silêncio pela minha janela para a morte. Bem, não tão em silêncio. As estrelas caem rápido o bastante para que, se você sair de casa, como eu acabei de fazer, possa ouvir o sussurro das colisões e dos delicados impactos congelados, cada uma das perfeições de seis pontas reclamando ao pousar:

“Disseram que eu era especial. Há dois ‘zilhões’ e meio de nós nessa cerca e mais estão caindo. Alguém aqui se importa com a superpopulação?

Quebra da bolsa? Fechem o céu. Pressionem uma moratória".

Mas, os sussurros da tempestade me parecem mais contentes. Empolgados até:

"Sabia que eu era diferente do resto de vocês, plebeus. Vejam como são ridículos e góticos com esses braços finos e salientes. Eu sou única. Neoclássica".

Tente contar os flocos. Tente contá-los de verdade. Voltarei para fora e farei uma breve estimativa. Sejamos conservadores. Supondo que estamos no meio de uma tempestade e ela conte apenas 16 quilômetros para cada lado (*Ha ha*, diz o homem do tempo), e supondo que a tempestade seja pequena — com 30 metros de altura, e deixando de lado o acúmulo pré-existente no solo, e estimando de olho o conteúdo do frenético ar da nevasca em escassos 300 flocos por metro cúbico, então estamos para aproximadamente… 11.151.360.000.000 flocos no ar acima de uma pequena porção do estado de Idaho em um momento individual da noite de Natal do fim do ano de 2007. Apenas essa tempestade, essa

pequenina fatia de inverno, pôde dividir 1700 flocos por pessoa no planeta. E o mais impressionante: esse número ultrapassa a dívida pública dos EUA em trilhões.

Eu olho a orgulhosa queda natalina pela janela. Vocês flocos, importam-se com o que penso? Escutem meus insultos. Vocês são completamente desvalorizados — como estrelas, galáxias e espécies de insetos. Apesar de toda a sua harmonia, beleza e impossível simetria, vocês não valem um mango. Ou um centavo. Se cada um de vocês me rendesse um centavo, eu entraria na lista de mais ricos da *Forbes* (em algum lugar abaixo dos herdeiros do Walmart).

Todos nós sabemos que cada floco é diferente e único porque todos fomos para a pré-escola. Cada um é bonito etc. — também sabemos disso. Todavia, como podemos valorizar essas coisas quando o criador as joga por aí como se fossem lixo? Na verdade, nunca vi alguém jogar tanto lixo assim. Ele não percebe que as pessoas os amaldiçoarão amanhã? Que elas removerão a neve com uma pá, vão enchê-la de sal e transformá-la

em uma massa cinzenta com seus carros? Ele sabe que minhas filhas vão rolar sobre a neve, derretendo milhares de flocos com suas bochechas coradas e dez milhares com a língua?

Cachorros vão urinar nela de manhã. Provavelmente, eles estão começando a pensar nisso neste momento.

Assim começa um novo ano, uma nova volta solar.

❃

Há muito os filósofos se maravilham com o mundo. Mas, isso não é exatamente correto. Alguns filósofos se maravilham. Muitos respondem ao esmagador peso da realidade com um tom categórico e verbosidade flácida. O restante apenas choraminga sobre que mundo terrível, difícil e impiedoso é este. O mundo magoou os sentimentos deles e, então, eles contra-atacaram com dissertações cheias de absurdos — chamando-o de acidente, sem propósito, um derivado do caos, chegando a ponto de, às vezes, negar sua existência. No entanto, o mundo não se importa. Ele tem a pele grossa, e todos os pensadores muito

importantes se tornaram parte dele.

Deveríamos nos importar com filósofos quando o mundo claramente não liga? Deveríamos nos incomodar de lembrar os nomes e as ideias de homens que podem viver como não mais que uma dor de cabeça para calouros universitários do mundo todo?

Por que não desejaríamos? Damos nomes às nossas doenças — interessantes ou não. Damos nomes a escolas de arquitetura. Damos nome a todos os romances, todas as peças, todas as comidas e todos os brinquedos de um parque de diversões. Esses homens se sentiram oprimidos por nossa existência. Eles se esforçaram para justificar e explicar (ou destruir) nossa presença no universo, nossa comunicação, nossa ética, nosso conhecimento. Eles sentiram a necessidade de jogar Twister intelectual por séculos, e arruinaram muitas coisas. Isso não os torna importantes o suficiente para serem lembrados? Como a catapora, cada um deles aconteceu apenas uma vez. Como a gripe comum, eles se desenvolveram a partir de outras e se modificaram. Se você cursou uma faculdade,

ouviu sobre eles. Se você vive no mundo ocidental, joga segundo as regras deles.

Platão, o primeiro papa verdadeiro da filosofia (perdão, Sócrates) defendeu um Mundo das Formas acima da realidade — um plano transcendental de essências perfeitas, puras e amáveis, onde nada fica enlameado (incluindo a essência da lama). Nada de futebol americano. Muitos cristãos hoje ainda concebem o céu como uma espécie de realidade platônica e, de alguma forma, conseguem esperar por uma existência em um enevoado mundo espiritual com harpas e pouca coisa para fazer.

Aristóteles denunciou as essências puras e imaculadas de Platão e entulhou uma em cada objeto particular do nosso próprio plano de existência material. Minha cadeira não compartilha mais da "cadeirice" platônica. Antes, é algo habitado pela "cadeirice" pura e interior — e essa pureza interna é compartilhada por todas as cadeiras; isso as torna cadeiras. Minha dor nas costas (quando você faz todo o caminho até a essência dela) é pura, perfeita e ideal. Se isso soa estúpido, não admita. *Muy importante, sí?* Apenas

balance a cabeça, tente parecer inteligente e um pouco em conflito. Eles ainda lhe darão o diploma.

Platão não foi o único grego pré-cristão a informar pressuposições e mentalidades cristãs. Aristóteles foi quase canonizado por muitos acadêmicos religiosos no decorrer dos séculos. A teologia por trás da missa católica se sustenta em Aristóteles. O exterior sem importância e acidental do pão e do vinho permanece o mesmo; e a parte perfeita, a essência escondida e substituída. O material da superfície é irrelevante. Nesse nível interior aristotélico, o pão ganha a essência da carne e o vinho, a essência do sangue.

A mentalidade padrão por trás do conceito evangélico de conversão pode tornar-se mais do que um pouco grega também.

Pulando alguns séculos até o iluminismo moderno, o francês Descartes passou por alguns problemas para saber que ele existia. Assim, ele se voltou para o pensamento positivo e aprendeu que precisava apenas pensar que existia e, então, ele existiria. *Cogito, ergo sum.* [Penso, logo existo.] Diga isso o bastante, esteja disposto a ajudar os

outros em apuros, e tudo ficará bem. Penso, existo. Eu penso que existo. Descartes cogitou-se (junto com o resto do mundo) à existência. Por causa da carta mental encontrada por ele na manga mental, o mundo moderno foi construído. Seu fundamento? A razão pode levar aonde você quiser.

Leibniz, meio que um escoteiro, pensava que esse mundo deveria ser o melhor dos mundos possíveis (pois o Deus perfeito não poderia criar menos que isso). Fácil demais.

Voltaire zombou bem dele. Mais fácil ainda.

Immanuel Kant escreveu livros com palavras como prolegômenos no título e achava que a moralidade dependia (e era monitorada) das etéreas leis da lógica.

Os astecas consideravam necessário arrancar o coração de suas vítimas ainda vivas no topo de zigurates se quisessem que o sol continuasse a nascer.

A herpes zoster é uma erupção cutânea causada pelo mesmo vírus que provoca a catapora.

Os americanos chamam o enroladinho de salsicha de “porco no lençol”.

A “xícara maluca” é um dos poucos brinquedos de parque que parece seguir um padrão de movimento aleatório. Seus carros estão presos, sem usar cabos, a uma plataforma giratória que se inclina. Ela foi inventada na década de 1920. É possível comprar a sua por menos de meio milhão de dólares.

Heidegger era nazista. Você consegue pensar em uma razão melhor para não lhe dar atenção?

Wittgenstein era um porco bebedor de cerveja (de acordo com as autoridades do Monty Python). Eu não acredito nisso. A “cervejice” o tornaria mais legível.

Nietzsche — um fraco, mas vigorosamente bigodudo, filho de pastor luterano — definiu o mal (em O *Anticristo*) como “o que nasce da fraqueza”.

David Hume, o escocês, (*conscientemente*) declarou Deus e o conhecimento impossíveis sem qualquer senso visível de ironia.

Os existencialistas franceses, todos homens sábios e exemplos de filósofos de todos os lugares, mataram-se.

Dê-me sacerdotes. Dê-me homens com penas no

cabelo ou longos chapéus abobadados, mulheres oráculos em cavernas, pitonisas, fumando erva e lendo mãos. Uma cartomante cigana com uma "tábua ouija" fajuta e um aquário como de bola de cristal sabe mais sobre o mundo que muitos dos grandes pensadores ocidentais. Sacerdotes murmurantes a balançar vasilhas fedidas em suas correntes e até curandeiros a conjurar maldições com um marfim de elefante bem enterrado têm um senso melhor sobre seu lugar no mundo. Eles sabem que o universo transborda de mágica, vida, charadas e ironias. Não ignoram que o mundo pode devorá-los e nenhuma enciclopédia o impedirá.

Eu sou um hipócrita. Concedo isso de bom grado. Li os filósofos (não todos, graças a Deus). Fiz provas sobre os filósofos. Falarei sobre os filósofos, mas preste atenção nos meus lábios. Eles se enrolam quando eu falo. Espero ficar imaculado. A cada quatro anos, assisto patinação artística, mas estou longe de comprar um colante para mim.

Marx chamou a religião de ópio e, muitas vezes, ela é. Mas, a filosofia é um anestésico, uma vacina para afastar o deslumbramento.

Que é o mundo? Que tipo de lugar é este? O que ele está fazendo? Por que ele está aqui? Como nós sabemos? As perguntas são ótimas. Sofia é a deusa da sabedoria. Filosofia — o amor fraternal à sabedoria — é um passatempo perfeitamente limpo para meninos e meninas. Mas, a filosofia propriamente dita tornou-se um lugar para esconder-se, um lugar para buscar a imortalidade (por meio de publicações que nunca se esgotam) sendo nebuloso o bastante para sempre haver espaço para discussão — para dissertações futuras.

Um “hurra” para as perguntas! Nenhuma pessoa razoável tem problemas com elas, quando em moderação. Mas, alguém quer de fato as respostas? A jornada é o destino? Por favor, não. Deixe-me sair do seu ônibus na próxima esquina. Uma resposta boa seria o fracasso? Se soubesse o sentido da vida, você necessariamente gostaria dele?

Os alquimistas medievais tinham um alvo tangível, e quando todos morreram envenenados pelo chumbo, a posteridade percebeu o fracasso deles. Os filósofos contemporâneos lutam para evitar alvos tangíveis e chafurdam na sauna do

pensamento. Matricule-se com cartas de referência boas o bastante, e você também consegue. Pague-os dinheiro o bastante e eles libertarão o Nietzsche do seu filho calouro.

Exceção: Sócrates teve seus momentos (embora fosse difícil passar um sábado com ele). Sua maior conquista em poucas palavras: “Só sei que nada sei”. Todo o mundo ama um homem honesto. Mas, isso não o impediu de falar. Pelo menos, se vamos confiar em Platão.

O que é o mundo? Uma grande esfera giratória úmida e habitada (comparada a muitos *shoppings*). Que tipo de lugar é este? Do tipo redondo. Do tipo giratório. Do tipo úmido. Do tipo habitado. Do tipo que tem flamingos (reais e artificiais). Do tipo em que a água no céu se transforma em cristais esculpidos com beleza simétrica por artistas incapazes de conter-se (nos quesitos design e quantidade). O tipo de lugar com ácaros minúsculos, de dentes poderosos, destinados a comer minha pele morta ao cair nos carpetes. O tipo com tubarões, sanguessugas de nariz e coisas parasitárias escorregadias (com farpas) que entrarão

em você como um cateter urinário se você for obrigado a fazer xixi em um rio da América do Sul. O tipo com pessoas que matam, pessoas que amam e pessoas que fazem as duas coisas. O tipo com pessoas que pensam que a água do Ganges é boa para elas, com pessoas que acham que comer o coração de seus inimigos afastará a morte, e com outras que pensam poder curar a falência de seu cérebro se colherem bastantes células sem especialização de jovens humanos.

O mundo é belo, mas terrivelmente esfacelado. Paulo disse que ele geme, mas eu o amo mesmo em seu gemido. Amo o palco redondo em que atuamos as tragédias e comédias da história. Eu o amo com todos os seus vilões, mentirosos mesquinhos e hipócritas pomposos. Amo as formigas e a risada de crianças com os olhos esbugalhados ao encontrar a primeira borboleta. Eu o amo como ele é, porque é uma história e não está parado em um lugar. Ele está cheio de conflitos e trevas como toda boa história. E, como toda boa história, haverá um final. Amo o mundo como ele é porque amo o que ele será.

Eu o amo porque ele gira e se inclina, porque ele é estonteante, por causa do céu noturno e das estrelas a rodopiar.

Mas, eu estou me adiantando muito. Deveríamos ser mais… filosóficos.

Advertência: Se você acha que o mundo é plano, não estou aqui para convencê-lo do contrário. Se você acha que o mundo é um lixo sem sentido oscilante no bueiro galáctico da realidade acidental, não pretendo lidar com suas alegações epistemológicas sempre tão sutis. Eu estou aqui para pintar um quadro do mundo que enxergo.

Tenho um pincel desajeitado, e minha língua sai pelo canto da boca. Eu até coloquei uma camisa ao contrário como um sacerdote. Espero que eles não se ofendam.

E, agora, vamos encontrar Sofia e amá-la um pouquinho. Em sentido fraternal.

Se esperamos responder questões grandiosas como: “Qual o sentido da existência?”, “O que determina o bem e o mal?”, “Quem sou eu?” e “Tudo bem estacionar em local proibido?”, então devemos começar com algo um pouco mais básico,

algo que mesmo os cientistas deveriam conseguir responder.

Do que é feito o mundo?

Já há uma série de respostas oferecidas flutuando por aí. O mundo, de acordo com um bom grupo de cavalheiros de togas laranjas, é uma ilusão. Do que a ilusão é feita? Principalmente de sofrimento.

George Berkeley, um bispo do século XVIII, apresentou uma resposta parecida. O mundo existe na mente de Deus. Nós, isso e todas as coisas mantemos nossa ontologia (ser) dentro da imaginação divina. Berkeley negou por completo a natureza material do universo. Nós somos pensamentos. Nada além de pensamentos.

Samuel Johnson, depois de ouvir essa nova filosofia, chutou com entusiasmo uma grande pedra, ao dizer: “Eu refuto isso!”. Dedos doídos são um argumento convincente.

E, claro, os antigos dividiram o mundo em quatro elementos — terra, ar, fogo e água. Muito bom, mas do que *eles* são feitos?

Eu poderia comprar um livro ilustrado com o título *Do que é feito o mundo?*, mas não acho que

ele iria além de sólidos, líquidos e gases — nossa revisão da antiga formulação (excluindo o fogo como energia).

Nós construímos uma tabela periódica, rimos dos antigos por serem muito simplistas e demos nome a um monte de elementos. Os elementos deveriam ser coisas elementares — coisas que não podem ser mais divididas. Coisas como o ouro? Chumbo? Sódio? Califórnio? Mas, essas coisas têm núcleos e elétrons e outras coisinhas menores e mais complicadas.

Alguns pensadores contemporâneos começaram a falar sobre dimensões, *sprays* de espuma cósmica e outros postulados incomensuráveis. Einstein nos deu o espaço-tempo e um monte de ficção científica ruim junto.

Os místicos atuais e mais inovadores dos departamentos de física ao redor do mundo sabem a resposta. Vá até um dos laboratórios, consiga um crachá e junte-se a um animado guia turístico do cosmo.

Do que o mundo é feito?

Bem, é simples. Muito do que você vê a seu

redor é formado por *quarks up*, *quarks down e léptons*. Agora você sabe. (E se passasse mais tempo na internet, eu não precisava lhe ensinar essas coisas).

Nós podemos perguntar do que os *quarks* são feitos? Eu posso procurar no Google? E quanto aos léptons?

O guia animado continua: Quarks e léptons são muito, muito pequenos e, ao se unirem em arranjos diferentes, formam a realidade à nossa volta. Mas, não podemos garanti-la nos limites mais remotos do espaço distante.

Do que eles são feitos?

Os quatro tipos de ligação que impedem a realidade de explodir como um ovo no micro-ondas são os seguintes: forte, fraco, eletromagnético e gravitacional.

Forte? Isso é tudo o que eles sabem? Não precisamos de um nome mais impressionante ao falar sobre a ligação da realidade fundamental?

Muito do que você vê é, na verdade, espaço vazio, ou nada. O volume combinado das partículas materiais mais básicas, formadoras de algo com

uma cadeira, é apenas uma pequena fração do volume da própria cadeira em si que você vê desdobrada no espaço à sua frente.

Legal. Do que *quarks* são feitos?

Você sabia que, certa vez, os cientistas pensavam que a célula era feita de pudim de ameixa?

Sim, eu sabia. Parece razoável. Do que é feito um lépton?

Recentemente, cientistas criaram a substância mais negra do mundo. Ela absorve 99,9% de luz.

Do que são feitos os *quarks*?

O próximo *tour* enfocará a antimatéria. Começa em 15 minutos. Por favor, visitem a loja de lembranças. E não se esqueçam: alugamos o espaço para festas.

Eu não tenho problema nenhum em acreditar na existência de *quarks*. Disseram-me que são partículas subatômicas formadoras de prótons e nêutrons. Também soube que nunca se conseguiu isolar um único *quark* apenas, e que eles não têm componentes identificáveis. Isso significa que eles são eles mesmos e não são feitos de nada além de si

mesmos. Pelo menos até que consigamos microscópios melhores ou que nós americanos aprendamos falar “elétron”. Mas, por que estamos falando sobre isso?

Vamos repassar o que sabemos.

Eu tenho uma azeitona na minha mesa. É um produto da Espanha. Ela cresceu em uma árvore. Isso significa que a clorofila nas folhas da oliveira absorveu a energia da luz solar e usou essa energia para atacar o ar. O carbono do dióxido de carbono foi colhido, o oxigênio foi liberado de volta aos pulmões das crianças espanholas e o carbono foi moldado como folhas, a casca da árvore e essa azeitona. Como eu, a azeitona é feita de carbono. Ela é feita de células, que são feitas de moléculas, que são feitas de átomos, que são (como todos agora sabemos) feitos de *quarks* e léptons, que são…

As opções são limitadas, mas todas elas apresentam um problema. Primeiro, talvez os *quarks* sejam mesmo elementares. Do que eles são feitos? De eles mesmos. Segundo, talvez eles tenham componentes que não identificamos. Nesse

caso, do que esses novos componentes são feitos? Outros componentes? Do que eles são feitos? Não é possível o regresso infinito. O mundo não pode estar sobre as costas de uma tartaruga roxa sobre as costas de uma tartaruga roxa sobre as costas de uma tartaruga roxa sobre as costas de uma tartaruga roxa sobre as costas de uma tartaruga roxa… Não vai ajudar mesmo que você fale em antitartarugas.

Aqui vai meu momento de assombro. A azeitona que agora tenho na mão, junto com seu pimentão amigavelmente picado, essa azeitona que agora saboreio e como, essa antiga azeitona era, em algum nível, feita a partir de algo que não foi… *feito* de *algo.*

Há outra palavra para não algo. A palavra é nada. Em algum ponto, essa é a resposta para a pergunta. Do que é feito? Do que é feito?

De nada. E, ainda assim… existe.

Mas, Samuel Johnson ainda está certo e Berkeley ainda está errado. A azeitona tinha massa, sabor, aroma, textura e temperatura, e até um pequeno fragmento de caroço que cortou minha gengiva. Ela contava com uma quantia mensurável de energia

potencial. Sinto-me confortável ao dizer que a azeitona não era uma ilusão. O mundo material existe em toda a sua glória de dedinhos batendo na quina. (Eu não vejo razão para vagar na longa e solitária estrada da dúvida autossensorial. Esse caminho não evita dificuldades e leva apenas a salas de bate-papo, remédios, música atonal e desgosto cósmico. É um suicídio lento e doloroso. E, na minha opinião, brega.)

Nós chegamos até aqui usando apenas o bom senso dado por nossas mães. Concordamos que a matéria, que minha azeitona, não pode ser o topo de uma torre material, uma infinita pirâmide invertida que desce, desce para sempre, sem um primeiro andar, sem fundamento e, em última análise, sem solo? Se sim, então há três opções reais que nos esperam. Traga-as; todas elas já foram chamadas de Sofia antes. Permitamos que elas desfilem, e vejamos qual se move com mais intuição, qual flui mais.

Qual é a mais bonita e qual tem os melhores quadris? Qual poderia ter parido um mundo como o nosso?

Uma é a verdade e molda o mundo. Uma chamaremos de verdade e ela moldará como vemos o mundo. Seria bom que elas se sobrepusessem.

Sofia 1: A *matéria* é, na verdade, infinita. Onde o regresso acaba, há algum elemento físico feito de nada mais e… sempre teve existência.

Esse é o relato evolucionário ateísta. O universo consiste apenas em tempo e acaso em ação sobre a matéria. Em algum ponto, a matéria antiga explodiu e agora estamos aqui.

Sofia 2: Algo *imaterial* é infinito, sempre teve existência e, em algum ponto, criou o mundo material.

Oh, eu gosto dessa. Tudo o que ela faz é mágico.

Sofia 3: Misture. Há alguma *matéria* no mundo que sempre teve existência, e há algo *imaterial* que sempre teve existência.

Na verdade, esse é o relato da criação de muitas religiões teístas e politeístas. Um deus pega o caos fluente, ou seus filhos, ou a própria coxa, ou algo com existência anterior e o remodela como o mundo à nossa volta. Os relatos da criação de origem nórdica, grega, asteca e até islâmica

começam desse jeito.

Evidentemente, uma série de opções e histórias se encaixam nessas categorias, em particular na última. Povos e povos observam as estrelas e fazem sua escolha, moldando a si mesmos e a suas culturas ao fazê-lo. A escolha não é uma questão de lógica, embora possamos fazê-la com lógica. Não se pode “empoderar” a lógica ao nível de árbitro transcendente aqui. Ela não pode sussurrar a resposta em nosso ouvido. Qualquer conhecimento nesse nível, nessa questão fundamental das origens e da metafísica última, deve provir de outro lugar.

Bem-vindo ao mundo da fé.

Aqui está a minha garota, o meu quadro, meu relato filosófico de uma azeitona. Eu observo as coisas do mundo ao redor e me pergunto do que ele é feito.

Palavras. Palavras mágicas. Palavras proferidas no Infinito, palavras tão potentes, faladas por Alguém tão potente que elas têm peso, massa e sabor. Elas são reais. Encarnaram-se e habitaram entre nós. Elas são nós. No relato cristão, o mundo material veio à existência com o discurso, e esse

discurso foi *ex nihilo* — a partir do nada. Deus não procurou algum tipo de “geleca” cósmica para esculpir, ou outro deus para picotar e reciclar. Ele cantou uma canção, compôs um poema, começou um romance tão enorme que mesmo os russos viram nanicos diante de suas páginas empilhadas.

Você é falado. Eu sou falado. Nós estamos em um palco falado. Do tipo giratório. Do tipo redondo. Do tipo úmido. O tipo de teatro com besouros, risos, bebês, pó, neve e cedro recém-cortado.

Você é feito de células. Eu sou feito de células. Minhas células são feitas de moléculas. Minhas moléculas são compostas por átomos. Meus átomos são, em grande parte, espaço, mas as partes que não são chamam-se *quarks*. Meus *quarks* ficam onde estão por serem obedientes. Eles receberam a ordem de uma Voz que não pode ser desobedecida.

Para Berkeley, os budistas e muitas variedades de hinduísmo, o mundo é uma miragem, um truque de ilusão. Ele pode parecer material, da forma que a fumaça interage com os espelhos, mas não é. O mundo é mágica de verdade. Escolha uma carta.

Chute uma pedra. Não há truques aqui. Não se trata de um cenário, não há coelhos brancos escondidos. A mágica é real e eu fico boquiaberto no palco por causa disso. Eu sou real. Sou pesado. Sou matéria. Corte-me e sangrarei. Mas, não sou feito de nada e, se o Mágico, o Poeta, a Palavra, se o Cantor parasse sua voz, eu simplesmente deixaria de existir.

Está frio esta noite, e minha mente é muito pequena para compreender o mundo — e estou cansado de tentar. Eu poderia voltar lá fora e observar as estrelas, aquelas pequenas, bruxuleantes, imensas e esféricas tempestades de fogos, contudo, mais nuvens apareceram seguindo a nevasca que acabou de partir.

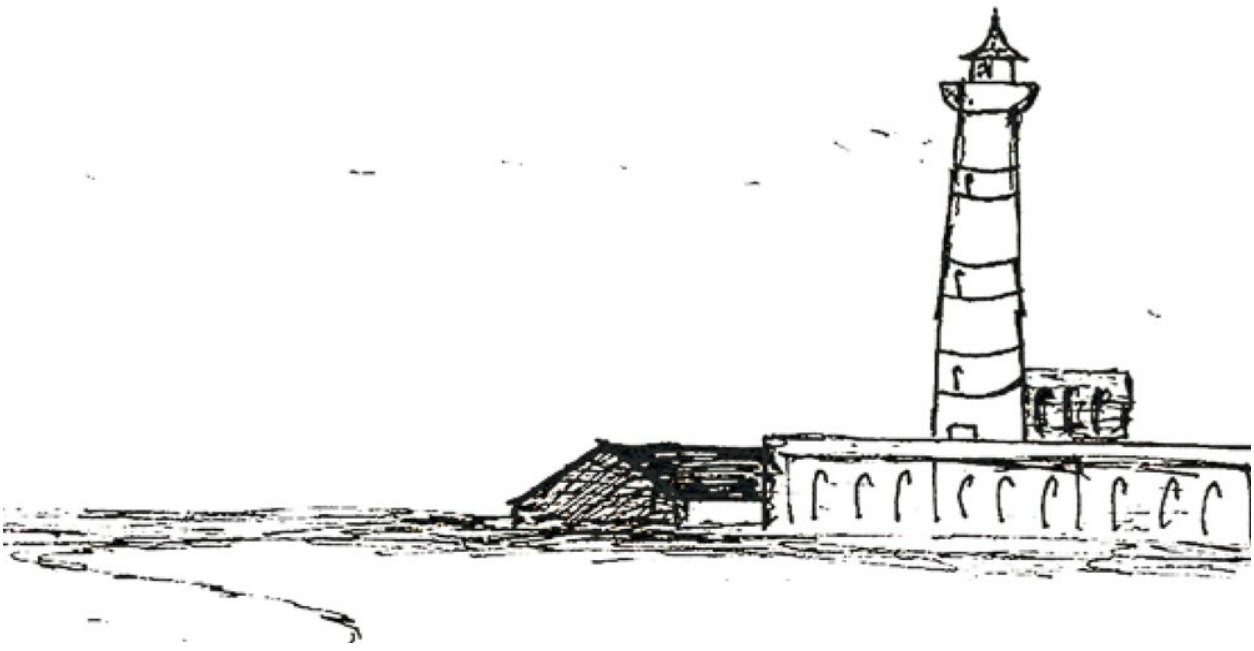
Amanhã, de acordo com o profeta do tempo, essas nuvens se cristalizarão e virarão haicais de seis pontas, haicais como nunca se viu antes, cada um sutilmente diferente, cada um a capturar um espírito diferente, uma beleza diferente. Cada um inestimável, uma palavra divina.

Se eu fosse infinito, poderia ler e amar cada um deles. Eu poderia lembrar a dança de cada floco

desde que o mundo nasceu.

Contudo, eu não sou infinito. E, assim, pego uma pá para quando o haicai cair, um saco de sal para afastar a tempestade sussurrante.

Personagens reais



EU ESTOU EM UM CAIS COM MEU ROSTO NA DIREÇÃO DA TEMPESTADE — o Pacífico no momento mais furioso do inverno. Ondas banham o ponto feito pelo homem, incansáveis, auxiliadas pelo vento. Flechas de água golpeiam meu rosto, lançadas do céu para baixo e do mar para cima. Elas têm o mesmo ferrão, aliadas, mas a chuva é fresca e doce. Os respingos salgam meus lábios.

Minha mulher passou mais tempo com o mar. Este é o oceano dela. Ela está aconchegada atrás do farol, chamando-me. Sou menos preocupado. Talvez tolo. Ela conhece mais rostos agora entre os mortos.

Esse é o significado da mortalidade? Sei assim que meu corpo é do tipo que pode parar, que pode alimentar caranguejos, que um dia será colocado em uma caixa e lançado em um buraco? Tenho a necessidade de ficar perto da borda, de sentir esse pequeno risco, de sentir meu coração bater. Se não fosse do tipo que morre, eu ficaria mais perto, sob o golpe total de cada onda que quebra.

O oceano se espalha até o horizonte e, embora o

vento ruja e as ondas batam, elas nada são comparadas com o que essa besta pode fazer. O oceano está apenas brincando, lambendo os pés do continente, com comichões para jogar pesado.

Há fósseis de conchas nas montanhas rochosas.

Ontem, a transmissão de energia elétrica foi interrompida, graças a essa tempestade de inverno. A água escalou penhascos e cruzou estradas. Eu coloquei meus filhos no carro e, junto com centenas de outros mortais, os levei para observar o mar furioso, enjaulado por continentes.

Eles riram quando as portas abriram e, então, saíram e gritaram. Eu lhes mostrei como ficar de costas para o vento, como se apoiar contra ele, mas a chuva mordia e aguilhoava, mesmo através da minha calça jeans. De volta ao carro, eles riram de novo.

Eu vi uma foto de um *tsunami* a avançar sobre uma rua asiática. As pessoas corriam, pequeninas diante da imponente água suja, mas não tão pequenas a ponto de esconder seus rostos — rostos sorrindo, rostos abertos em risadas.

A onda foi mortal. Os rostos descobriram outra

utilidade no pó.

“Volte!”, minha mulher grita. Eu me viro e olho para ela. Ela ainda ri, gargalhando no abrigo do farol.

“Tenho seguro de vida!”, grito. “Estou bem!”.

Ela faz uma careta.

Observo outra onda arranhar a pedra e estico minha língua para provar sua morte.

Ela aguarda por mim. Eu me apresso agora, e minha mão molhada encontra-se com a dela no vento. Nosso beijo tem sabor de batata frita.

Estamos vivos. Estamos aqui, nessa parte de uma história, ao lado do mar, rindo sob o céu carrancudo.

Estamos com frio, mas não tão frios quanto os mortos. Quantos *quarks* há por aí, salpicando na tempestade? Quantas vogais há em um furacão? Essa força molhada, tão enorme ao lado de nossos pequenos braços, é apenas um pequeno canto do mundo falado, um pequeno canto deste poema. Ondas maiores giram no olho de Júpiter, mas quem as vê? Estrelas e mundos giram em tempestades

solares. Essa tempestade não é nada, e eu sou menos. Mas, para um artista infinito, um Criador apaixonado por sua arte, não há canto sem importância, não há imagem desperdiçada, não há ponta solta no romance.

Esse oceano, pequeno no universo, está aqui porque é belo. Essa palavra, essas palavras, que se movem, batem e se reduzem contra o contraste dos penhascos, elas são fortes e guturais, como o sabor de anglo-saxão. Isso é poesia, mas não é delicada e frágil, um plácido oceano por trás de um versículo bíblico em um cartaz de autoajuda.

Essa poesia tem coragem. Ela é mais durona que um rodeio. E, por isso, os penhascos estão repletos de espectadores.

✻

Ao observar pelas lentes da verdadeira criação ex nihilo — um mundo falado — tudo se torna um toque artístico. Cada rachadura no gesso, cada aranha a viver no banheiro, me parece o cenário de uma peça, a textura que um autor adicionou, uma personagem vivendo nesse período, habitando o mesmo parágrafo que eu.

Há cristãos no mundo que lamentam a ausência de Deus falando, que clamam por uma comunicação pessoal com o próprio Deus. Eles querem deixas para suas falas. Desejam explicações e orientações específicas do Artista.

E Deus, até onde sabem, ignora-os. Eles se sentem negligenciados — porque não foram convidados para papéis como Moisés, Elias, Enoque ou Gideão.

Diga-me o que você quer que eu faça, Deus. Fale comigo (na minha língua, por favor) e me diga se eu deveria aceitar o emprego em Des Moines ou ficar perto de minha mãe.

Então, por seu papel na história não incluir a locução cósmica na língua deles, eles entram em uma crise existencial. Começam a “duvidar”.

Que tipo de história você pensa que é essa? Eu não tenho problemas com a mesquinhez do seu dilema Des Moines. O mundo gira pelo espaço, lançado por seu Criador. O sol arde, quente com suas palavras e, ainda assim, ele ainda elabora cada floco de neve sem atalhos digitais. Ele sabe que você quer mudar para Des Moines, mas se sente

culpado. Ele escreveu a história. Ele elaborou sua personagem. Ele lhe deu vida e uma trama só sua. Mesmo as histórias das personagens mais simples, do tipo sem efeitos especiais, montadas apenas por um produtor solitário e estreladas por pessoas feias, mesmo essas não estão abaixo dele. O infinito vai até as alturas dos transcendentes épicos das estrelas e até as profundezas do formigueiro onde uma leal trabalhadora dedica a vida à labuta, desde o primeiro dia após o estágio larval até seu nobre final, morta por uma joaninha enquanto defendia a vulnerável horda de afídeos da colônia.

A história da formiga pode ser mais dramática que a sua, mas não é maior. E não se preocupe: algum dia você encenará de maneira definitiva também. Algum dia, mesmo em histórias lentas e suburbanas, haverá uma cena de morte.

Entretanto, por que um cristão alegaria que Deus parou de falar? Ele falou o mundo à existência? A matéria existe à parte dele? Ela ainda está aqui? Você ainda está aqui? Então, ele ainda está falando.

Saia da sua casa e observe o palco de hoje. Fale. Deus responderá. Ele falará com você. Ele lhe deu

sentidos. Use-os. Ele desfilará sua arte. Ele lhe deu uma cena, um cenário para o dia. Ele lhe dará conflitos para superar, oportunidades para sua personagem crescer ou fracassar.

Porém, não espere que ele fale em sua língua. E não espere que ele fique em algum tópico que você escolher. A atenção dele está em todos os lugares e nenhuma história deveria ser fácil, como todo leitor sabe.

Você está na sua varanda. Observe o céu azul.

Deus, vou conseguir fazer “a” venda hoje? Dá para pagar um barco com a comissão.

Observe o esquilo, ele diz. Você o compreende? Você sabe o que isso significa? O que ele lhe diz sobre mim? Preste atenção em sua cauda curvada. Você é o único a prestar atenção. Você e eu estamos sozinhos na audiência, compartilhando a cena. O que isso lhe lembra?

Eu preciso dessa venda.

Tem uma formiga no seu sapato. É uma formiga das boas. Na primavera passada, ela virou o jogo na “Grande guerra da rachadura da calçada da rua Pinheiros”. Um dos avós dela viajou quase 800

metros com Lewis e Clark. Você sabe que hoje ela morre? Que você é a morte dela?

Eu queria ter um carro novo. Hyundais não têm graça.

Na época de Noé, havia uma criatura pequena, menor do que se pode enxergar. Depois de uma longa jornada e muitas dificuldades, hoje, os descendentes dela estarão no seu escritório. Neste momento, ela está em seus momentos finais no botão de micro-ondas, desesperada para se reproduzir antes do fim. O drama é incrível, na verdade. A narrativa é intricada. Você não acreditaria em todas as reviravoltas e guinadas que aconteceram para ela estar ali.

Por que eu preciso trabalhar com o Daniel nessa? Daniel é a pessoa mais chata do universo.

A criatura viverá. Amanhã você terá conjuntivite.

Eu não conseguiria acreditar em um Deus que faz os olhos coçarem. E as remelas no canal lacrimal são um insulto a mais.

O apóstolo Paulo diz: Deus criou seus olhos. Ele não pode torná-los vermelhos?

E quanto a Des Moines? Como um esquilo, uma formiga e um embaixador da conjuntivite podem *me* ajudar com *meu* problema?

Quem é você? Em que tipo de livro você se encontra? Qual é o conflito? Se você lesse essa história, vendo um narrador (realmente) onisciente descrever sua pessoa, seus pensamentos mais profundos, suas inseguranças e todos os seus desejos, você teria algum problema em aconselhar sua personagem? Seria muito difícil dizer quando a personagem foi motivada por egoísmo ou orgulho? Gostaria de ver essa história escrita? Gostaria de ver a si mesmo como você *realmente* é, com nenhum dos seus pensamentos ou impulsos omitidos?

Talvez você não seja um pastor de jovens lascivo, um conselheiro de abstinência hipócrita ou um vizinho ladrão. Mas, você é algo. Um amigo traiçoeiro? Um pai inseguro e abusivo? Um marido infiel? Uma mulher ressentida? O quê? Percorra seus pensamentos, cada um deles, não importa quão pequeno, fugaz, horrível ou pornográfico. Projete-os em uma tela para o público. Nós o

condenaríamos em um piscar de olhos — como você poderia nos condenar. Um bom autor poderia até trabalhar com o que é conhecido, as coisas que você de fato deseja que os outros vejam. Você é um murmurador birrento? Reclama do tempo? Você sabe quanto trabalho eles tiveram com esse sistema de tempo? Talvez haja ressentimento de qualquer obstáculo, algo que torne seu dia mais longo ou difícil. Você acha que não é valorizado. Com esse jeito de pensar sobre todo o mundo à sua volta (mãe, irmãos, colegas ou até a mulher), se sente desvalorizado. Qual é exatamente o seu valor? O planeta sentiria sua falta se você deixasse de existir? A raça humana hesitaria?

Você está sempre no palco. Nós estamos sempre em um romance, e mesmo quando nenhuma outra personagem está por perto, a arte continua. A audiência triúna assiste. Você recebeu um corpo. De seus antepassados vieram seus pontos fortes e suas fraquezas naturais. Sua história está toda pronta. Você foi desenhado, descrito e colocado em um palco como nenhum outro — o globo. E você recebeu liberdade para atuar. Sua história já

começou. Ela começou quando um sortudo e ávido espermatozoide subiu ao ponto mais alto do pódio e ouviu o hino nacional. Uma batida de cauda mais lenta e você seria outra pessoa. Você se chamaria Teresa agora e não seria você. Teresa teria sido melhor nessa coisa de vida. Teria sido mais bonita. Boa no piano. Amada por todos os seus conhecidos.

Ou não. Aparentemente, você foi digno de ser trazido ao palco. Mas, por quê? Você é um figurante na cena de outra pessoa? Está aqui por um acaso? Um alívio cômico? A garota que tira a blusa e inicia o filme de terror? Sua presença aqui é para se apaixonar por acaso, receber uma bela vida e, então, queimá-la toda no inferno por cinco curtos minutos no motel A2? Você serve de lição para os outros?

Todos nós estamos assistindo. Todos somos assistidos.

Para alguns, isso pode parecer glamoroso. Toda a ideia de estar em um romance, filme ou *reality show* é muito atraente.

Nós sabemos que tipo de pessoa é essa.

Conseguimos perceber a superficialidade, a frivolidade de seu egocentrismo. Mas, por algum motivo, eles não conseguem. Por algum motivo, nenhum de nós consegue quando estamos concentrados em nos fazermos de idiotas. Escute seu diálogo. Examine seus pensamentos. Fique horrorizado. Agradeça por Deus amar personagens e amar personagens em jornadas, personagens a lutar com honestidade para crescer. Se outra pessoa recitasse suas falas, você gostaria dela? Se outra pessoa mantivesse a atitude igual à sua, ficaria impressionado?

Eu amo a história. Amo estar na história porque há besouros, minha mulher, meus filhos com olhos esbugalhados, cócegas na barriga, o aroma da terra, mãos que empolam, vespas, mariposas e vento aromatizado. Amo assistir à história porque ela me mostra quem sou e quão longe preciso ir. Porque ela me nocauteia e espera para ver se vou me levantar. Porque estamos sempre à beira do penhasco e o perigo é real. As escolhas diante de você nunca vão embora. Cena após cena são dadas, e o fervilhante universo na audiência aguarda sua

reação, sua fala, espera para ver se você vai gritar com a criança gordinha que derramou o leite ou se você vai rir e beijá-la. Que tipo de pai você será na história *deles*? A corcunda nas costas que sempre as assombrará, aquele que lhes deu traumas para superar? O que é muito ocupado? O beberrão? O traidor?

Caminhe pelo penhasco. Observe-se caminhando pelo penhasco. O oceano está sempre lá, devorando.

O que sua personagem fará quando coisas pequenas acontecem, quando seu carro o trai no frio? Quando os canos congelam? Quando Deus congela a calçada debaixo de seus pés de forma deliberada? Quando o sol se põe com beleza enquanto você alfineta sua mulher? Você ri das piadas e ama o amável? É importante demais para se divertir com sua finitude? Você não está ciente de que evacua todos os dias? Quão sublime é você?

Uma vez, um amigo me contou como ele perdeu as pontas dos dedos. Ele entalhou sua história com cuidado. Acalentou-a — sangue na serragem, surdez pelo choque, diálogos iniciais. Ele se

apresentou como um anti-herói completo, com delírios, hilaridade sob o efeito de anestésico e atração pela enfermeira.

Eu gargalhei. Ele gargalhou. Ele queria que eu risse. Uma outra amiga que ouvia disparou contra nós.

“Por que vocês estão rindo?”, ela perguntou. “Isso é horrível.”

Eu e meu amigo olhamos um para o outro.

“Porque é engraçado”, eu disse.

Ele bufou e levantou a mão. “Foram só os meus dedos.”

Meu cunhado perdeu as pontas dos dedos em um cortador de grama. Elas foram reimplantadas. Pelo menos, até que ele bateu uma na porta do carro e ela se soltou. Ele jogou no lixo. Ele tinha compromissos.

❋

No cais, eu me viro para a última olhadela. A tempestade está enchendo o píer de areia. A chuva pinga em meu capuz e desce pelo nariz. Minhas pernas ficam irritadas ao se mexer dentro do jeans molhado.

O oceano se estatela. No horizonte, o céu cinzento encontra o mar cinzento e os dois tornam-se um, uma ininterrupta muralha de tempestade. Mais perto, as ondas se levantam por trás do farol.

“Frio”, eu digo.

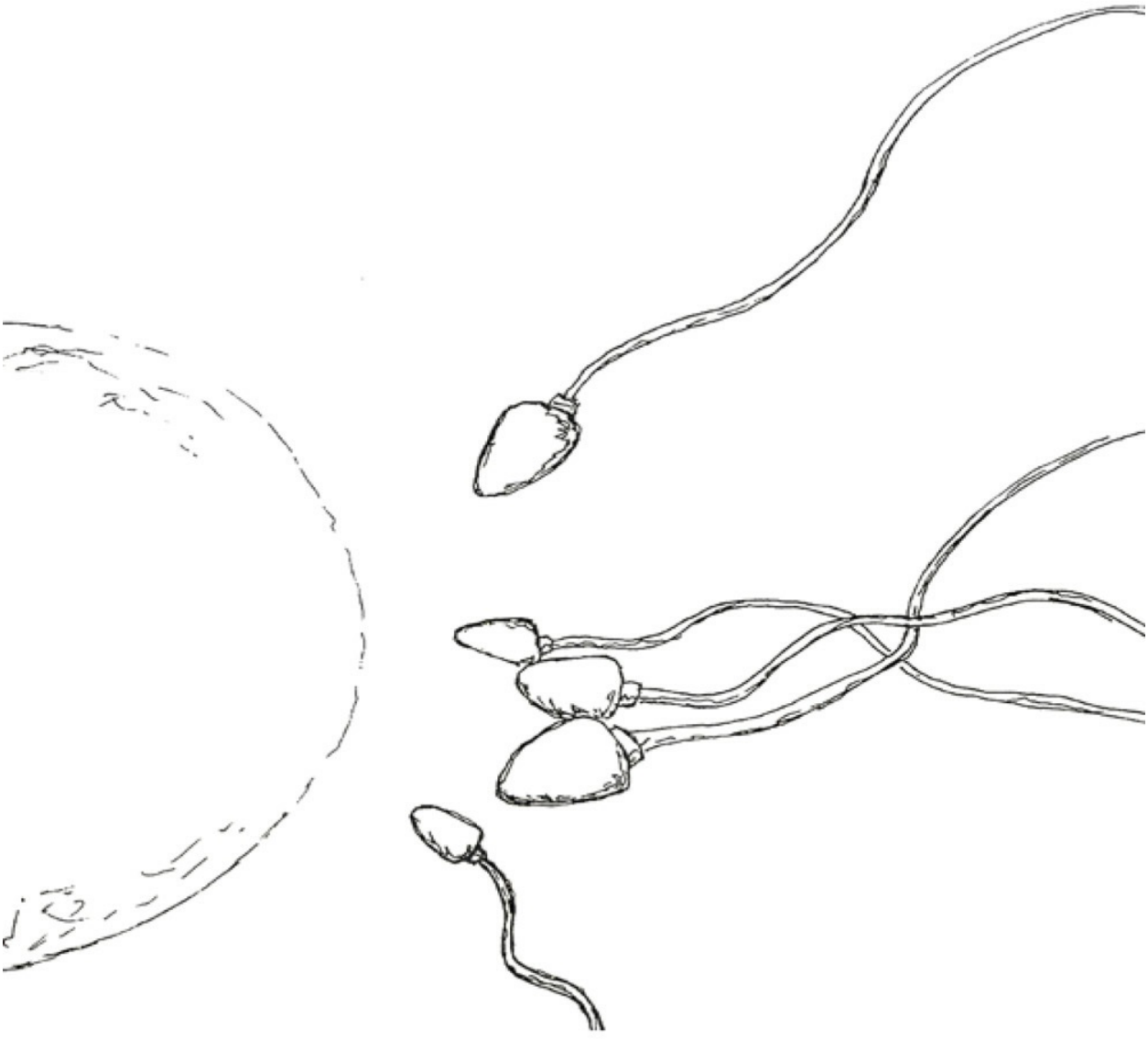
Frio, Deus diz. E molhado.

A cadência é agitada. Eu sou parte de uma fala, uma palavra de uma coleção escolhida para este dia, esta cena. Suas sílabas salgadas mordem minhas bochechas e ele continua a falar:

As praias devem ser lavradas, ele diz. Os leitos de algas marinhas cresceram demais. Os penhascos precisam de novos buracos. Os ricos que moram no penhasco precisam de novas goteiras. Os mares estão pedindo para serem agitados. Os tubarões precisam sentir-se pequenos. As focas e os golfinhos estão rindo. Eles sempre estão. Você poderia aprender com eles.

“Frio”, minha mulher diz. E nós voltamos.

Pedras falantes



NESTA MANHÃ, eu cuspi em uma árvore. Espero que ela não tenha se importado. Queria cronometrar o quanto demorava para meu cuspe congelar. No entanto, fiquei distraído ao colocar o cinto de segurança do meu filho. Quando terminei e olhei de novo, a estrutura molecular havia se expandido e a árvore tinha um pequeno brilho extra, uma pequena cintilação no tronco. Minha arte. Minha expressão pessoal.

Menos de dois minutos.

Resumo de teoria da arte destilado a partir de Tolstoi (e outros): arte é a comunicação de uma experiência ou sensação, real ou imaginada.

Frio é uma sensação. Ela já foi comunicada?

Essa onda de frio me agrada. O frio é do tipo que sábios, sacerdotes e meteorologistas referem-se como “congelante”. É necessário que a temperatura esteja a zero grau para fazer gelo. Hoje todos os graus sumiram. Eles tiraram folgas coletivas e ficaram em casa usando moletom. Não posso culpá-los. O retrovisor normalmente os conta-os para mim. Zero.

Quando eles não estão por aí, as coisas ficam intensas.

Meu filho espera em seu banco, mas há algo que devo fazer primeiro. Algo pelo que tenho esperado. Inalo com força pelo nariz e sinto o beliscão de cristais de gelo se formando nas minhas narinas, puxando seus pelos com discrição. Inalo com mais força, puxando minhas narinas contra a estrutura central do nariz. Aconteceu. Eu paro de respirar. Minhas narinas se fecharam congeladas.

Eu ando em volta do carro saboreando a sensação. Se alguém se oferecesse para apertar meu nariz, o carteiro, por exemplo, recusaria de maneira mais ou menos polida. Mas, quando o mundo faz isso, quando uma mão intangível, mas gelada, faz a oferta, não posso recusar.

Existir nesse poema é o maior dom que qualquer criatura finita pode imaginar. Ser insignificante e ainda ganhar uma fala, receber cenas minhas e só minhas, cenas em que a audiência se limita ao próprio Autor (cenas que eu muitas vezes estrago), estar aqui com meu nariz congelado, ter sido moldado com pelo menos tanto cuidado quanto um

floco de neve (embora eu seja mais difícil de derreter), e ouvir, sentir, ver, provar e cheirar a densa poesia de Deus, isso me basta.

Exalando, sinto o desgelo. Eu deveria estar dirigindo. Estamos atrasados, e o jardim de infância não espera por ninguém.

❄

Para mim, é estranho que nos momentos frios, com minhas bochechas rachadas e os dentes ressecados, eu esteja mais perto do sol do que estarei no calor de agosto. Tudo se explica com refração e reflexo. Onde estou agora, no alto do meu planeta nativo, estou inclinado distante do sol. A distância entre nós é menor, mas estamos tendo problemas de comunicação. A inconveniente atmosfera armazena uma fatia do amor solar para si e a redução na energia é o bastante para tornar flocos de neve possíveis.

Eu tentei ponderar sobre a bizarrice de nossa posição exata no espaço. Se conseguisse calcular probabilidades dessa natureza (se alguém conseguisse calcular probabilidades dessa natureza), então gostaria de saber quais são as

chances de uma imensa esfera acabar girando em torno de uma esfera flamejante ainda maior (sem despencar nela, por enquanto), posicionada exatamente na distância correta, de tal modo que as temperaturas sejam frias o bastante para não nos fazer contorcer como os pelos do pulso perto de uma churrasqueira, e quentes o bastante para não acabarmos como os mamutes surpreendidos com o rápido crescimento das geleiras. (Imagine uma geleira rápida o bastante para esgueirar-se e cobri-lo de gelo enquanto você inocentemente mastigava uma flor). E o menos provável: o eixo de nosso "lar bola de boliche" está inclinado, pendendo o bastante para que, de um lado da volta anual (pelo menos onde vivo), estejamos tostados e acendendo fogos de artifício e, no outro, toquemos sinos e esquentemos chocolate. Quais são as chances? Alguém sabe? Algum apostador de Las Vegas estaria disposto a me dizer as chances de isso acontecer de novo?

Probabilidades. Elas são os profetas de um deus mecânico. Suponha que o supervisor supremo dessa realidade seja alguém chamado Acaso (com luzes

no cabelo e péssima habilidade de gerenciamento), e suponha que tudo na existência aconteça de forma aleatória (graças a ele), sem consideração pela beleza disso. Vamos explorar a improbabilidade total de algo assim um dia acontecer.

Diz o rumor que os homens normais enviam pelo menos oito milhões de espermatozoides nadadores por óvulo a cada ato sexual. Não se incomode em adicionar variações ovulares ou o número total de espermatozoides que tiveram alguma chance nos dias férteis de sua mãe quando você foi concebido (ou a possibilidade de que ela poderia ter ouvido o conselho das amigas e rejeitado seu pai). Sejamos simples e muito conservadores. A chance de você estar aqui é de cerca de uma em oito milhões. Engraçado. Essas são as minhas chances também. As chances de nós dois estarmos aqui? Uma em 64 milhões. As chances de nós dois estarmos no mesmo planeta redondo, inclinados longe o bastante do sol para que nossas narinas congeladas se fechem, mas não morramos? As chances de nós dois estarmos no mesmo planeta redondo girando em torno da mesma estrela com seis bilhões de

outras pessoas muito individuais, todas existindo ao mesmo tempo? Isso me deixa cansado, como o frio. Não sei como números maiores que um *googolplex* são chamados, em especial pelo fato de um googol ser maior que o número de partículas elementares no "universo observável" (seja qual for o significado disso), e um googolplex é um número 1 com um monte de zeros depois dele. Eu soube que todo esse conceito foi inventado por um menino de nove anos chamado Milton.

Mas, não vou parar agora. Ainda não. Mais uma rodada de probabilidades. Comece com seus avós. Quais eram as chances de todos os quatro piscarem, chorarem e descobrirem que existem? Supondo que o fato de sobreviverem, encontrarem-se e casarem-se seja algo inevitável (e limitando as variáveis a um único ato reprodutivo etc.), quais as chances de seus pais serem concebidos? Supondo que o fato de eles se encontrarem e produzirem você também fosse algo certo, quais as chances de o resultado ser você?

Uma em 2.097.152… espere… eu acho que fiz bobagem aqui. Duodecilhão? Não. Isso tem apenas

39 zeros. Deveríamos apenas dizer “indefinido”? Você entendeu, certo? Ou seja, você não tem a mínima chance de estar aqui e deveria desistir de tentar. Manter as esperanças doerá mais que você não existir. Nós somos um mundo de ganhadores da loteria. Para cada um de nós, vivo neste momento, para cada parto, houve pelo menos 7.999.999 perdedores. Eles nem mesmo sabem como quase existiram.

“Eu queria nunca ter nascido”, o adolescente chora.

“Cala a boca, Randy. Há oito milhões de outros garotos que estariam querendo existir neste momento se ao menos eles pudessem querer.”

Quais são as chances de algo pintado por Rembrandt ser bonito, poderoso e digno de estar na sua parede? É algo certo. Pode apostar. O acaso não tem nada que ver com Rembrandt. O acaso não tem nada que ver com qualquer coisa até onde posso dizer, graças a Deus. Se tivesse, o mundo seria pior que uma tela de Jackson Pollock.

O ar que estou respirando e que descongela minhas narinas, onde ele estava uma semana atrás?

Onde ele estava há um ano? Essas moléculas de carbono e oxigênio que eu vaporizo no cosmo, onde elas estavam quando Roma ardia em chamas? Que árvore, que peixe, que estranha ou criatura bizarramente normal usou esse carbono em sua carne, bombeou esse oxigênio em seu sangue? Eu estou respirando partes do cavalo de Genghis Khan? Sem dúvida, esse carbono começou há muito tempo, em um cardo distante ou um pedaço de tronco. Quantas vezes ele foi consumido, expelido e consumido de novo? Quantas reencarnações ele teve ou estou trabalhando com ar virgem? Eu duvido. Respirar onde nenhum homem respirou antes é mais difícil do que parece.

Ao observar as estrelas, há momentos em que eu subitamente me arrepio e sinto um tipo de vertigem cósmica, momentos em que minha mente abre o zoom, e estou olhando para mim mesmo sobre esta bizarra bola de gude, momentos em que posso ver as hostes celestiais, estrelas amontoadas por cima e por baixo, quando o mundo de fato parece tão grande e indômito quanto é. O mundo pode me deixar enjoado. Ele pode me fazer rir de nervoso

até minha mandíbula doer. Não sou muito velho para esse brinquedo? Quando foi a última inspeção dele? Não consigo achar meu cinto de segurança, e consigo ouvir alguém gritando para sair.

Mas, não são sempre as estrelas, não são sempre as imensas extensões dos céus, que fazem meus joelhos tremer.

Houve um dia, anos atrás, um dia entre o inverno e a primavera, quando o sol começava a descer e achar seu rumo em nossa atmosfera angulada e o gelo se tornava água viva, gotejando de árvores pontiagudas. Eu me assentei tremendo em um tronco que tinha caído junto a um riacho, observando a água correr abaixo de mim. Pequenos montes arborizados nos rodeavam. Foi ali, escutando o sussurro da inquietação líquida, que comecei a sentir esses pensamentos, quando comecei a sentir-me como uma palavra entre palavras, entendendo a linguagem divina da criação, mas incapaz de falá-la por mim.

Eu sabia o que Deus estava dizendo. Ele me deu olhos para que eu pudesse enxergá-lo a dizer. Deu-me ouvidos para que pudesse captar os ritmos,

ruídos e rimas. Minha pele pode ficar tensa, provocada por sua respiração, e se sobressaltar. Minha língua pode provar essas palavras, a água, as folhas de pinheiro, até o tronco que me sustentou, mas eu não consigo proferi-las. Nós lhes damos nomes, criando atalhos para elas com sons menores, sons que cabem em nossa boca.

Árvore, eu digo, e você sabe o que quero dizer. Você vê uma em sua mente ou olha através da janela e se lembra da poda urgente. Árvore, Deus diz, e há uma. Mas, ele não diz a palavra *árvore*; diz a própria árvore. Ele não precisa de atalhos. Não está apenas chamando uma à existência, embora sua voz crie. Sua voz é a existência dela. Aquela coisa em seu quintal, aquela macieira esquálida ou o abeto imponente, aquela coisa não é o referente da palavra dele. Ela é a palavra dele e seu referente. Se ele parasse de falar, ela não existiria. Ou você acha que suas moléculas, átomos e *quarks* são feitos de algum tipo de matéria misteriosa e autossustentável que sempre existiu e sempre existirá, alguma massa de modelar infinita ou hidrogênio, louvado seja? Talvez houvesse um

Adão *Quark up* e uma Eva Lépton? Talvez Deus tenha encontrado um pouco de matéria infinita e a encheu como um balão, e agora ela crepita e cospe enquanto gira, sustentando a si mesma? Talvez o balão tenha se encontrado e se enchido sozinho. Confie na infinidade da matéria se quiser, e o acaso escreverá a história. Ele misturará páginas, palavras, rabiscos de diferentes línguas, o nariz de outras pessoas e pequenas porções de fios, rodará tudo em um triturador e os borrifará em seu quintal. Aproveite seu livro.

Imagine um poema escrito com palavras tridimensionais tão enormes que foi preciso inventar uma palavra menor para fazer referência a cada uma das grandes; tivemos de reescrever tudo em letras minúsculas, esmagando-as em duas dimensões, apenas para falar sobre ele. Ou não imagine. Olhe para fora. A linguagem humana é nossa tentativa de navegar pela linguagem de Deus; somos nós correndo por entre as linhas de seu poema épico, escalando as vogais e construindo casas com as consoantes.

Vê isso aqui?

O quê?

Essa grande pilha de pedras que vai até onde o ar fica rarefeito?

Sim. Ela tem um monte de sílabas.

Vamos chamá-las “montanha”, está bem? Quando eu digo montanha, isso é o que significa. Será mais fácil que construir uma toda vez.

Ela vai explodir?

Vamos chamá-la “vulcão”.

Nós sentimos a necessidade de nos comunicar com os outros sobre essa coisa sobre a qual estamos, essa coisa girando de onde não podemos sair. Nós combinamos linguagem e imaginação, e fazemos o melhor. No entanto, as palavras nos faltam. Elas são apenas ruídos no ar e tinta achatada em uma página. Então, nós pintamos. Cutucamos a argila. Desenvolvemos teorias de arquitetura. Escrevemos poemas e romances, e produzimos filmes independentes granulados. Tudo para comunicar… “como o mundo nos faz sentir”? Para fazer os outros sentirem o mesmo? Para doutrinar? Para lembrar os outros do que todos sabemos, do que todos vemos, do que todos

sentimos e, então, fazê-los passar por isso de novo?

Nós imitamos as palavras de Deus, mas nossos ruídos são insuficientes. Rabiscamos as margens, como crianças se esforçando para capturar a capela Sistina com pintura a dedo em um prato de papel. O que mais podemos fazer?

Meu pai usa um marcador azul para lembrá-lo das coisas boas que lê, mas ele tem problemas em se ater a pores-do-sol, tempestades ou gritos de certas aves na primavera. Seu violão é mais útil.

Um pensamento de Clive S. Lewis, resumido e retirado de seu *habitat* natural: “A arte não tem valor de sobrevivência; antes, dá valor à sobrevivência”.

Naquele dia, sentado em meu tronco nos primeiros movimentos da primavera, a corrente do rio me deixou estupefato. Eu me assentei, observando, tentando compreender sua absoluta solidez. Sim, sua solidez. Poderia ter pulado nela (talvez) e ainda estaria além da minha compreensão. Queria saber quantas moléculas estavam deslizando por mim a cada minuto. Queria saber onde elas passaram a vida, vida que

remontava ao princípio do mundo. A maioria delas provavelmente já tinha sido neve, delicada até pouco tempo atrás, revelando-se agora no duro e violento mundo da rápida correnteza nas montanhas. Antes da neve, o que elas tinham sido? Vapor saindo de uma vaca? Evaporação de uma piscina infantil? A maioria provavelmente foi oceânica. Ex-ondas. Mas, e antes disso? Quantas vezes cada uma dessas moléculas caiu do céu, contribuindo para algum cantinho de um floco de neve? Quantas vezes divorciadas em hidrogênio e oxigênio solitários, quantas vezes casaram-se de novo? Elas haviam viajado, sem dúvida. Estavam por aí quando Moisés lidou com o mar Vermelho. Elas estiveram lá? Elas ouviram sobre isso dos amigos?

Em algum lugar no mundo há água que correu pelo corpo da própria Palavra quando João, seu primo, o batizou. Sem dúvida essa água ainda existe, ignorada pelo homem, conhecida apenas pelo Autor desta história. Gotas foram escolhidas para servir como suas lágrimas por Jerusalém, outras foram escolhidas para esperar no seu lado

pela perfuração de uma lança romana. Elas transbordaram e completaram seu chamado poético, um floreio na história, um quadro dentro de um quadro.

Entretanto, essa água se aposentou? Ela não tem mais uma tarefa? Deus se certificou de que elas nunca mais passassem por um reservatório de privada ou umedecessem os lábios ressecados de um mentiroso? Por que ele faria isso? Ele nunca se tratou como sagrado. Esse é nosso papel. Somos nós que corremos para as relíquias e conjuramos outras quando são difíceis de encontrar. Retornemos a meu tronco, de volta ao momento perdido, engolido por sensações esquecidas. Tem alguma parte do mar Vermelho flutuando acima de mim enquanto me inclino sobre meu poleiro? Estariam as lágrimas de Cristo, as águas de seu lado, misturando-se agora com urina de gado, neve derretida e pilares de vapor rançoso expelido por chaminés comerciais? As baleias soltam jorros de gotas sagradas na costa do Oregon? Ou essas gotas lavam as mãos de um assassino?

Deus molda cada molécula de água com o

cuidado dado por ele a seus flocos de neve? Ele não precisa de atalhos para nomeá-las, nem de categorias gerais, pois conhece cada uma delas, até a última. Sabe onde elas estiveram e para onde estão indo. Conhece-lhes a singularidade e quais das antigas gotas santíssimas agora estão em relacionamentos que aterrorizariam qualquer sensibilidade humana. Se eu pudesse saber a história completa de um centímetro cúbico da correnteza, então eu poderia conhecer a história do mundo.

Quanto a Deus, seu Filho transformou água em vinho. E, assim, terminamos a história antes que ele transformasse o vinho em urina. (Deveríamos negar que ele o fez?)

Eu cuspi em uma árvore no frio congelante. Mas, o que era de fato aquele cuspe? Onde ele estará quando eu tiver virado presunto?

Eu queria que essas coisas pudessem falar comigo — troncos, correntezas e todas as suas partes. Mas, todas elas *estão* falando comigo. São precisos todos os meus cinco sentidos, extrapolação mental e imaginação apenas para ouvir as coisas a

meu redor neste momento. Elas não usam a minha taquigrafia, elas não sabem minha língua bidimensional, achatada e sem vida. Minha língua pode fazer o som do “t”, mas é incapaz de fazer um tronco. Escreva-me uma história de cada coisa que existiu, achatada sobre páginas. Amontoe-a no seu idioma. Um livro, um volume por coisa, uma página por ano. Isso deve resumir o suficiente. Eu retirarei todas elas da biblioteca e me debruçarei sobre cada página — juro. A história de uma pedra brita em seiscentas páginas. Uma diferente história de seiscentas páginas para cada pedra brita — vulcões, inundações, britadeiras, equipes de asfaltamento. Você não compra a ideia da terra jovem? Beleza. Adicione as páginas adicionais. Eu as lerei também.

O Criador infinito tem uma capacidade de concentração infinita, um infinito amor aos detalhes. Em sua história, cada elemento do palco deve ter uma história completa. Cada figurante deve ter genealogia completa. E o cenário deve ser convincente. Não poupe gastos. Deve haver gráficos tridimensionais, efeitos sonoros

convincentes e algo para quebrar o pano de fundo negro do céu noturno, algo de bom gosto como alguns bilhões de sistemas solares flamejantes e borbulhantes, cuspindo mundos coloridos e estrelas faiscantes, distantes o bastante para conseguir um brilho discreto (como meu cuspe na árvore). Estrelas de verdade são ilegais na maioria dos estados. Você precisa fazer uma reserva antes.

Eu já assisti a cientistas tentando explicar como seria encontrar uma criatura da quarta dimensão (você sabe, a quarta). Todos concordam. Nós nem mesmo saberíamos que ele era quadridimensional. Apenas o sentiríamos e interagiríamos com ele nos termos de nossas três dimensões, do mesmo jeito que um cego interpreta o mundo nos termos de seus quatro sentidos remanescentes.

Todos nós somos cegos. Quantos sentidos são possíveis que não estão inclusos em nossa natureza? Como será o modelo completo? Como poderíamos saber? Todos estamos limitados a cinco sentidos (pelo que sabemos) e devemos viver e interagir com o mundo, com a arte e a linguagem grandes demais para nós. Mas, também temos a

imaginação e o impulso criativo próprio. Assistimos, estudamos, tentamos traduzir e entender a enormidade da história que se passa à nossa volta. Tentamos processar uma peça escrita *pelo* infinito *para* o infinito. Ficamos sobrecarregados. Sentimos essa história de uma série de maneiras além da mera soma dos sentidos físicos. Sentimos empatia e simpatia. Lamentamos. Nossos corpos tremem e nossos olhos vertem água quando alguém é tomado, quando outra personagem, que amávamos e conhecíamos, desaparece de nosso alcance sensório. Rimos. Quando as coisas nos surpreendem e nos agradam com suas reviravoltas e guinadas, nossos lábios se descortinam e mostramos os dentes. Algumas pessoas perdem seus olhos dentro da pele do rosto, e todos nós experimentamos espasmos nas entranhas, o diafragma momentaneamente desarticulado, imitando a imprevisibilidade do que acabamos de ver.

Recebemos muitas ferramentas para viver no mundo, para nos tornar parte da audiência e atores no palco. Você pode sair de tela (se for apenas

superficialmente) e examinar uma parte da pintura. Nós estamos presos na arte, mas a arte é tão profunda que somos autoconscientes. Somos incapazes de focar na história de cada pedra, incapazes de descobrir como cada molécula em cada floco de neve é de verdade, incapazes de assistir à grande corrida da nossa própria concepção.

Mas, *precisamos* ver tudo? Observe o que está a seu redor. Sinta o que está à sua volta. O que está sendo dito; qual o sabor da história que rodopia no seu parágrafo imediato e qual sua personagem? Você está mais ranzinza do que precisa ser? É ingrato? Encontra apenas um elemento da história, uma nota da canção e, então, fica por ali? Esquilos são atropelados neste mundo. Pessoas, jovens e velhas, morrem e deixam o palco. É tudo o que você enxerga? Então, escolha sua música de acordo. Pegue um delineador preto, fique em casa e não vá trabalhar.

Quando observa as estrelas, você se desespera com a própria pequenez? É incapaz de ser apenas um floco de neve na nevasca dessa realidade? Sente

medo de espaços abertos? Da grandeza de Deus, do oceano violento e do fato de que, em algum ponto, seu tempo aqui terminará? Ou sua pequenez é causa de riso?

Há uma alegria avassaladora que crepita em cada canto do mundo. Eu sou minúsculo, mas estou aqui. Recebi sentidos, consciência, existência, e fui colocado em um palco tão lotado com a vastidão, tão abarrotado com a pequenez, que não consigo fazer nada além de rir, e, às vezes, rir e chorar.

Viver faz a morte valer a pena.

Ayn Rand (condescendentemente simplificada): “A arte concretiza as abstrações metafísicas do homem ao retransmitir a ele a importância de sua existência”.

Isso é tudo?

É difícil ficar concentrado com tantas coisas girando a meu redor. Deus me distrai. Ele nunca para de falar e jamais consigo parar de ouvir.

Há uma razão para dormirmos.

Há uma borboleta (meus filhos e eu só assistimos a isso em um filme) que não se preocupa com suas

crias. Ela bota um ovo em uma folha e voa. O ovo eclode e a larva despreocupada rola para o solo.

Ela morrerá. Ela não tem como alimentar-se, saber o que é o mundo, ou aonde estamos indo ou mesmo que vida e morte são diferentes uma da outra. Todavia, ela não se preocupa. Há formigas neste mundo.

As formigas coletam a larva e a levam para seu ninho, descendo por seus túneis e depositando-a junto às suas larvas nas câmaras-berçário. Ela é maior que a larva de formiga e é cor de rosa. Mas, as formigas não se importam. Elas a mantêm limpa e alimentada.

Os cientistas dizem que as formigas não conseguem distinguir. Talvez, não consigam. Talvez, consigam. É suficiente para elas que haja um órfão negligenciado. Seu tamanho, cor e espécie não têm importância. Nós ignoramos a boa ação delas e enfatizamos a ignorância. Talvez a ignorância delas seja a boa obra.

Pelo menos, há uma vespa que pode perceber a diferença entre as larvas adotadas e as biológicas. Do ar, ela localiza ninhos de formigas que

receberam esses filhos adotivos. Ela invade. Entorpecendo as formigas em confusão, a vespa desce com rapidez pelos túneis, caçando o que já sabe estar ali. Na câmara das larvas, a vespa ignora as formigas larvais. Observa a rosada e, quando encontra uma, a vespa sobe nela, arqueando suas costas e abaixando seu abdômen, empalando o bebê limpo e bem nutrido. Um único ovo é posto dentro da larva, e a vespa parte, buscando outras, perfurando o máximo possível delas antes que as formigas confusas recuperem a sanidade.

Cada larva endurece, virando crisálida e transformando-se em sopa no interior de paredes rígidas. A sopa se modifica. Enquanto as formigas observam, duas criaturas nascem. De cada pupa não atacada, nasce uma borboleta que arrasta asas moles e azuladas; o inseto segue seu caminho para o solo. As belas asas se abrem e se endurecem no sol. As formigas observam. É um filho para se orgulhar.

A outra crisálida também se rompe, e uma vespa corre para a superfície.

Vespas são vilãs em muitas histórias.

Quanto à efemérida, ela passa a vida debaixo d’água. Seu ciclo é incomum, complicado e difícil no mundo dos insetos. Não é o caminho mais fácil. Não é um arco confeccionado pela natureza para buscar vantagens reprodutivas. Nenhum deus pragmático projetou isso.

Por dois anos, as efeméridas nadam abaixo da superfície. Quando elas finalmente alcançam o ar, peixes e pássaros salivam. Os machos sobreviventes sofrem transformações e transformações até alcançar a idade adulta.

A vida adulta durará trinta minutos. O macho não tem estômago nem boca. Ele tem apenas um pequeno estoque de energia larval e nada a perder.

O frenesi báquico começa. Meia-hora. Meia-hora para voar, lutar e acasalar. Meia-hora para evitar os peixes pulando e os pássaros mergulhando, e vencer a resistência feminina.

Por favor, eu tenho apenas trinta minutos de vida.

Isso pode funcionar no mundo humano, mas as efeméridas são duras na queda.

Sinto muito. Você e todos os caras que eu

conheço.

Ela podia estar a fim. Ela podia não estar. De um jeito ou de outro, você estará morto na hora do almoço.

Gilbert K. Chesterton (do *Illustrated London News* [Notícias Ilustradas de Londres], nada menos que isso): “A arte, como a moralidade, consiste em traçar a linha em algum lugar”.

O que é arte?

Você é. E a efemérida. E toda vespa que já viveu. E o severo inverno vencido pela primavera. A maternidade. Grama. Júpiter. Seu vizinho irritante.

A arte é.

✻

O sol está aquecendo agora, ou a atmosfera cansou-se de lutar. Formam-se poças na rua. Os graus estão de volta. O gelo nunca vence.

Digo adeus para os flocos de neve. Vocês viveram mais que as efeméridas.

Não se preocupe com isso, eles dizem. Estamos indo para um lugar melhor.

Onde?

A maioria para o oceano. Alguns de nós caminharão, alguns voarão. Uns têm agenda na Ásia. Sem ofensa, estamos prontos para tocar a vida. Não há muito acontecendo aqui além do cachorro.

Desculpe pelo amarelo. O cachorro não é meu.

Os flocos ictéricos riem. Não nos importamos. Aquela água de cachorro teve uma boa vida. Ótima história. Foi uma honra.

✻

Você entende a fotossíntese? Em especial toda a parte de “fazer árvores e folhas e frutos a partir de ar rarefeito”? Vá soprar naquele arbusto. Você não consegue ver, mas o arbusto vai transformar sua respiração em suco de morango. Nós podemos melhorar esse nome. *Fotossíntese*. Eu sugeri “magia verde”, mas ninguém me escuta.

A grama está reaparecendo, marrom e cansada, empacotada em túmulos de relva. Porém, o sol a trará de volta. Eu já li essa história antes, mas não acho que consigo estragá-la se revelar o final. Tudo volta à vida e ela vai ficar tão espessa que

precisarei cortá-la. Repetidas vezes. Nós inventamos máquinas especiais.

Esse ar é frio, mas parece quente porque não está me mordendo. A primavera não chegou, mas a promessa de primavera já. Eu me sinto como um ermitão do Antigo Testamento, um profeta esperando o mundo descongelar, esperando por dias maiores e o sol mais luminoso, esperando por um mundo novo voltar à vida.

O açafrão será o primeiro, do lado sul da casa. A primavera vale a espera. A vida vale a morte.

Eu caminho até o muro de pedras cinzentas da rua. Algum cachorro deixou um presente de inverno ao lado da porta do meu carro. Não vou pensar sobre o que esse material era antes, ou todas as coisas maravilhosas que ele pode se tornar. Penso no que é agora, nesta fala da história. E, nesta fala da história, eu tenho uma tarefa a cumprir.

Quando ela está cumprida, eu me inclino contra as pedras e observo o cinzento mundo derretido, junto ao tronco da árvore agora sem meu brilho.

Eu gosto do meu muro de basalto. O musgo

cresce bem nele, e é um bom lar para as lesmas de 12 cm que deixarão trilhas lustrosas na calçada durante o verão.

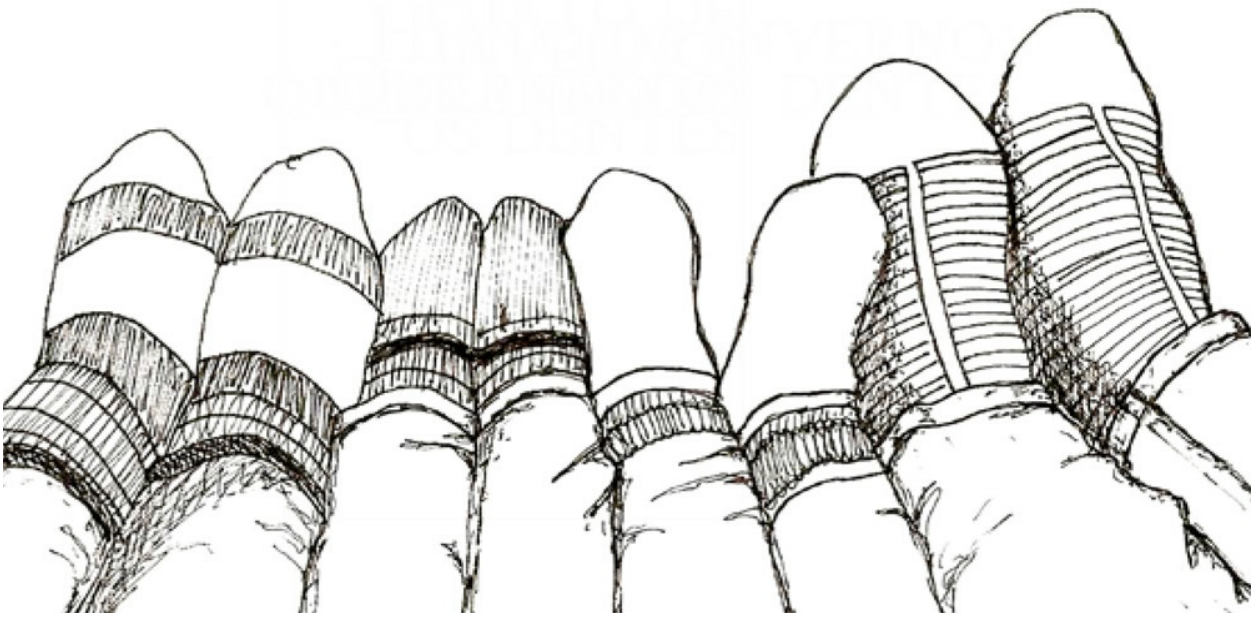
Certa vez, essas rochas explodiram. Em algum momento, elas foram líquido, vomitadas por um planeta.

Eu dou um tapa em uma.

Ela não diz nada, mas diz algo. Todas as palavras dizem. Pelo menos, ela significa ela mesma, um muro de contenção para mim e um lar para as lesmas.

GOSTO DE PALAVRAS QUE PODEM LEVAR TAPAS.

Hiato de inverno:
quebrando os dentes



EU VEJO MEU AVÔ A CAMINHAR entre montes de neve cavados por uma pá, movendo-se com lentidão sob o fardo da vida. Ele está a uma quadra da janela do escritório onde estou, mas, ainda assim, consigo ver seus lábios se mexendo, incapazes de engolir de volta os hinos e orações dentro dele. Ele é meu ancestral, pai do meu pai, um velho jarro, rachado e a verter calor pelo caminho.

Volte duas décadas atrás. Vista-me meu pijama, e posicione-me em outra janela, uma janela na velha, vergada e rachada casa amarela. É véspera de ano novo, aniversário de casamento de meus pais. Lá fora, o mundo é frio, e a noite provavelmente passou da metade, adentrando os primeiros momentos sombrios de um jovem ano. No inverno, porém, a escuridão da meia-noite assume um sabor diferente. Profundos, brancos e brilhantes enxames de cristais se acumulam sobre os montes e se empilham com perfeição sobre cada galho de árvore. Eu permaneço, tremendo, a observar pela janela um mundo pérola fulgurando sob a face da lua, tão claro quanto silencioso. Uma

floresta de grossas formações de gelo se estica para baixo na janela lateral, curvando e turvando o luar.

Há muito meus avós estão dormindo, mas minhas duas irmãs cuidam de mim, empacotadas em seus sacos de dormir ao lado das brasas pululantes da lareira da sala de estar, protegidas das faíscas por uma cansada tela de arame.

Meu avô é como essa casa. Outrora forte e jovem, agora suas vigas e traves cedem ao fardo do longo uso, mais pesado até que os montes de neve em seu teto e os dentes de gelo que se estendem das calhas para baixo. O jovem fazendeiro de Nebraska remou para a Marinha. Ele serviu bem na Coreia. Dedicou a mente afiada e a boca de buldogue à vida de caçada a almas. Embora muitas de suas vítimas agora continuem seu trabalho, ele não se deterá até que seu teto desabe sob o inverno.

Da janela, de volta à minha juventude, tremo de novo. Minha pele se arrepia em regiões montanhosas, mas eu saboreio o frio. Esse frio, esse calafrio e a corrente de ar que sinto atravessar a antiga estrutura de vidro me preparam para o belo abrigo de calor que é meu saco de dormir. O fogo

estala, tentando-me, mas permaneço parado, observando o frio a rastejar, maravilhando-me com as pontas de gelo. Na casa, elas são as linhas de frente do inverno — um muro de Berlim erguido (ou descido) entre a vida hibernante e o frio mortal. A casa é como seus ocupantes. Ela nunca foi egoísta com seu calor. O calor é sua dádiva para o mundo, e as pontas de gelo se formam em retaliação. Todos os anos, nesta noite de inverno, quando nossos pais saem, meu avô acende o fogo, bloqueia-o com uma tela e coloca nossos sacos de dormir no chão ao lado dele. Às vezes, ele derruba os sofás sobre seus rostos e os empurra para formar um forte. Ele sempre permite que queimemos coisas inapropriadas no fogo — no geral, lixo — e as estranhas cores dançantes nos entretêm enquanto deitamos no chão, cochichando.

A lua estreita por entre os galhos das árvores, e as formações de gelo curvas capturam sua luz. Essas são as pontas de gelo que ameaçam alcançar o solo, os dentes do inverno a roer a casa, deformando as calhas.

Vou até a porta e enfio os pés pequenos em botas

gigantes. Não precisarei de um casaco. Eu já estou com frio.

Minha irmã mais velha se senta. A porta se abre e o inverno invade, abocanhando friamente minhas canelas, braços e rosto, deslizando de forma invisível pelo chão até os sacos de dormir.

Eu estou do lado de fora, a porta está fechada, e minha pele é da cor do luar.

Não consigo tremer. Minhas juntas estão se endurecendo. Caminhando pela calçada, apresso-me até o canto da casa, na direção do maior dos dentes de gelo. Uma avalanche de neve ocorre para dentro das minhas botas. Agulhas de ar, espinhos de gelo me furam quando agarro a ponta maior. Um terceiro se solta sobre minhas mãos. O restante junta-se à carnificina de gelo logo abaixo. Pegando um pedaço, eu o lanço na fileira de dentes restante. Uma mandíbula quebrada. Presas tombam.

Eu me viro, tremendo, e corro de volta à casa, de volta ao calor.

Petulância com o inverno, desdém e desrespeito para com o frio eram importantes para a gente naqueles dias. O frio não podia ser nosso mestre.

Meus filhos têm um nome para a minha avó. Ela é Chi-Chi-Pa. Eles lhe deram o nome da canção japonesa que ela canta, uma relíquia de seus dias de missionária, um tempo em que ela podia caminhar sem titubear e que a dor não era parte tão grande de sua existência. Ela sorri e ri quando meus filhos roubam o andador dela, quando a primavera rouba parte do cenário do inverno.

Até onde me lembro, ela já escolheu os hinos do próprio funeral. Tem amor, calor e alegria, mas não pode evitar a expectativa do fim. Está ansiosa para que o gelo deixe suas juntas, para que seus olhos queimem cintilantes. E trabalhou por muito tempo. Tem filhos e uma filha que a amam e honram. Ela já viu a rica colheita de quinze netos e trinta bisnetos. É feliz, mas está ansiosa.

Quando o colapso final chegar, quando o gelo triunfar, pelo menos ela não terá parte com o luto. Deixe o inverno vir. É o único caminho para a primavera. A casa está baqueada com o frio, mas, por dentro, há um calor que não pode, nem irá morrer.

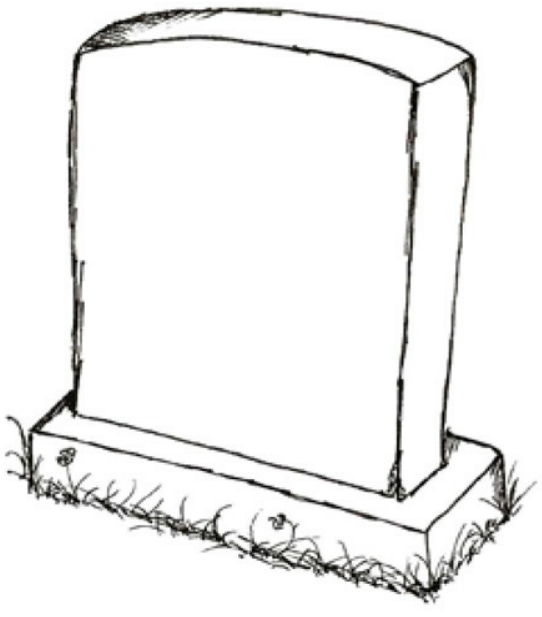
Minhas duas irmãs estão acordadas,

conversando, sussurrando para mim e rindo em silêncio enquanto fecho a porta e tiro minhas botas, com a farpa de gelo gotejando em minhas mãos.

Dentro da antiga lareira, há um estranho fogãozinho com portas de ferro abertas e uma tampa de ferro lisa. A ponta de gelo derretida é colocada sobre a tampa, e nós três nos amontoamos para assistir. O dente de inverno gira, chia e se contorce de dor enquanto diminui, deixando uma trilha escura que desaparece com rapidez.

Nós assistimos até que nenhum traço permaneça, até que a mordida invernal seja levada aos ares de modo invisível. Então, em triunfo, enfiamo-nos de volta nos sacos de dormir e observamos o fogo, certos de que não dormiremos antes das brasas, sem temer o inverno, ninados com conforto pelo calor, ninados até dormir por seus sussurros.

Desvele o mundo



PRIMAVERA — olhe para o sol.

Eu estou comendo meu almoço em um cemitério. Sementes humanas foram plantadas em pequenas filas organizadas. Postes de pedra marcam a colheita.

Minhas costas estão contra uma parede e, enquanto mastigo, meus olhos vagam.

A menos de três metros de mim, um Richard foi plantado. Ele foi plantado há três décadas. Há um espaço na pedra para outro nome, espaço na terra para outra semente, completando um par.

O sol brilha, mas menos do que eu esperava que fizesse. O solo está molhado e frio. Estou em Maryland, demorando-me atrás de uma antiga igreja cinzenta. Jovem, a primavera ainda cambaleia.

O sol anima o solo em que bate, mas apenas brevemente. Nuvens, condenáveis nuvens, interferem em sua graça.

Não importa. As sementes precisam de mais do que o sol pode dar.

Fico em pé e caminho pelas filas, lendo placas e

predições. Certo tempo e esforço foram investidos nesses marcadores, dinheiro gasto para nos lembrarmos de onde aguar, capinar e observar, para não nos esquecermos de onde colocamos outra ervilha do nosso casulo.

Há uma pequena pedra que chama minha atenção, momentaneamente emoldurada em um sorriso dourado rápido demais para as nuvens conterem. A luz passa, mas a pedra permanece, do outro lado do terreno da igreja, ameaçada pelas costas por uma sebe descomunal.

A água se infiltra ao redor dos meus sapatos enquanto caminho, e não consigo deixar de pensar em como essas camas devem ser. Mas, a umidade é boa para o jardim.

Lembro-me do sol, das nuvens e do frio sete dias atrás. Eu me lembro da sebe se avolumando em torno da pequena pedra. Recordo-me de estar parado a observar, agachado, lendo o nome e decidindo jamais esquecê-lo.

Mas, eu me esqueci. Alice? Margaret?

Sei apenas que a garota jaz no solo há cinquenta anos, contava dois aninhos quando sua vala foi

cavada e que flores novas, amarradas com um cordão, repousam em seu túmulo.

Alguém não precisa desse lembrete de pedra, e a separação de cinquenta anos permanece tão recente quanto as flores. Para mim, mesmo a pedra não era suficiente. No final, todos nós seremos esquecidos. Mortes são tão comuns quanto nascimentos. Mais comuns.

Em Cabo Cod, minha mulher e eu vimos pequenos e apertados jardins de túmulos passarem por nossas janelas enquanto viajávamos para o mar.

As pedras eram finas e desgastadas, cortadas e entalhadas muito superficialmente para uma longa memória. Aqui há sementes no solo, plantadas ao acaso, com estacas confusas ou apagadas. O que crescerá? Podemos apenas assistir e esperar pela primavera. Tomates, talvez. Abobrinha. Mas, é Cabo Cod. Haverá uma grande colheita de marinheiros. Quantas dessas pedras de fato marcam túmulos? Quantas foram colocadas *in memoriam*, exibindo apenas um nome engolido pelo mar? Um nome esquecido até pela pedra.

No restante do país, plantamos nossos mortos.

Nós os cultivamos no solo, o mesmo solo que nos dá nosso alimento. Por toda a história do Cabo, muitos milhares foram plantados no mar. Seus nomes foram gravados em pedra e na alma de quem os amava. Seus corpos engordaram a safra de lagosta.

Observe o mundo. Veja morte e dor, injustiça e luto. Como isso poderia ser um poema se Deus é o Poeta?

Mal, o problema do.

Se Deus é todo-poderoso e bom, então como pode haver mal no mundo?

Opção 1 (de três, de acordo com David Hume, o escocês cético): Deus é todo-poderoso, mas não é completamente bom. O mal não é problema para ele.

Opção 2: Deus é bom, mas não todo-poderoso. Ele vê todo o mal no mundo, mas é impotente quando se trata de fazer algo a respeito. Se serve de consolo, ele faria algo se pudesse. Pelo menos, achamos que sim.

Opção 3: Não há Deus. Bem-vindo ao moedor do Acaso.

Façam suas apostas. Apostem sua vida.

Gottfried Leibniz (imagine um cérebro matemático, mais uma filosofia racional e otimista, mais uma enorme peruca do séc. XVIII) muito provavelmente tem provocado o uso deste argumento mais que qualquer outro pensador. Ele empurrou os atributos de Deus na direção oposta. Se Deus é bom (ele começou), todo-poderoso e perfeito em todos os sentidos, então este deve ser o melhor de todos os mundos possíveis, um mundo que não pode ser melhorado. Sem dúvida, um Deus onipotente não poderia criar menos que isso.

Evidentemente, o raciocínio de Leibniz parece correto (considerando seus axiomas). Porém, isso não o impediu de ser zombado — em sua época, e em cada departamento de filosofia até o presente.

Eu o admiro por isso.

Em *For the Time Being* [Por enquanto], Annie Dillard tenta manter Deus por perto e fazê-lo bonzinho (para não dizer piegas). Assim, ela (como muitos outros) descarta a onipotência. “A coisa menos provável pela qual Deus pode ser responsabilizado consiste no que as seguradoras

chamam ‘atos de Deus’.”

Vai nessa. Katrina não foi ele. Nada envolvendo falhas sísmicas tem relação com ele. Pare de olhar assim para Deus — ele nunca chegou perto de um tornado. Ele existe, é amigável, mas se você se meteu em apuros, talvez queira fazer um pacto com o diabo. Procure quem está no comando, eu sempre digo. Você pode voltar atrás depois, e talvez vire um guitarrista muito bom enquanto isso.

Creso não era um luminar da inteligência (apesar de ter inventado o dinheiro). Ele era o rei de Lídia e, quando uma de suas concubinas deu à luz um leãozinho, ele naturalmente consultou um oráculo.

“Carregue o filhote em torno dos muros de sua cidade, e ele se tornará invencível”, ela disse, falando em nome de Apolo.

Creso o carregou pela maior parte do caminho ao redor da cidade, mas deixou de fora o topo de um penhasco. Ninguém conseguia escalar aquela parte.

Qualquer criança saberia o que viria em seguida, mas, ao que parece, Creso não leu as histórias certas quando era jovem. Quando um deus lhe dá um conselho, é melhor evitar seus olhos, deixar a

cabeça baixa e se certificar de que seguirá tudo à risca. Se não fizer, esse deus virá atrás de seu escalpo.

A não ser que você conheça um deus maior ou, melhor ainda, seja parente de sangue de um.

Exércitos vieram, escalaram o penhasco, e Creso, o homem mais poderoso nessa área do planeta, uniu-se ao grande ciclo da vida.

A tropa de Agamenon foi abandonada em uma ilha no caminho para libertar o mundo dos troianos — os navios morreram em um mar sem vento.

O coitado teve de sacrificar a própria filha apenas para conseguir dos deuses o vento que precisava. Para piorar tudo, depois de mais de uma década de devastação na costa da Ásia Menor, fazendo apenas o melhor para sustentar a família, ele chega em casa e sua mulher irritada (e sem filha) o assassina no banho.

Honestamente, foi culpa dele?

Nós poderíamos falar sobre Édipo, o pobre e acidentalmente incestuoso rei parricida. O destino se esforçou com ele em níveis recordes.

Odisseu teve mais sorte. Vários seres com controle sobre os “atos de Deus” conseguiram fazer todos a seu redor serem comidos, afogados, viciados na flor de lótus e transformados em porcos. Netuno o queria morto porque ele cegou o Ciclope (em vez de apenas se deixar devorar), e Apolo deu um fim nos últimos amigos de Odisseu depois que estes comeram algumas de suas vacas sagradas. Odisseu foi até mantido como escravo sexual ligeiramente descontente de uma ninfa durante sete anos (ele chorava na praia à noite). Mas, no final, ele conseguiu tomar o controle. Zeus e Atenas o levaram para casa, permitindo-lhe matar todos os invasores que procuravam sua “viúva”.

Em relação aos heróis gregos, Odisseu teve umas boas décadas felizes.

Os antigos gregos tinham uma teoria: O mundo (e todas as pessoas nele) está aqui para ferrar você. Ferre-o(s) primeiro. Faça o melhor para apaziguar os deuses mais poderosos, mas, no fim, não fará diferença. Você comerá capim pela raiz. Se tiver sorte, as pessoas que ficarem farão algumas piadas no funeral.

Passando minhas mãos pelos lisos rostos das lápides de Cabo Cod, aprecio mais uma vez o céu noturno, observando inúmeras moléculas de água a passar por mim em uma corrente, contemplando pela janela enquanto conto flocos de neve.

Eu sou pequeno. Mal conseguiria me lembrar de todos eles, conhecê-los todos e, ainda assim, desejo. Cada uma dessas pedras marca a página final de um romance, uma página com nada além de um *finis*, centralizado e solitário. Só um bom romance pode me fazer gostar da página final. Com os melhores deles, em especial com os melhores deles, essa última página é agridoce.

Quero encontrar cada um desses colegas de elenco mortos. Desejo sentir seus punhos e observar as rugas ao redor de seus olhos quando eles sorriem. Quantos morreram em paz, felizes com seus finais, sempre sabendo que ocorreriam no mar? Ou, talvez, eles se surpreenderam por não ter sido assim, divertindo-se porque quem ficou teria de fato um corpo para plantar.

O sol e a chuva da primavera se misturavam enquanto minha mulher e eu passávamos esses dias

andando pelo Cabo. Eu observava o mar-túmulo, pensando sobre a frieza dessa morte, querendo um número, desejando saber quantos mortos ele guardava, quantos continentes guardavam mais.

Dirigindo pelo “dedo” de Massachusetts, encontramos uma pequena construção com aparência de prédio oficial edificada próxima às dunas. O vento e a chuva nos empurraram na direção dela.

Dentro, um homem sorrindo apontou para um cinema em miniatura.

“O filme está começando”, ele disse. “É sobre caça às baleias.”

Sozinhos, rimos em nossos assentos desconfortáveis. A tela ganhou vida e, de repente, estávamos olhando para os rostos dos mortos.

Em tom sépia, tremeluzindo e com andamento mais rápido que a velocidade normal, homens se movem em torno do convés de um baleeiro, o último baleeiro dos EUA. Pelo menos, assim o dizem.

Homens sem pernas e mãos, homens com rostos endurecidos pelo sal, que começaram a morrer no

dia em que nasceram, correm e escalam.

Canoas longas e arpões — a época que estamos assistindo está tão morta quanto as pessoas. Uma grande carcaça é amarrada a estibordo, e um homem sobe em suas costas. Tubarões se agitam na água enquanto ele, sozinho, corta a cabeça da baleia.

De alguma maneira, trazida à borda, a cabeça é posicionada com sua cavidade nos encarando, e um homem de um braço despeja o precioso óleo da caveira da baleia. Onde está *seu* túmulo? Ele sorri para a câmera, para essa coisa nova e estranha, um memorial que o lembrará mais do que pedra, por mais tempo que seu sangue e sua carne, um memorial que tremeluzirá para estranhos enquanto eles vagam pelas dunas.

Um narrador nos conta que esse navio e sua tripulação só fizeram mais uma viagem. Pegos por uma tempestade, o navio, como centenas antes dele, se espalhou pelo fundo do mar e foi destruído nos bancos de areia. Todas as almas foram perdidas.

O idoso que retirou o óleo. O garoto, ansioso e

rápido com as cordas, jovem para o mar. O corajoso marinheiro a enfrentar tubarões.

Eu tenho um memorial para esses homens pendurado em minha parede. Eu comprei assim que saí do cinema. É um mapa com listas e listas dos naufrágios conhecidos no Cabo — “desastres marítimos” de acordo com o rótulo.

Os navios têm nomes e datas. Mas, para os homens, há apenas números. Almas contadas. 125, 207, 34. Sem nomes, idades e minibiografias. Sem menção a esposas ou mães.

Agora, é mais fácil ganhar a vida no Cabo. Cultivam-se oxicocos, e há turistas para comprar sentimentalismo pirata.

Estranhamente, as taxas de mortalidade não caíram. Todo o mundo ainda morre. Mas, agora, os romances têm mais páginas (embora sejam menos interessantes). Demora mais para alcançar o FINIS.

Eu era jovem quando minha prima foi enterrada. Ela teve algum tipo de dano no cérebro durante o nascimento. Ela não podia viver sem máquinas energizadas por barragens contendo rios. Ou assim os doutores disseram.

Seu novo cordão, o cordão que dava força a seus pulmões, foi puxado da parede. Seu cérebro estava morto, mas seu corpo, sua alma, lutaram.

Para ela, o milagre da respiração era um milagre mais óbvio. Cada um soava como o último, cada um de cada dia, todos até seu segundo ano.

E, então, certa noite, já tarde, meu tio saiu da cama por impulso, foi até lá e permaneceu ao lado dela. Seu corpo, tenso e lutando desde o nascimento, relaxou. Seu último suspiro chegou, e foi o único suspiro tranquilo que ela deu.

Alexa foi plantada. Seu lugar, marcado. Não nos esqueceremos dela.

Não até sermos esquecidos.

❁

Negar o poder de Deus pode acalmar os nervos de alguns, mas sinceramente nem consigo começar a entender o porquê. Quando a montanha-russa me coloca de cabeça para baixo, me entorta e me envia por uma espiral estreita, não tenho conflitos filosóficos ou religiosos com a ideia de alguém no controle, ou sobre o envolvimento dos engenheiros ou se tudo isso, de alguma forma, é intencional.

Enquanto fico enjoado e grito, não aperte minha bochecha e tente me tranquilizar apontando para um funcionário em pânico operando controles desligados. Não segure minha mão, contando-me sobre as boas intenções dos engenheiros, mas a impossibilidade de eles saberem o que o brinquedo ia fazer ou onde ele terminaria quando eles o criaram.

Nessas histórias, vomitar é minha única opção. E, de preferência, em você.

Nós estamos em um mundo ligado por um deus que não sabe dirigir? Esse deus está com vergonha? Ele não sabia que flocos de neves vêm com avalanches, como as pitorescas vilas que elas destroem?

É claro que ele sabia. Esse Deus é grande, maior que o mundo. Ter fé é difícil na garupa de uma motocicleta, é difícil quando a “xícara-maluca” inverte a direção do giro, quando as luzes brilhantes viram um borrão contra o céu escuro. Porém, a fé traz consigo a única possibilidade de paz e alegria no mundo — a única possibilidade de riso neste louco, louco passeio.

Negar o poder de Deus é uma tentativa teológica de reduzir qualquer sentença que o homem escolha impor contra ele, de diminuir o ressentimento cósmico humano quando a história se torna sombria. Mas, se o Deus todo-poderoso, de alguma forma, torna-se mau por ter me dado dor, um Deus impotente é corrompido do mesmo jeito. Se me matar torna o Deus onipotente culpado de homicídio, a melhor saída para um Deus parcialmente potente é negligência em homicídio culposo.

Quais são nossas opções? Quem deu a partida neste mundo? Estamos falando de um Deus envolvido com a criação em algum sentido? Ou estamos falando apenas sobre algum ser macroevoluído que confundimos com a gerência?

Se Deus é o Deus criador, então ele tem responsabilidade. Se ele é a causa, o Artista de toda a realidade, então o que está em sua tela aponta de volta para ele, quer ele tenha feito com a meticulosidade de um mestre holandês, quer tenha jogado latas de tinta em um ventilador como um artista universitário desesperado para pagar suas

contas. Se há alguma culpa (o *se* é bem grande), então ambos temos parte nela. Se você tem algum padrão de mal maior que o próprio Deus, um tribunal grande o bastante para ele ser julgado, e autoridade para condená-lo, então, por favor, faça-o. Nós podemos discutir a defesa dele e a escolha do júri depois.

Mas, se Deus é o Deus criador e, de alguma forma, não tinha ciência do que estava começando, ignorava que o Holocausto aconteceria, chocou-se quando ouviu os planos de Hitler pela primeira vez, e se sentiu consternado por não poder detê-lo, então ele permanece a causa primeira de todo o mal. Deus começou uma cadeia de eventos além de seu controle.

“Mas, não foi de propósito. (Esfregando as mãos.) Como ele iria saber que tudo iria tão rápido para o inferno? Ele esperava que as pessoas agissem mais como a Moranguinho.”

Não pense que isso lhe garantirá a absolvição. Ele pode não gostar do mundo-acidente que criou, mas deveria ter sido mais esperto. Se esperamos que alguém seja mais esperto, esse alguém é Deus.

Ele anda bebendo? Eu alegaria insanidade.

Deus foi o primeiro a chorar. Isso é confortador? Ele é o primeiro a receber as más notícias. Se ele tivesse sido um pouco mais rápido. Ou talvez, “sabe, ele realmente sente muito. Quando ele inventou o fogo, não percebeu que poderia queimar a pele. Eu espero que você se lembre de tudo o que ele disse sobre perdoar. Inscreva-se já”.

E, claro, a não existência de Deus é nada mais que uma opção absurda. As próprias categorias de bem e mal exigem algum tipo de padrão transcendente. O que torna as coisas boas? O que torna as coisas más? De modo geral, os ateístas abrem mão da ideia do padrão absoluto de moralidade. Afinal, o vazio espiritual e a inexistência de algo além do simples universo material não é um meio de alcançar um sistema ético. Moralidade é preferência cultural (que não se pode chamar certa ou errada) e fundamentalmente relativa. Ela tem (sendo generoso) a mesma autoridade que os limites de velocidade do Brasil em uma autoestrada americana à noite.

Neste mundo, pessoas são estupradas — e o

estupro é ruim. Pelo fato de o mal existir, Deus não existe. Por não haver nenhum Deus — não existe nenhum padrão detentor de autoridade acima da criação — a malignidade do estupro é reduzida à mera questão de preferência social. Cozinha étnica, ética étnica. Na ausência de Deus, a essência do estupro não é mais má. Em nosso país, você ficará confinado em uma cela (se preso e condenado), mas isso apenas significa que impomos nosso gosto, não que nosso gosto tenha qualquer autoridade sobre alguém mais. Em outras sociedades, garotas são passadas adiante e trocadas como figurinhas. Isso é certo? Isso é errado? Nenhum dos dois. Você gosta de abuso; eu gosto de torta de maçã. As duas discussões existem no mesmo plano. Não há isso de moral e imoral. Neste país, comem-se quibes. Em outro, come-se pizza. E vamos multar você por passar no sinal vermelho.

Estonteante. Essa sabedoria é como um beijo na boca.

Citando um dos profetas contemporâneos: “Você e eu, garota, somos nada além de mamíferos, vamos fazer como eles fazem no Discovery

Channel”.[1]

Eu assisti ao Discovery Channel. Gosto dele. Mas, naquele mundo, se eu quiser me reproduzir com você (ou despedaçá-lo), só preciso ser maior e mais forte. Você parece bem pequeno e um pouco doente. Posso usá-lo para alimentar meus filhotes? Por que não? O canibalismo pode não ser tolerado em sua cultura, mas ele conta com uma longa e célebre tradição na minha. Você está dizendo que sua cultura é superior, que é de alguma forma certa, enquanto a minha é errada? Você está sendo racista, mas, felizmente, ainda é pequeno, e mesmo racistas são saborosos em uma caçarola.

Em algumas colmeias, há um ponto no início do inverno em que as abelhas operárias se rebelam. Elas começam a pôr ovos por conta própria, ovos não fertilizados que ainda vão chocar (estranhamente), mas apenas machos. A rainha fica furiosa e come os ovos de suas damas tão rápido quanto elas podem pô-los. Elas estão desesperadas por suas crias e os põem do jeito mais discreto possível, mas é em vão. A rainha os devora.

Por fim, desesperadas e agitadas, as operárias se

voltam contra a rainha, ferroando-a até a morte. O inverno começa com essa guerra civil. Nenhuma abelha sobreviverá até a primavera.

Eu nunca poderia acreditar em um Deus que permite tamanhas trevas, que permite que abelhas sintam dor e frustração, que permite que romances russos aconteçam no mundo dos insetos. Quanto mais na Rússia.

Nietzsche foi honesto. Ele entendia que não era tanto uma questão de negar a existência de Deus quanto de não gostar dele. Quer Deus existisse ou não, Nietzsche não se importava. De *O Anticristo:*

O que nos separa não é o fato de não reencontrarmos nenhum Deus nem na História nem na Natureza, nem por detrás da Natureza, mas de sentirmos o que é honrado como Deus, não como 'divino', mas como lamentável, absurdo, nocivo; não apenas como erro, mas como crime contra a vida… Negamos Deus enquanto Deus… Se alguém nos demonstrasse o Deus dos cristãos, ainda menos acreditaríamos nele.

O ateísmo verdadeiro é absurdo. Se há algo chamado belo, algo chamado bom ou mesmo algo

chamado mau, então há um padrão transcendente que determina cada um deles. Um ateísta pode dizer que a sociedade prefere mães a assassinos, mas não pode afirmar que deveria ser assim. Diga-nos o que é. Mas, sem Deus, você não pode dizer o que *deveria* ser.

Um ateu pode nos dizer que é uma boa pessoa, que nunca roubou um cortador de grama ou assassinou a própria mulher. Eu acredito nele. O que ele não pode me dizer é o que há de fundamentalmente errado no furto do cortador de grama e no assassinato da mulher. Ele tentará, mas não pode mudar o fato de que, em seu mundo, não existe erro fundamental.

Deixe o homem com os maiores exércitos e a voz mais poderosa criar as regras. Judeus, ciganos e homossexuais que se danem.

Eu não gosto dessa imagem. Observo o mundo e vejo beleza. Vejo amor e perda, nascimento e morte, alegria e sofrimento. Contemplo um mundo em que as cores existem e recebemos com generosidade olhos para vê-las. Este é um mundo em que o pão tem um cheiro quando é assado e,

simplesmente, aconteceu de termos um nariz para cheirá-lo. Cor, aroma, som, sabor — isso poderia passar desapercebido; poderíamos não ter os sentidos nesta realidade, rodopiando por aí como tantas partículas dispersas. O nariz foi inventado primeiro ou foram os cheiros? Nossos olhos ou o que ver? Peitos ou desejo?

Nós fomos criados como receptores. Eu observo as estrelas, a grama, o rosto gordinho dos meus filhos, minhas unhas e sou tomado de gratidão.

Eu recebi uma barriga para poder ter fome. Recebi a fome para poder ser alimentado.

Observo o espelho do ateu. Eu observo sua fé na inexistência de sentido. Observo a pregação e pintura dele. Não vejo nada além de uma tempestade de estrume.

Por que eu passaria por essa porta? Por que viveria no seu livro?

❃

Guilherme de Occam imaginou ter deduzido um princípio útil do universo. Ele é conhecido como sua “navalha”.

Se todas as respostas forem idênticas, a mais

simples é a mais verdadeira.

Todavia, por que a simplicidade deveria ser a rainha? Onde você vê simplicidade neste mundo? Precisamos voltar para probabilidades e possibilidades? Você precisa me convencer de que não poderia existir aqui?

Na Virgínia, viveu um homem chamado Roy Sullivan. Ele foi atingido por raios sete vezes. Eu soube que as chances de isso acontecer são, *grosso modo*, de 1,6 x 10 elevado à 25.a (16 septilhões). Isto equivale a um homem ganhar a loteria estadual quatro vezes, embora a sorte seja de uma diferente estirpe. Encontre a explicação mais simples.

Roy acreditava em Deus? Deus gostava dele?

Em 1983, com 71 anos, ele se matou. O raio não teve nenhuma ligação com isso. O rumor era que (de acordo com a Reuters) ele tinha levado um fora.

✻

Três cartões-postais aguardam nossa leitura, sim, três visões de mundo.

Primeira: Eu vejo um parque temático com muitos brinquedos, mas ninguém pode controlá-los e ninguém sabe como os passeios terminam.

Aconselhamento para enlutados, entretanto, está incluído no preço do ingresso.

Segunda: Vejo um acidente. Uma explosão de algum tipo habitada por formas de vida acidentais. Um leite derramado tornando-se bacteriano, mas com mais fogo. Não há sentido, propósito ou controle. Ele apenas existe.

Terceira: Vejo um palco, um mundo em que cada cena é elaborada. Ali homens atuam em uma tapeçaria; sentido e beleza existem, certo e errado são mais que construtos imaginados. Há o mal. Existem trevas. Há o inverno da tragédia, o fim de toda vida, a conduzir de volta ao solo. Mas, a tragédia leva à primavera. A história não termina em morte no gelo. Os campos estão semeados em luto. A colheita será feita em alegria. Contemplo a pintura de um Mestre. Escuto a prosa de um Mestre. Quando as trevas descerem sobre mim, quando eu estiver no meu canto do palco e escutar minha deixa, quando souber que minha cena final chegou e devo partir, irei para o solo como milho, aguardando o Filho.

Eu vejo meu mundo.

Em *A Cadeira de prata*, o paulama Brejeiro é todo sabedoria ao refutar a feiticeira enquanto ela nega a existência do mundo no qual ele crê. Mas, como ficção infantil não é muito respeitado na Academia, fingirei que aprendi isso com Blaise Pascal.

E se eu estiver errado? E se a primeira opção for a mais verdadeira possível e Deus está perdido nos controles do mundo que ele construiu? Bem, então serei culpado de superestimar Deus. Ou, usando palavras ainda mais fortes: eu o idolatrei. Ah, bom.

Quanto à segunda opção: se o mundo é realmente um acidente e destituído de sentido, e você e eu não temos mais valor no cosmo que um bolor de pão, e a beleza e o bem são construtos artificiais imaginados em uma explosão, construtos controlados por reações químicas do acidente e sem correspondência necessária com a realidade, então meu mundo imaginário infantil ganha do seu mundo real de longe. Afaste-se de mim. Afunde-se no seu acidente borbulhante. Brejeiro e eu vamos ficar aqui.

David Hume merece uma resposta direta para o

problema do mal? Ele nos ofereceu falta de sentido e, em troca, nós lhe demos um túmulo em Edimburgo. Também há uma estátua. Ela apropriadamente está manchada e tem aparência de oficial. Ele está sentado, envolto em uma toga, revelando um tórax delicado e a apoiar uma tábua no joelho. Ele está morto, sua estátua é fácil de ignorar, mas suas reclamações permanecem. Elas viveram antes dele, e vivem agora. Enquanto houver cristãos, esse argumento — mal como evidência de um Deus ausente ou inexistente — gritará contra eles do meio do campo de batalha, jactando-se como Golias. Mas, é um Golias? Ele parece furioso o bastante, ameaçador o bastante, mas parece menor, muito mais como um Nietzsche de um metro e meio que um gigante filisteu.

Quanto ele pesa? Cinquenta quilos? Você já tentou acertá-lo com uma pedra?

Como um Deus bom e todo-poderoso poderia permitir o mal no mundo? Ou, de um ângulo um pouco diferente: como um Deus bom e todo-poderoso poderia permitir David Hume no mundo?

Eu odeio ter que fazer isso, mas, para responder

à pergunta, precisamos saber o que é o mal. E precisamos saber qual padrão existe que o distingue do bem.

É difícil assim definir? Não é mais um lugar em que os filósofos vestem colantes e fazem acrobacias importantes e lentas? Bem, sim, na verdade é. Entretanto, podemos ser mais rápidos e, se possível, menos ridículos. Ou, talvez, aceitar que o ridículo seja uma rota melhor.

Agostinho propôs que o mal era a ausência de bem, o que ele chamou de privação. O mal não existia como uma coisa, mas era usado como um adjetivo para descrever as ações carentes de virtude positiva. Assim, como o mal não tinha existência independente no mundo, Deus não era manchado por ele.

Mais para o leste e menos cristão, você encontrará teorias do bem e do mal que devem lembrá-lo de *Star Wars*. Bem e mal são forças impessoais, sustentando uma à outra em equilíbrio. Busque o equilíbrio. Um excedente de bondade pode provocar um *tsunami*. Em muitos sistemas, o mal é equiparado à desordem ou ao caos. O bem

consiste no que é organizado e regular. Nesses sistemas, a criação muitas vezes é uma questão de entalhar, moldar ou domar o caos primordial. Essa loucura subjacente sempre tenta se libertar, dando-nos o “mal”.

Em *Eutífron* (um dos esquetes de Platão), a questão é levada para uma direção diferente. Os deuses amam o que é bom porque é bom ou o bom é bom porque eles o amam? O que veio primeiro: o ovo ético ou a galinha ética?

Entretanto, Hume critica com especificidade a visão de mundo cristã, a ideia de um Deus criador dando-nos esta realidade — sombras e tudo mais. Na tela cristã, na história cristã, o que é mal?

Nota marginal: Em última análise, esta é uma exploração de uma posição mantida em fé. A crítica de Hume é que os princípios do cristianismo não são internamente consistentes entre si. A fé é inevitável e boa, mas a fé em contradições é inútil.

Porque Deus é bom, porque ele é infinito, porque ele é perfeito, porque ele é supremo e não há padrão acima dele, o mal é o que lhe desagrada. O mal não é algo existente como uma gosma

infiltrada pelas costuras da realidade. Não é uma força que pode te fazer vestir uma capa negra, um elmo e dar asma. Mau é um adjetivo. É um adjetivo usado para descrever as ações humanas (e seus efeitos) contrárias à natureza de Deus. Respondendo à pergunta de Platão com o inevitável paradoxo que essas questões ovo/galinha exigem (em especial quando lidam com o infinito): Deus sempre existiu. Ele sempre foi bom. Portanto, a bondade sempre existiu. Deus é o padrão vivo de bondade; assim, as coisas são boas quando são como ele. Ele as ama por serem boas — algo inevitável, considerando que elas espelham sua natureza.

Está claro? Talvez, devêssemos apenas ter respondido: “os dois”.

Como (no sistema cristão) Deus é o padrão do bem e do mal, a questão pode ser reformulada. Como pode um Deus bom e todo-poderoso permitir em sua criação coisas que lhe desagradam? E podemos acrescentar Leibniz aqui para apimentar um pouco.

Considerando a perfeição divina, este é

realmente o melhor de todos os mundos possíveis? O melhor de todos os mundos possíveis inclui pessoas como David Hume?

No mundo cristão, há algumas respostas favoritas para essas perguntas. Alguns pensadores dão uma medalha a Leibniz por ter andado na trilha certa, mas ele é reelaborado. Este não é o melhor de todos os mundos possíveis, mas é o melhor de todos os caminhos possíveis para o melhor de todos os mundos possíveis — a saber, o céu.

Conectada a esta resposta está a réplica à questão do mal. O mal existe no mundo porque Deus criou o homem como agente livre. Com a liberdade (obviamente), veio a capacidade de fazer certo e errado, de agradar e desagradar a Deus.

Mas, que preço. Por que a liberdade humana é tão importante a ponto de bilhões de vidas serem sacrificadas em seu altar? Porque o céu povoado por almas livres é um mundo melhor que o céu povoado por fantoches. E, dada perfeição divina, ele construiria o melhor de todos os mundos possíveis.

Ou assim dizem essas respostas.

Mas a liberdade, apesar da minha gratidão a ela, não é propriamente um bem. Ela depende da utilização que lhe é dada. Um praticante do bem livre obviamente é melhor que um fantoche praticante do bem. Porém, um fantoche praticante do bem parece bem superior a um estuprador em série livre. Uma raça de fantoches bem comportados (do meu humilde e crítico ponto de vista) é algo que eu preferiria a uma raça de citas seguindo seus apetites naturais entre as mulheres da vila mais próxima.

Como os citas têm existido no mundo, de modo literal e figurado, presumo que eles sirvam a um propósito melhor que ser mero monumento aos efeitos colaterais da liberdade humana.

Qual é o melhor de todos os sentimentos possíveis? Qual é a melhor de todas as coisas possíveis? A melhor de todas as criaturas possíveis?

Claramente, o melhor de todos os sentimentos possíveis é o que vem quando a agonia de passar tempo demais no carro com a bexiga sobrecarregada é finalmente aliviada. Esse doce

alívio permanece ímpar.

Sem dúvida, a melhor de todas as coisas possíveis é um palito de dente. Ou um sistema solar. Sistemas solares são coisas? Eles se qualificam? Do que estamos falando?

O ornitorrinco é a melhor criatura viva hoje, mas não é a melhor de todas as criaturas *possíveis.* Além de sua natureza mamífera, colocar ovos, o bico de pato, os pés com membranas, vida anfíbia, ele também poderia ter recebido asas de morcego, sonar e a habilidade de soltar explosões pelo traseiro como um besouro-bombardeiro. Falando francamente, eu sinto que uma oportunidade criativa foi perdida.

O melhor de todos os possíveis… o quê? Mundos não bastam. Que tipo de mundos são possíveis? A que estamos comparando? Para quê? O que é melhor: um martelo ou uma garrafa térmica? Uma faca ou um amendoim?

Eu não sei; qual é o objetivo? Para que serve o mundo? Se soubéssemos isso, então poderíamos chegar a algum lugar.

Se o objetivo do mundo era nos dar um caminho

fácil para a imortalidade, então temo que as avaliações do consumidor serão severas. Se o mundo devesse ser um palácio do prazer, onde nenhuma sensação chegaria a ponto de ser dolorosa, então isto é um fracasso. Eu bati meu dedinho no sábado. Na segunda, um grandalhão com acne no pescoço me deu uma cotovelada na testa. Meu crânio continua doendo, mas isso não machuca mais que saber que ele arruinou meu melhor de todos os dias possíveis. Eu estava indo bem. Entretanto, o golpe foi forte, penoso e, ainda assim, não trouxe danos permanentes (não que eu pudesse perceber). Além disso, a pancada ficou centralizada com perfeição na minha cabeça, elevando-se em pura simetria enquanto o inchaço crescia, e havia até uma ruga sanguinolenta onde a pele rachou, bem no meio da protuberância.

Foi potencialmente o melhor de todos os cotovelos não fatais, porém perturbadores, na cabeça de um autor que deveria estar escrevendo um livro, mas jogava basquete, em vez disso. Eu o congratulo.

O que é o mundo? Para que ele serve?

É arte. É a melhor de todas as artes possíveis, um quadro finito do infinito. Avalie-o como prosa, poesia, arquitetura, escultura, pintura, dança, *delta blues*, ópera, tragédia, comédia, romance, épico. Avalie-o como você faria com um ovo Fabergé, uma troca de tiros, um musical, um floco de neve, uma morte, um nascimento, um triunfo, uma história de amor, um tornado, um sorriso, um coração partido, um suéter, uma dor de fome, um desejo, uma realização, um deserto, uma sobremesa, um pulo, uma busca, uma queda, uma ascensão, uma árvore, uma queda d'água, uma canção, uma corrida, um sapo, uma peça, uma canção, um casamento, uma consumação, uma sede saciada.

Avalie-o dessa forma. E, quando você terminar, encontre uma formiga e faça-a avaliar as catedrais da Europa.

Esta é a pintura de um Artista infinito. É um reflexo dele mesmo (poderia haver um tema melhor?), trabalhado em cores, vidas e constelações, em um universo que nos parece infinito, mas que, para ele, é apenas uma moldura,

um espaço pequeno, um desafio cofinante para sua maestria.

Toda narrativa temporal da realidade é arte — inventada, compilada e costurada em um quadro cósmico e finito do infinito. Traga os tijolos e deixe-os criticar a cidade.

Nós usaríamos menos madeira, eles dizem. E não temos certeza de que concreto e aço se conectam bem mesmo com o tema de civilizações como organismos.

Traga a grama e escute como ela poderia melhorar o mundo.

As árvores são pomposas, e as pradarias têm pouca representatividade. Nós gostaríamos que diminuíssem os oceanos. Ou, talvez, poderíamos fazer uma pradaria flutuante. Vamos enviar o *design*. E quem quer que tenha aprovado o conceito de gado tem que ser demitido.

Onde você o melhoraria? Carros voadores? Menos cotoveladas na cabeça? Nascer de novo como membro da família real britânica? Uma alteração no que as mulheres mais bonitas desejam em um homem? Viagem no tempo?

Boas ideias. Definitivamente. Passe-as adiante.

Talvez você sinta uma responsabilidade mais séria. A seus olhos, o mundo poderia ser melhorado com facilidade. Menos pessoas poderiam morrer. A morte poderia ser banida. A fome mitigada. A sede saciada.

Mal — o que desagrada a Deus — sumiria.

Deveria ser assim. Mas, como? Quando? O que é que você está avaliando? *Orgulho e preconceito* seria melhorado jogando fora cada página anterior à resolução, apagando cada falha nos personagens, cada mal-entendido e disputa?

Certa vez, Ansel Adams tirou uma fotografia que ele chamou de “Jeffrey Pine, Sentinel Dome” [Pinheiro Jeffrey, Domo Sentinela]. É linda. Ele ficou onde estava, ele viu o que viu e pôde capturá-la, colocando-a em uma pequena moldura com apenas duas dimensões e nada além de combinações de preto e branco. O céu está lá, a rocha, o pinheiro Jeffrey.

A árvore cresce para a esquerda, mas é sinuosa, inclinando-se, espalhando-se pela fotografia na batalha contra o vento. Seus ramos musculosos

estão congelados em sua tensão, rijos; suas raízes agarram-se na pedra, combinando com a força do granito. Há uma montanha assistindo à distância, perguntando-se quem vencerá. A árvore lutou por esta vida, lutou neste permanente e incessante recesso.

O vento vencerá no final, mas, a árvore imperturbável é nobre. Eu não enxergo amargura ou ressentimento. Nós podemos esquecer, mas a árvore sabe que o mundo está girando, e tem se agarrado ao globo por décadas. Eu vejo orgulho nas raízes, gratidão por onde a luz bate.

Poderíamos melhorar o retrato? Como podemos não o tornar melhor, mas o *melhor*? Remova a tensão e o contraste. Remova o preto. Tudo. Remova o conflito e o inevitável fim.

Deixe o branco. Só o branco. E, agora, está perfeito. Perfeitamente pálido.

Se vivemos na arte, lutando no limite entre sombra e luz, incapazes de enxergar o todo, como podemos começar a julgar? Podemos ousar falar de uma pintura melhor, um romance melhor, quando vemos apenas uma simples frase, uma simples

página, e isso nos leva à tristeza?

Qualquer um dos galhos poderia reclamar. Há morte nos ramos. Eu poderia ser cheio e verde, não precisaria estar no vento, conectado à batalha. Há uma sombra se alastrando sobre mim. Estou com frio. Podemos ter mais luz? O contraste poderia ser mais suave.

E, assim, todos nós falamos. Cada um querendo que nossa posição seja um pouco mais confortável. Cada um querendo ver um pouco mais de alegria, um pouco menos de contraste, querendo pular o conflito, jogar fora o livro e poupar apenas a página final, o FINIS. Um mundo de lápides não teria guerras, dificuldades e reclamações. Assim também seria um mundo sem nascimentos ou amores, sem engatinhar, escalar ou caminhar, ou coisas crescendo. Um artista melhor teria deixado este mundo mais parecido com a lua, apenas com o espaço negro atrás, sem o contraste das arestas. Uma lua espalhada, quase infinita. Apague as crateras.

A pintura é pálida. A arte é anestesiada. Talvez, seja a melhor de todas as anestesias possíveis.

Paulo propôs o seguinte argumento: O fabricante de porcelana não pode escolher as funções de sua arte? A privada pode reclamar porque o vaso tem flores e um hálito mais agradável?

Imagine um pouco de sujeira negando a existência de Deus porque foi chamado para obstruir seus poros. Imagine você negando a existência de Deus porque tem poros que podem ser obstruídos.

Depois da quarta vez atingido por um raio, Roy Sullivan supostamente contou a um repórter que um poder maior estava tentando matá-lo.

Isso é ridículo. Um poder maior não estava tentando matá-lo. Isso teria sido fácil.

Cada um de nós irá para o saco no final. O truque mais impressionante é atingir alguém sete vezes com um raio e mantê-lo vivo.

Já aconteceu com você de algo tão irritante ocorrer, algo tão impossivelmente coincidente, que você sabe que deve haver um Deus e que ele deve estar rindo? Você quer ser a personagem do filme que não entende uma piada, que não consegue rir do constrangimento, do incômodo? Pior: a

personagem que não consegue rir de si mesma?

Se, em uma manhã, (com dedos molhados) você descobrir que a privada foi recoberta com papel-filme, negará a existência de seu colega de quarto?

Pergunte-se: Quem inventou seu colega de quarto e decidiu dar a ele um papel (além de certos impulsos e sensibilidades)? Reclame. Chore. Aja como uma criança mimada. A história precisa desses caras também, pois toda piada precisa de um alvo, e a audiência deve rir. Se eles (e Deus) riem *de* ou *com* é com você.

Há uma igreja em Oxford que permanece em pé por séculos. Há muitas assim. Mas, foi para esta igreja que minha mulher e eu caminhamos, apertados sob o mesmo guarda-chuva, em uma caravana de primos e familiares. A primavera estava distante enquanto serpenteávamos por ruelas, seguindo um curso através do ar frio, guiados a um santuário de pedras.

Pessoas vivas adoram aqui agora, mas o número da congregação dos mortos é muito maior, numerosas vozes de oitos séculos.

Nós adicionamos nossos ecos ao local, um lugar

desgastado pela adoração. A chuva parou, e nós liberamos as crianças para o jardim, um lugar irregular, salpicado de hesitante grama em hibernação.

Risos, roupas de igreja e solo enlameado. Bolo e café. Eu como, caminho e observo, mas algo parece estranho. Há uma pedra no jardim, próxima à cerca, e outra em um canto.

Minha irmã está a meu lado. Esta é a igreja dela. Eu olho para ela rapidamente, mas ela não precisa ouvir minha pergunta.

Ela aquiesce: “Eles tiraram todas as lápides. É difícil achar espaço para um gramado em Oxford”.

Eu não tenho nada a dizer. Não a princípio. Sob o solo, estão as sementes, mais velhas que meu país. Acima delas, meus filhos brincam de pique-pega. Não é uma colheita que eles podem estragar, e teremos partido, escondidos em nossas próprias fileiras, antes que a primavera venha.

O mundo não é uma fotografia. O mal não é uma sombra fixa escondendo um galho, não é o vento a empurrar a vida pela eternidade.

Nesta história, o sol se move. Nesta história,

cada noite encontra uma aurora e se inflama na brilhante alegria da manhã.

Nesta história, o inverno jamais pode conter a primavera.

Toda alma espera sua vez. Cada vida tomada na velhice, cansada e pronta, tomada na juventude, em choro e sofrimento, tomada em dor ou tomada em paz, cada galho agora oculto em sombras aguarda em ansioso silêncio. Eu vejo minha prima. Meu sobrinho. Muitos rostos, esquecidos por aqueles que os seguiram, sempre conhecidos pelo Autor que não precisa de lembretes de pedra. Ele é a melhor de todas as audiências possíveis, a única audiência a assistir cada cena, o Autor que se tornou uma personagem e carregou toda sombra sobre si.

Os gregos estavam certos. Viva com medo de um final arrasador e de um pantanoso pós-vida.

A não ser que você conheça um Deus maior ou, melhor ainda, seja parente de sangue dele.

A última página se aproxima, alcançada apenas por provações e triunfos, lágrimas e risos. O fim vem. Porém, Deus é muito grande para finais,

muito grande para trabalhar um único arco narrativo. Este será o fim da morte, o fim de uma história que começou em um jardim e tem sido encenada em jardins desde então.

Vamos enterrar a morte em um jardim, e selar sua vala com uma cruz. Para ela, não haverá primavera.

Há um farfalhar de impaciência. Antecipação. A criação range e geme, cansada da sombra, cansada do inverno.

O sol vem.

O milho verá a manhã.

Através do longo frio, eu aguardo a primavera. Eu espero por ela, mas nunca vejo o momento de sua chegada.

O sol me aquece, me lembra. Seja grato, ele diz. Eu interrompi o inverno.

No lado sul da minha casa, feixes de açafrão surgem. Eles são os mais ávidos pela primavera, os primeiros a perceber e explodir.

Os narcisos os seguirão em breve.

DEPOIS DELES VIRÃO OS MARINHEIROS.

1Trecho da música The Bad Touch, da banda Bloodhound Gang. Original: “You and me, baby, ain’t nothing but mammals, so let’s do it like they do on the Discovery Channel”. [N. do T.]

O problema do mal e a inexistência de Shakespeare:

um artigo de Hamlet, príncipe da Dinamarca



A PRIMAVERA É JOVEM e as pessoas já começam a sair da hibernação, andando pelas calçadas com os braços nus, expondo os estoques remanescentes de gordura invernal à luz do sol. Alguns são ansiosos demais, tremendo de bermuda, manchados e salpicados enquanto andam na sombra, adornados pelo sol.

Eu me sento em meu carro, atrás de dois em uma fila que só aumenta, esperando uma luz.

Bocejo. A confusão invade minha mente. As nuvens ocasionais obscurecem o dia, e o *diesel* do caminhão à frente mantém minha janela fechada.

O trabalho me espera em casa.

Há momentos em que é fácil ficar entorpecido, quando é fácil se esquecer de que está sentado em uma caixa de metal, cavada da terra e amalgamada, moldada por homens e robôs de Detroit. Eu não ligo de estar sentado a quase um metro acima do solo em uma máquina com a alma e a força de explosões (abafadas). Cavalos servem para recreação; meus arreios são amarrados a explosões de fogo, e eles me puxam (com gentileza, por

favor) sem reclamar, enquanto coleto ondas invisíveis do ar com uma varinha mágica de metal e as transformo em orquestras, estrelas populares e vozes indignadas reclamando da guerra. É fácil esquecer que as árvores estão ocupadas esculpindo o ar com luz solar e produzindo as folhas do novo ano de forma mais eficiente que os alemães.

Bocejo. De novo.

É fácil ficar indiferente às maravilhas do mundo quando passou a hora do almoço e o farol ainda está vermelho.

A fé vacila com tais provações. Quem se importa com o cosmo? Quem tem tempo ou energia para ponderar sobre as marés ou a multidão de narrativas no mundo? O açúcar no meu sangue está baixo. Meu estômago está vazio.

Meu reino por um pouco de manteiga de amendoim.

Deus é pouco inclinado a fornecer sinais e maravilhas sob encomenda.

Atrás do volante, pondero sobre pães e peixes. Ao observar o livro emprestado no banco do passageiro, eu oro, mas aparentemente sem fé.

Este livro, esse livro inútil, existe apenas pelo poder de tua palavra. Ajusta a arte. Tu sabes que poderias ser um pernil se quisesses. Poderias ser uma fatia infinita com molho *barbecue.* Tu só precisas falar e serás. O mundo não seria um lugar melhor se houvesse um pouquinho menos de fome?

Esqueça seu estômago, ele diz. Abra os olhos.

Há uma universitária em uma BMX que tenta atravessar a rua. Veste o capuz de uma irmandade e um moletom folgado, mas isso não esconde o fato de ser ela um pouquinho… agradável. Ela tem problemas com a bicicleta.

Eu assisto por ser mais interessante que meu farol vermelho. Quando o tráfego passa, ela pisa nos pedais, mas eles não se mexem.

Ela está embaraçada, ciente de estar em público, observando os carros, rindo de nervoso. Pedalar a bicicleta de um amigo parecia uma ideia interessante, até um flerte.

O tráfego desacelera. Nosso semáforo está prestes a mudar, e ela não conseguiu nem sequer sair da esquina. Os carros à minha frente estão relaxando os freios, prosseguindo com calma. O

sinal muda, e andamos com determinação.

A garota também. De repente, o mecanismo da bicicleta funciona, e ela se lança à nossa frente. Nossos freios travam e os pneus gemem enquanto ela cambaleia no cruzamento, olhos esbugalhados, pânico acompanhando sua boca aberta. Ela não consegue parar. Ela não pode dar a volta. E pedala com velocidade.

Eu vejo onde isso vai acabar. Ela está pensando apenas no tráfego, não onde sua jornada vai acabar. Todos nós estamos parados, assistindo; todos os motoristas e passageiros da outra rua assistem também. Ela poderia desacelerar e descer pela esquina. Em vez disso, pedala com força e alcança a calçada oposta.

Não há espaço para frear. Um metro e vinte de calçada antes que ela atinja a parede de tijolos pintados de branco de um edifício comercial.

Ela se vira, consegue separar-se da bicicleta e bate na parede.

Suas calças moletom caem primeiro, até os joelhos, expondo um grande short rosa e uma meia-calça laranja.

Ela desmorona na calçada, enroscada na bicicleta e na combinação algodão-poliéster. Um pedestre de meia-idade caminha na direção dela, ganhando um sorriso.

Eu suspiro, novamente espiritual, grato pela edificação, apreciando o sacrifício de uma garota.

O tráfego anda. Renovado. Alegre.

Ela está de pé agora, vermelha e rindo. Eu nem preciso me sentir culpado.

As feridas se curam, mas histórias são para sempre.

❃

Não acabamos ainda o assunto do mal. Não terminamos de importunar os filósofos. Há mais para ser explorado na história cristã.

Se o mal é o que desagrada a Deus, então não é possível que ele seja mau. Ele é o padrão, a régua, a polegada, o sistema métrico ético (presumindo, claro, que o sistema métrico não seja mau).

Esse é um jogo de palavras, mas não é *apenas* um jogo de palavras. Se há um Deus criador infinito que falou e o universo veio à existência do nada, então que padrão de bem e mal poderia

existir fora dele? A que ele poderia ser comparado? Que escala existe fora de sua criação, que entidade o supera?

Um Deus infinito é Eu Sou, e tudo deve ser medido em termos de sua natureza, seus amores e suas repugnâncias.

Mas, na Divindade trina, há espaço para comparação. “Quem vê a mim, vê o Pai.” E Deus pode ser comparado à criação — a este lugar com ciclistas batendo e motoristas rindo. Ela é, no fim das contas, sua arte, a revelação narrativa estilizada de uma personalidade infinita. Cada fio da narrativa desempenha um papel em seu retrato divino.

Ésquilo deveria saber que teria uma cena final interessante. Ele era, afinal, o pai fundador da tragédia grega. Antes dos emos, antes dos existencialistas, havia Ésquilo, pregando. Ele não se incomodava com a falta de sentido da vida porque não era um garoto branco e de classe média com uma vida confortável, sem fundilhos e com calças apertadas. Ele não era francês, afogado em desespero depois dos horrores da Segunda Guerra. Ele era apenas um grego que via o mundo como um

moedor de carne. Ele sabia que havia deuses, e ele sabia que, se você alcançasse grandeza, eles perceberiam e acabariam com a sua raça. Muito provavelmente, ele é o autor de Prometeu acorrentado, um conto comovente sobre Prometeu, o titã que acabou acorrentado a uma pedra, cujo fígado era devorado por uma águia todos os dias (não se preocupe: o fígado sempre crescia de volta). A Disney podia usar o conceito em seu próximo filme de princesa.

Ésquilo, como todos os antigos, algumas vezes estoicos e sempre gregos malfadados, construiu suas histórias em torno de uma falha trágica do herói — uma fraqueza que o fazia morrer de maneira dramática. Ele sabia que todos os homens tinham essas falhas, essas rachaduras no caráter e, no caso de grandes homens, os deuses iriam até eles com um martelo e uma marreta.

Ésquilo e Roy Sullivan, campeão internacional de raios atingidos, teriam sido bons amigos.

Ésquilo tinha sua própria falha trágica. Ele era obcecado demais pela tragédia, rápido demais para enxergar trevas (embora seja difícil culpá-lo com os

deuses disponíveis). Talvez, se ele tivesse rido mais, se tivesse visto mais alvoradas e perdido mais crepúsculos…

Um dia, Ésquilo caminhava, sem dúvida perdido em seus pensamentos. Talvez, ele esboçasse mentalmente uma história sobre uma bela pastora que de forma tola (mas correta) acreditava ser mais adorável que muitas deusas, foi estuprada por Zeus para sua inconveniência e, então, serviu de comida para os pássaros graças à mulher ciumenta de Zeus.

Independentemente do que se passava em sua cabeça no momento, uma águia avistou a careca de Ésquilo, pegou uma tartaruga e voou até uma grande altura. A tartaruga foi solta e despencou, confusa — um cascudo e reptiliano agente da morte.

Um passo para a direita, um passo para a esquerda, e as coisas teriam sido diferentes. Uma clavícula quebrada? Uma orelha perdida? Quem sabe quantas tragédias mais teriam sido vistas no teatro se a própria história de Ésquilo não tivesse virado humor negro?

Casco encontra crânio, e Ésquilo, pai do rosto

infeliz do drama, fundador do gênero fígado-eternamente-devorado, morreu com uma tartaruga jogada contra sua cabeça.

Os historiadores se calam quando se trata da tartaruga. Ela sobreviveu? Para onde ela foi? Foi relegada ao ostracismo, incapaz de permanecer na Grécia depois de apagar um de seus filhos favoritos?

Nós sabemos o que é um estraga-prazeres, mas como chamamos algo que mata o trágico?

Há só uma pessoa que sabe o que aconteceu com a tartaruga que matou a tragédia. Só ele sabe onde ela se escondia e o que a fez sair direto para um encontro com uma águia. Só ele sabe onde os netos dela estão se abrigando hoje e se eles são felizes. Só ele sabe como cada um terá sua cena final.

Pergunta: você prefere morrer instantaneamente, com uma tartaruga a seu lado, deixando para trás uma história divertida que, por milênios, faz os ouvintes segurarem o riso, sentindo-se apenas um pouco culpados pelas risadas, ou ser amarrado a uma pedra e ter o fígado que se autorregenera por milagre e servir de café da manhã por toda a

eternidade? Há águias nas duas histórias, mas qual foi a mais gentil com sua personagem?

Hamlet não era ateu. Deus era muito real para ele, como era sua culpa. Entretanto, ele chegou à conclusão de que a peça em que vivia não poderia ter sido criada por um autor ou, em algum sentido, ser intencional. Seu raciocínio era algo mais ou menos assim: Se há um autor, então ele deve ser ou ruim e sem controle de sua arte ou ele deve ser mau e malicioso. Como um autor bom e competente poderia permitir tamanha miséria em minha vida?

Ele tem razão. Ofélia morre (para mencionar apenas uma vítima). Por quê? Ela era inocente, uma espectadora. A que bem maior essa morte serve? Ou o autor não era favorável a ela e era incapaz de detê-la ou ele era favorável e, de fato, é um bruto sórdido.

A resposta mais satisfatória é sem dúvida que não havia autor.

Se, no mundo de David Hume, David Hume tivesse uma alma, então ela estaria bufando neste momento.

Eu, diz o fantasma de David Hume, com certeza

tenho mais dignidade e valor que Ofélia e, ainda assim, estou morto. Ela não é nada além de palavras em uma página.

A questão aqui não é afirmar que Ofélia seja, de alguma forma, tão real quanto nós somos, ou que toda personagem de ficção existe em algum tipo de outra dimensão. O argumento consiste apenas no fato de o problema do mal deixar a lógica em casa e sair sozinho por aí sem tutor. A existência do mal em Hamlet de forma alguma implica que Shakespeare tenha perdido o controle de sua arte ou que ele fosse mau. A implicação de que Shakespeare não existiu é ainda mais extravagante.

Sem dúvida, ele chorou por Ofélia, e suas lágrimas não eram falsas.

David Hume, tenha paciência. Você está perto de ter uma resposta direta.

Eu vejo maestria no mundo. Não consigo assistir a poeira girar na calçada sem ver Deus movendo seu dedo ou escutar a chuva da primavera correndo nas ruas sem escutá-lo ressoando seus erres. Para quem crê na criação *ex nihilo*, o mundo é inevitavelmente arte, e inevitavelmente arte da

cabeça aos pés, em todo o tempo e em todo o lugar. O mundo não pode existir exceto pela voz de Deus. Ele é Deus se expressando.

E, assim, a pergunta muda. As implicações da criação combinadas com a contínua existência da realidade exigem a maestria suprema, um onipotente Deus contador de histórias.

Mas, esse Deus — o Deus que fez lagartas infestarem minhas maçãs e pássaros comerem as lagartas, o Deus que permitiu que suas personagens lhe desagradem e o entristeçam, o Deus permissor da entrada em cena da morte e decadência, de sombras em suas pinturas e falhas condenáveis em suas personagens — esse Deus pode ser bom, ou até perfeito?

Assista ao noticiário e questione. Escute sobre tornados e bebês de quatro braços e quatro pernas, holocaustos e acidentes de maquinário. Perca-se nas sombras mais acentuadas da fotografia. Quantas almas serão engolidas pelo mar hoje? Quando o próximo *tsunami* travará guerra contra a Ásia?

Como esse Artista pode ser bom? Ele não sabe

que sentimos dor? Que crianças têm fome e morrem? Que devoraremos uns aos outros e o mundo quando pudermos? Suas mãos devem ficar manchadas até de tocar essa tela. Sua língua deve estar maculada, proferindo essas palavras.

Ou ele não existe.

E, assim, Hamlet raciocina, Hamlet com sua profunda dor e profundo luto.

Quando eu contava 16 anos, ficava no banco de reservas do time de beisebol, usando um resplandecente uniforme, mas assistido aos outros jogarem. Outro jogador estava sentado a meu lado, nós dois sozinhos com sementes de girassol e conversas por toda uma série de jogos.

A frustração era real. Nós queríamos jogar, mas o técnico tinha motivos para nos excluir — motivos profundos (de acordo com os rumores) que se baseavam em velhas amizades e cheques assinados para pagar uniformes. Não estávamos dispostos a considerar habilidade como fator.

Ted não sentia culpa de sua raiva. Ele era o atleta melhor, muito claramente superior ao jogador em campo que tinha tomado sua posição. Ele se agitava

enquanto conversávamos e eu aprendi a valer-me da agitação dele — isso me ajudava com a minha.

As coisas podiam ser piores. Observe o sol, a grama, o céu. Saboreie suas sementes de girassol, imagine a história que as trouxe até a sua língua, uma história que alcança milhares de anos. Aperfeiçoe o descascar e a expectoração da sua boca.

Foi uma dura lição para dois garotos de primeiro mundo — cômica como deveria ser.

Eu lutava para fazê-lo rir, para lhe mostrar como essa provação era de fato pequena. Por fim, eu venci. Juntos, nós ríamos, e o banco tornou-se mais agradável que o campo.

“Você está vivo”, eu lhe disse. “Mesmo que você não esteja vivo no campo. Você poderia estar se afogando neste momento.”

“Eu poderia estar queimando vivo”, ele replicou, e cuspiu.

Eu gargalhei. “Verdade. Mas, afogar-se é pior.”

Ele olhou para mim, suas sobrancelhas para cima, seu boné para trás da cabeça. Então, ele

resfolegou. “De jeito nenhum! Queimar seria muito pior.”

Certo ou errado, eu defendi minha posição. No fogo, seria bem mais provável que você desmaiasse antes de qualquer agonia extrema. No afogamento, entretanto, você estaria lutando, em pânico, com os pulmões gritando para serem cheios e, então, gritando quando estivessem cheios.

Ele resistiu por um momento, mas, no final, foi convencido.

Nós esvaziávamos mochilas e espalhávamos cascas de sementes, falando sobre morte e almas, assistindo a jogos dolorosos, derrotas sobre as quais nada podíamos fazer.

Quando a final terminou, sua raiva voltou. Eu deixei o banco para procurar meu pai.

Enquanto caminhávamos para o carro (eu em meu uniforme imaculado), olhei para o parque. Ali estava Ted, segurando seu taco, um taco caro, erguendo-o de novo e desferindo a tacada que não pôde usar, martelando o alumínio contra o espesso tronco de uma árvore.

Eu gritava para ele enquanto ele batia. Ele olhou

e eu sinalizei com as mãos, lembrando-lhe de onde ele poderia estar, que pulmões não são sempre cheios de vida.

Ele virou-se e caminhou para longe.

Quanto tempo demorou? Duas semanas?

Rindo com minhas irmãs, um jornal atraiu meus olhos a palavras pretas em negrito.

Um atleta local havia morrido.

Eu me lembro do sentimento que tive quando li a manchete, quando vi o nome. Lembro-me com perfeição. Lembro-me porque o sinto agora. A garganta apertada. O estômago oscilante. Olhos a queimar e a dor na alma.

Ted havia se afogado, nadando com alguns amigos em um reservatório. Um reservatório pequeno. Quase uma piscina. Ele esteve aqui e, então, não estava mais.

Por fim, mergulhadores encontraram seu corpo.

Não é fácil matar a tragédia. É preciso mais que uma tartaruga. A tragédia deve ser destruída por alguém disposto a ser engolido por ela, disposto a ser partido, disposto a ter a carne rasgada, mas

capaz de retornar. Alguém deve ser capaz de despedaçar o trágico por dentro e sair para a comédia, capaz de abrir um buraco tão grande que uma comitiva de almas, um desfile, pode segui-lo, tocando tambores e jogando doces enquanto eles passeiam para o sol.

Quando meu avô escuta *Clair de Lune*, de Debussy, seu estômago vacila. Trevas queimam em suas veias por impulso, bombeadas por um corpo com uma longa memória. Quando era criança, eu o assisti escutar minha irmã praticando essa peça, e me maravilhei com sua calma, tranquilidade e olhos fechados. As notas significavam para ele algo que nunca poderiam significar para mim. Eu perguntei, e ele me contou. Na guerra, ele aquietava seus nervos com esse luar em forma de peça para piano antes que o bombardeio começasse. Morte, explosões, rostos perdidos no fogo — essas coisas se juntaram aos sons mais gentis, e os sons gentis foram soterrados. Os sons mais gentis tornaram-se essas coisas.

Ele passou pela escola de aviação com muitos outros rostos. De seus amigos de turma, ele era o

único ainda vivo quando a guerra acabou.

Eu estou aqui. Você está aqui. Muitos outros não estão.

Quando nos juntaremos a eles? Você irá primeiro ou eu?

Tenho um gráfico à minha frente, com barras indicando a probabilidade de morte para membros de diferentes faixas etárias. Ele começa baixo e, então, ascende. Crianças de 10 anos estão se saindo bem neste país. Porém, as coisas ficam difíceis mais tarde. Sua probabilidade aumenta como a maré até que já não é uma probabilidade. É uma certeza.

Qual é a taxa de mortalidade para soldados? Para bombeiros? Para donas de casa e dentistas?

Qual é a taxa de mortalidade para humanos?

Cem por cento das pessoas morrem.

Quando eu era jovem, de um ovo chocado saiu uma larva, que virou crisálida e tornou-se uma borboleta-monarca.

A borboleta viveu uma boa vida, embora nunca tenha chegado ao México, o alvo supremo de toda

decoração voadora, de asas douradas, comedora de ervas-daninhas.

Antes de sua migração começar de verdade, a borboleta foi derrubada pela antena do nosso carro. Bem, não foi exatamente derrubada. O topo da antena a apanhou no ar, alinhando perfeitamente seu eixo vertical com o delicado corpo da criatura. As asas brilhantes fecharam e encontraram-se do outro lado — uma bandeira borboleta.

Nós deixamos a bandeira tremular por um tempo, e nem mesmo a meio-mastro.

Deus foi maculado?

Tamanduás podem consumir mais de trinta mil formigas por dia. Trinta mil vidas, esperanças, sonhos e aspirações. O tamanduá é um destruidor de civilizações narigudo, ceifando mais vidas em um verão que Cambises, o Persa, em uma geração.

Se eu pudesse escrever uma história de formigas e fazê-la se passar em um formigueiro, se pudesse moldar uma narrativa e assisti-la vivida por esses pequenos e prolíficos milhares, eu incluiria trevas? Incluiria dificuldades, conflitos, frustração e até morte?

Como a Primavera, minha grama cresce. Enquanto a grama cresce, pedras fazem seu sutil caminho em torno do meu quintal, pedras que destruirão as lâminas do cortador quando a grama for aparada, quando seu desejo de conquista do mundo é frustrado.

Eu pego essas pedras e as lanço nos arbustos.

Para algumas criaturas, leais e de seis pernas, essas pedras são do tamanho de ilhas. Eu me agacho, com meu filho assistindo, e sacudo e puxo até que Manhattan se erga em minhas mãos.

Jogarei Manhattan perto das flores. Observo-a quicar e rolar na suave grama recém-nascida e bater contra a cerca.

Meu filho está impressionado. Ele entende a importância dessas decisões primaveris.

Ele sabe o que eu fiz, e aponta para as pequenas formigas se juntando em pânico em torno dos nossos sapatos. A pedra entrou no solo. Eu expus os pálidos habitantes das trevas, as câmaras das larvas foram rompidas e esmagadas pelo meu ato. Outras câmaras, lotadas de nascituros e seus guardiões, voaram pelo jardim nos torrões

agarrados à pedra lançada.

Um pássaro pousa no freixo, assistindo, esperando que o deixemos a sós com os destroços e os refugiados.

Qual é a taxa de mortalidade hoje, nessa bela manhã de primavera? Qual é o número total de coisas materiais vivas neste planeta que fizeram a transição para a morte entre as 8 e as 12 horas, horário de Brasília? Qual é a população global de tamanduás, e por quantas vidas eles foram responsáveis? Quantos milhares de toneladas de *krill* as baleias, as focas e os peixes eliminaram hoje, e por que eles têm menos valor para os ecologicamente conscientes que as baleias? Tamanho é o mesmo que valor? Quantos insetos foram comidos, quantos pássaros, quantos peixes? Quantas bactérias morreram apenas em meu corpo nessa manhã? Espero que o número seja alto. Quantos vírus viveram sua cena final, caindo dramaticamente em cavidades nasais sitiadas e fizeram monólogos adequados à sua conflituosa vilania?

David Hume, você está aí? Bata na madeira duas

vezes se estiver escutando.

Meu filho e eu ainda assistimos às formigas, e não me arrependo. Eu não torturaria coisas sem motivo. Não jogaria uma Manhattan de formigas nas flores sem razão. Eu precisava cortar minha grama.

As formigas dão nomes a esses desastres? Os tamanduás são os tornados delas? Eu sou uma tempestade tropical ou um furacão? O homem do tempo delas me previu? Ele ainda tem seu emprego?

Essas formigas estão funcionando em um sistema mais antigo. Enquanto assistimos, soldados arrastam pequenas lacraias para o centro do monte de terra, pequenas lacraias detidas e de origem desconhecida. Como toda civilização humana em meio ao desastre, elas precisam de bodes expiatórios.

“Quem derrubou o céu”, o grupo grita. “Quem abriu nosso mundo para o espaço exterior? Quem fez esse buraco no ozônio e trouxe o calor escaldante para nossas crias?”

Eu não consigo saber quais formigas são

sacerdotes. Não acho que a menor das câmeras da BBC poderia me mostrar isso, mas eu ainda me abaixo e assisto, examinando minúsculos rostos de inseto em busca de algum sinal de autoridade.

Se eu falasse formiguês, saberia o que estava escutando. Um monte de gritos, sim. Mas, deve haver algum excêntrico e idoso habitante dos túneis, com as articulações rígidas, revirando os olhos, chocalhando as antenas e estalando as mandíbulas.

O clamor aumenta com rapidez assim que a palavra é dada.

“Foram as larvinhas! Seus costumes contrários ao estilo de vida das formigas e suas abomináveis pinças no traseiro fizeram isso acontecer conosco. Os deuses exigem um sacrifício!”

A primeira lacraia é decapitada.

“O que elas estão fazendo?”, meu filho pergunta.

“Elas estão matando as pequenas lacraias”, respondo.

“Por quê?”

Duas mais são mortas com as costas arqueadas,

pinças abertas, garras para o céu, perguntando ao mundo, perguntando a Deus por quê.

“Porque as formigas pensam que a culpa é das lacraias.”

Por um momento, fico tentado a colocar a pedra de volta. Quero esconder esse pequeno incidente no solo aquecido pelo sol. No entanto, vem à minha mente que talvez os sacrifícios sejam para mim. Elas podem pensar que as pequenas lacraias não tenham relação com a devastação de sua cidade; elas devem saber muito bem que fui eu.

Elas acham que quero sangue.

Aqui, fique com a alma das pequenas lacraias. Deixe nossos filhos em paz. Traga o céu de volta. Quantas você quer? Nós continuaremos matando até que sua ira seja aplacada.

Eu não posso colocar a pedra de volta. Não posso mentir para elas assim. Não vou me rebaixar para cumprir o papel de Zeus ou de Quetzalcóatl dos astecas.

“Matem todas as que encontrarem”, digo em voz alta. “Nenhuma lacraia é inocente mesmo. Há mais delas no arbusto de amora com gordos traseiros

suculentos. E quando acabarem, mudem sua civilização de lugar. Eu lhes darei até amanhã à tarde e, então, vou cortar a grama."

Meu filho olha para mim. "Elas não entendem sua língua."

Eu me levanto devagar e observo a grama crescida. "Não, não entendem. Mas, elas terão partido amanhã".

Quem pecou, este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?

Quem pecou, esta pequena lacraia ou seus pais, para que ela fosse decapitada por formigas?

Quem pecou, este pouquinho de tinta a óleo preta ou seus pais-elementos, para que ela fosse usada por Rembrandt para produzir as partes sombrias e assustadoras abaixo do moinho?

Se você fosse uma gota de tinta azul, abençoada por estar assentada no céu guardando os girassóis de Van Gogh, você estaria ali por esforço ou justiça próprios? Por que você não é mais grato?

Eu tenho esse argumento. Que ele seja atacado e reelaborado. O cavalo está morto? Passe-me um

chicote.

Em um mundo com mal, Deus não é todo-poderoso ou não é bom. Essas são as únicas opções?

Ou ele é Shakespeare, Rembrandt, Botticelli, Dostoievski, Van Gogh (com as duas orelhas), Michelangelo, Vivaldi, Robert Johnson, N. C. Wyeth e Gary Larson em uma pessoa.

Nossa arte é minúscula em comparação com a dele. Nossas personalidades são minúsculas comparadas à dele. E, ainda assim, ele diz que somos à sua imagem. Ele é infinito (o que isso realmente significa para nossa mente?) e a narrativa do universo, a canção do universo, o épico do universo, os fotogramas do universo em cada nível — de quarks a galáxias — refletem seu ser, caráter, amores, ódios, misericórdias, juízos, bondade e iras.

O universo é um retrato em movimento, um retrato *compactado* em movimento, uma miniatura, inevitavelmente estilizada, por tentar capturar o infinito. Cada galáxia é uma fração de uma sílaba no *haikai* do Supremo. No nível humano, a arte é

em essência recompactação, tentativas de tirar um pôr do sol da pequena moldura do horizonte e colocá-lo em um cartão postal; pegar um *riff* de blues, uma vibração rítmica de cordas, e capturar o senso de perda; mármore, burilado e moldado até mostrar nobreza; o quadrinho de um cartunista, nanquim comum, retratando a meninice de seis anos, retratando gargalhadas.

Qual é a melhor de todas as coisas possíveis? A infinita, sempre presente e jamais em declínio. A que consiste em muitos e um. A pura, suprema e, ainda assim, humilde. A que é espírito, mas pessoal. A justa, mas também, misericordiosa. Yahweh, Deus — Pai, Filho e Espírito Santo.

Qual é a melhor de toda a arte possível? Aquela que revela, captura e comunica o máximo de facetas possíveis desse Ser em um quadro finito.

Você não gosta do seu papel na história, do seu lugar na sombra? Que reclamações temos que os hobbits não teriam lançado contra Tolkien? Você nasceu em uma narrativa, você recebeu liberdade. Atue, e atue bem até alcançar a cena final.

Houve um tempo em que homens e mulheres

entendiam a morte de modo mais pleno, quando a mortalidade nunca era ignorada. Homens e mulheres executavam melhor seus finais. Alguns até se planejavam para ele — cartas do túmulo, últimas palavras longas, como personagens de Dickens.

Aqueles homens, bons e maus, heróis e vilões, sabiam que sua cena final viria, e sabiam que seriam *cenas.* Eles, como Salomão, sabiam que nada somos além de vapor, que estamos aqui por um curto período. Devemos deixar o palco, direto para os bastidores, e deixar que outros andem e cantem, amem e percam, lutem e batalhem acima de nós.

O problema do mal é genuíno, um inimigo com dentes afiados e pontudos. Todavia, não é um problema lógico. É emocional, um argumento da melancolia de Hamlet e da nossa. Ele atrai nosso orgulho e nossos terminais nervosos. Não queremos ouvir uma resposta que nos rebaixe tanto. Porém, a resposta é esta: somos muito pequenos.

O apóstolo Paulo diz: Quem és tu, ó homem?

Nada na existência do mal tem como

consequência o fato de Deus não estar no controle. Nada implica que ele não exista (exatamente o oposto — sem ele, a categoria *mal* não existe; tudo é fluxo e entropia neutros). O conflito começa quando nós nos olhamos no espelho, em uma casa de espelhos, espelhos que esticam nossa dignidade até os céus. Dado meu imenso valor pessoal, como um Deus bom poderia permitir que *eu* sofra?

Nossas emoções rejeitam a onibenevolência.

Eu matei pessoas boas. Eu deixei crianças órfãs e dei a vilões um período de força, um tempo para engordarem antes de serem desmantelados.

Eu fiz tudo isso em livros infantis. Eu sou um assassino? Um predador?

Claro que não. Sou um manipulador de marionetes? Espero que não. Imito o mundo o melhor que posso. Quero minhas personagens livres, mas minha arte falha nisso. Não sou tão grande quanto Deus, e minhas personagens são muito menores que as dele, muito mais artificiais. As dele, bem… as dele conseguem estalar os dedos de verdade, conseguem encher os pulmões com ar, conseguem ver bondade nos olhos e cuspir nela.

Mas, ele não estava contente com apenas isso. Ele existe em dois planos. Vê a história como conta, enquanto a tece, a molda e a canta. E ele entrou nela.

A sombra existe na pintura, os cantos sombrios do choro, da provação e da maldade, todos existem para que ele pudesse entrar neles, para que pudéssemos ver o quanto ele consegue se inclinar para baixo. Nesta história, o Autor tornou-se carne e entrou no palco com Hamlet, oferecendo a própria vida. Nesta história, o Autor carregou tudo que desprezava, tudo que lhe desagradava, tudo que há de errado no mundo, sobre si. O mal existe para que ele pudesse ser humilhado e insultado, para que a profundidade de seu amor e sacrifício pudessem ser expressada o máximo possível na pequena moldura da história.

Ele esteve diante das formigas, escutou as disputas dos sacerdotes, e permitiu-se ser levado ao centro do formigueiro.

Há água no mundo que uma vez voou da boca dos guardas e manchou o rosto da própria Palavra. Há ferro que rasgou suas costas e ferro que correu

em seu sangue antes que caísse sobre as pedras, deixado para que pequenos animais se alimentassem à noite. Animais nasceram e viveram antes de serem abatidos, tendo seu couro curtido e cortado em tiras, entrelaçados com pedra e vidro, fustigando a carne das costas do Poeta, desnudando costelas cheias de cálcio. Ainda há proteínas, em algum lugar do mundo, usadas nos fios de sua barba antes de os soldados os agarrarem, ignorantes de quão perto seus dedos chegaram do infinito, e os arrancarem à força.

Hoje, contudo, não há nada feito de sua carne decomposta. A semente germinou há muito tempo, o primogênito, nascido do ventre da morte no primeiro dia verdadeiro de primavera.

Nós poderíamos dizer que ele não se importa com nossa dor. Poderíamos dizer que ele não é bom. Poderíamos dizer que não entendemos por que o céu não é sempre arco-íris e por que o resfriado existe. Mas, seríamos tolos. E, de alguma forma, ele ainda gostaria de nós.

O quanto eu me importo com essas formigas? Eu acho que me importo. Vou parar de assistir as

guerras delas. Vou comprar documentários para meus filhos — tributos aos insetos. Não as esmagarei quando puder evitar.

Mas, se tivesse a chance, eu estaria disposto a tornar-me uma delas? Eu estaria disposto a permitir que elas me levassem ao local de execução, me insultassem, zombassem de mim, ridicularizassem o dom que ofereci, um dom inteiramente além da compreensão delas? Eu estaria disposto a ter a pequena lacraia, executada a meu lado, acrescentando seus insultos aos das formigas? Eu estaria disposto a morrer?

Não mesmo. Jamais. Tenho mais autoestima que Deus. Tenho menos amor às personagens abaixo de mim.

É difícil quando você está resfriado. É difícil quando se tem fome três vezes ao dia. É difícil depender do ar e da água. É difícil ter só duas pernas e não poder voar. É difícil sabendo que morrerei. Sabendo que não vou poder ficar no ensino médio para sempre.

Toda criatura material neste globo chegará ao fim. Se Deus tem autoridade para inventar

espermatozoides, inventar óvulos, inventar o DNA; se ele tem autoridade para me escolher entre um número quase infinito de combinações humanas possíveis e me chamar à existência do nada; se ele tem autoridade para escolher meus pais, raça, cidade natal, altura, inteligência, tamanho das minhas amídalas; se ele tem autoridade para projetar meus dentes do zero, então ele tem a autoridade para escolher meu final.

Deus tem autoridade para formar uma alma com sua voz, ligá-la à matéria e enviá-la à história. Detém autoridade para separar minha alma do corpo e chamá-la para outra parte do teatro. Ele tem autoridade para reutilizar a matéria da minha carne em narcisos. Eu não estou preocupado. Vou receber mais.

Não há mal em sua voz nos chamar para cruzar o Jordão, quer ele nos chame sozinhos ou em massa. Não há mal quando ele nos chama a despir-nos de nossa primeira carne, não mais que quando ele envia uma lagarta ao casulo.

Quando uma das minhas personagens morre — não importa se outra personagem aperta o gatilho,

não importa se outras sejam culpadas na história — no nível transcendente, no nível além da capa do livro, sou eu quem as mata.

O problema do mal deixa um hematoma, um ponto sensível, lento para curar? Coloque seu dedo nele. Aperte com força.

Quando morrermos — quando ou onde isso acontecer —, haverá outras personagens na história conosco, personagens más, personagens boas e formigas confusas. Mas, Deus também estará presente, moldando a história, fora e dentro do palco, fechando um capítulo enquanto a tartaruga quica, sorrindo enquanto acontece.

A seus olhos, você nunca deixa o palco, mas não deixa de existir. Um capítulo termina, um ato, não a peça. Olhe para ele. Caminhe na direção dele. O casulo é uma morte, mas não uma morte final. O caixão pode ser uma tragédia, mas não por muito tempo.

Haverá borboletas.

Eu morrerei e, quando morrer — seja em minha cama quando a idade me alcançar, ou atingido por um raio, um meteoro ou um carro dos correios —,

quando meu corpo e minha alma se divorciarem, sua mão será a que corta o fio e me mostra o caminho que ele alcançou por meio da tragédia. Seu dedo apontará para o desfile.

O sol brilha. A primavera trata da morte da morte e da nova vida. As duas são iguais.

O vento é frio e ainda pode morder, um lembrete do que aconteceu, uma ameaça do que poderia acontecer de novo.

Eu estou em casa, com um lance de degraus semicurvos diante da minha porta.

Estou vivo. Tenho pernas. Correrei com elas.

Rodeado pela primavera, por árvores vestindo o verde-claro novo de folhas recém-nascidas, em um muro de pedras argamassado por montinhos de musgo crescido, eu alongo minhas pernas, pulando degraus.

Perto do topo, eu bato meu dedinho. É para isso que os dedos servem? Meu corpo continua viajando sem minhas pernas. A terra cumpre suas ordens e me puxa para baixo. Queixo contra concreto frio, mãos contra pedra, alcanço o chão.

Eu resfolego e pisco os olhos com lentidão. Por precaução, em sinal de submissão, deixo que meu peito repouse no topo dos degraus. Pedregulhos grudam-se à minha pele.

Então, eu rolo. Para quem foi isso? Onde está a audiência? Se é para arrancar um pedaço do meu queixo, diga-me que alegrei o dia de alguém. Algum entregador de jornal triste, uma dona de casa entediada, um intercambista que vê mais beleza no ruído enlatado de um iPod que no selvagem ruído de um dia de primavera.

Ninguém. Apenas eu. E algumas formigas que posso ter matado. Observo o céu azul. Alguém está brincando com as nuvens como se fossem bolhas de sabão.

Queixos foram inventados com essa capacidade especial de doer. Esfregar não está ajudando. Rir, sim.

“Certo”, digo. “Recuso-me a ser responsabilizado por esta. Os degraus claramente se mexeram. Não ligo para o tropeço, ligo para a trapaça.”

Você está nas sombras? Passa por dor? Perto de

você, Hamlet é um homem feliz? A pedra foi levantada, removendo o céu, rasgando sua vida ao meio?

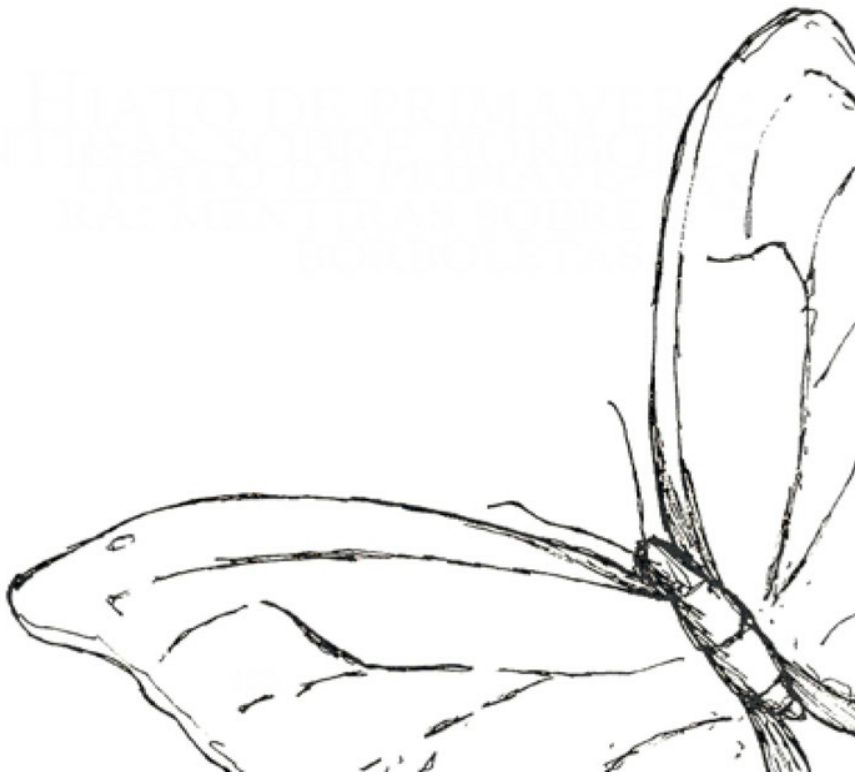
Não venha chorar para mim. Eu só posso chorar com você. Não morrerei por você. Ainda sou jovem demais no significado do amor. Fale com o Tolo, aquele que deixou um trono para entrar em um formigueiro. Ele entrará em suas sombras. Elas não podem manchá-lo. Ele já fez isso antes. Sua santidade não é frágil. Ela queima como um pai para o sol. Toque sua pele, coloque sua mão no lado dele. Ele manteve as cicatrizes mesmo sem precisar. Entregue-lhe sua dor e assista-a ser esmagada, queimada pela alegria que ele tem em amar. Em rebaixar-se.

No final, quando sua vida for de um tipo diferente, sua primeira carne será pó e, de sua tristeza, nem um grão de cinzas restará.

Você está doente? Você está se afogando? Você é outra pequena lacraia confusa, arrancada da folha de amora por uma turba de formigas maliciosas? Você alcançou seu final?

ESPERE POR NÓS. NÃO ESTAREMOS MUITO ATRÁS.

Hiato de primavera:
mentiras sobre borboletas



REVERTA AS VOLTAS DO MUNDO. EU TENHO UMA LEMBRANÇA:

Meu filho puxou suas meias para cima e calçou o tênis branco. A relva é irregular para ele e pior ainda nesta pequena encosta. Cada protuberância aqui é um obstáculo. Ele é muito rápido no nível do solo, mas este é um novo desafio. A mulher e o outrora bebê nos seguem, torcendo por ele. Eu lhe transferi o controle da expedição, todo o parque, sem guia. Ele pode ir aonde quiser. Ele conduz.

Conheço esse olhar. E o sentimento. Cães também entendem — cães e garotos. As barreiras foram removidas, as portas foram abertas, a coleira está solta. Fernão de Magalhães provavelmente tinha esse olhar antes do escorbuto. Presumi que ele pararia, que haveria alguma distração — grama que precisava ser tocada, uma pedra, um dente-de-leão — mas, ele continua. Uma distração surge enfim e já é passado quase antes que percebamos. A cabeça loira está virando na direção errada. Eu o ajudo.

“Por aqui, Rory.” Eu me abaixo, viro-o e aponto. “Ali está uma borboleta.”

É quase toda preta e quase do tamanho de uma monarca, mas não se move como uma. Essa é rápida. Ela não esvoaça; navega, rema em ritmo, mantendo a altitude de forma surpreendente, sem jamais abrir as asas por completo. Há vermelho envolvido em algum lugar ali.

“Eu quero segurar”, Rory diz. O inseto de pó negro está girando no topo da colina a 30 metros de distância. Todo o parque desapareceu para meu filho. A borboleta jet ski é seu único interesse. A liberdade pura perdeu a atração.

“Segurar”, ele reforça. Eu olho para a mãe dele e sorrio.

“Querido”, ela lhe diz, “borboletas não gostam de ser pegas”. Ele não está ouvindo, então reduzo minhas filosofias ao tamanho dele. Eu sou seu pai. Falarei a verdade como um oráculo. Explicarei o mundo a ele.

“Filhão”, digo, pois sou sábio, “você viu como ela é rápida? Ela não vai deixar que você a toque. Ela vai ter medo de você e voará para longe muito rápido. Quando você crescer, será mais rápido. Então, terá uma rede e pode tentar pegá-la”.

Os olhos dele seguem a borboleta. Ela deixa sua encosta e cruza o parque, passando ao nosso lado antes de retornar a seu topo de colina. Meu filho está considerando minhas palavras.

“Eu quero tocá-la”, ele diz. Ele não crê em mim. É cético.

E, então, a borboleta vem. Ela vem rápido — ela não tem outra velocidade — passando logo acima de nós. Porém, ela hesita. Ela não tinha pousado desde que a vimos.

Ela pousa agora. Não à nossa frente, para que possamos vê-la e acusá-la de ser uma grande e estranha mariposa, mas, mais perto, sobre o peito de um menino de dois anos, em cima do ombro esquerdo.

Ela se limpa ali.

Rory congela. Ele não precisa me explicar a situação. Ele sabe como essas coisas são feitas. Seu queixo cai e ele a observa. Não há flores em sua camisa, não há cores fortes, mas ele foi escolhido enquanto um pai, uma mãe e uma irmã estão ao redor e observam. O gracejo divino fica ali. A conclusão da piada repousa por um tempo e, então,

voa para longe.

Rory ri, mas rapidamente fica sério. Nós, seus pais, estamos falando, oferecendo nossos parabéns, informando-o, como se ele já não soubesse, que isso foi uma coisa muito legal.

“De novo”, ele diz.

“Rory”, minha voz é bem animada, “eu não acho que a borboleta vai voltar. Mas, ela estava bem ali na sua camisa. Você viu?”.

“Sim”, ele diz. “De novo.”

O que mais eu disse? Eu não me lembro. Eu expus as leis da realidade. Borboletas e raios não caem duas vezes. E, então, Deus falou.

“Vê este homem?”, ele disse para meu filho. “Ele é seu pai. Não acredite em nada que ele diz.”

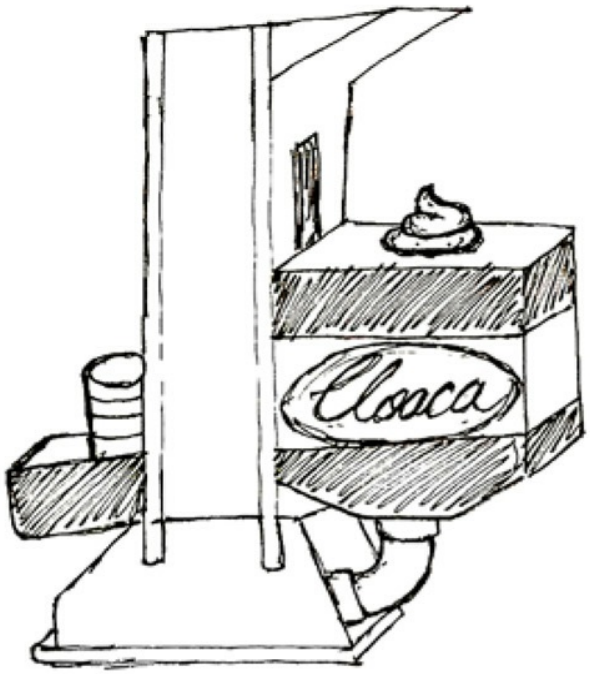
Pela segunda vez, a borboleta pousou em seu braço.

Quantas mentiras contei para ele? Eu e o mundo. Arrependi-me. Não digo mais que ele não consegue tocar a lua sentado em meus ombros. Mando que ele se estique, e ofereço correr e pular. Pode haver um dragão na amoreira. Eu me certifico de

verificar. E procuro um peixe no sofá.

Não aconteceu de novo. Pelo menos, não com borboletas. Mas, amanhã, quando o aroma da grama que cresce for pressionado pelo orvalho a voltar para a terra, e pequenas borboletas classe B tomarem banho de sol perto do balanço, eu vou pedir para segurar uma.

Sua mãe era um lagarto



VERÃO — o mundo curado ao sol.

A primavera é a única estação que não morre. Pelo menos, não onde estou, que (utilizando uma ferramenta de rastreamento do Registro de Liberação de Tóxicos da Agência Ambiental dos EUA) está a uma latitude de exatamente 46°43’49’’ e uma longitude de -117°00’00’’ (no caso de você precisar encontrar de novo). É uma esquina. Próximo a uma cafeteria.

Aqui, a primavera apenas cresce, brota e aquece, espalhando vida, envolvendo-nos em seus braços, até que subitamente percebemos que ela não é mais uma criança. Ela é um adulto.

Um adulto chamado verão.

O mundo ainda está ficando esverdeado quando os estudantes deixam esta cidade. Eles nos deixam sozinhos assistindo aos pulgões ferozes deixarem as calçadas grudentas com o produto de seus banquetes. Eles nos deixam observando oceanos de cevada e trigo chegarem a uma suave maioridade ondulando ao vento, a uma viva colheita dourada. Os estudantes deixam a alegria plena da transição

primavera-verão para os moradores locais.

É mais calmo desse jeito, e podemos escutar as folhas crescendo e o trigo acariciando a barriga do vento.

A primavera é espiritual. Ressurreição sempre é. O verão traz o fruto desta ressurreição.

A tarde é quente e estou sozinho na esquina, assistindo aos azuis do céu tornarem-se mais escuros enquanto alcançam o horizonte. Elevadores de grãos se erguem a uma quadra de distância, cilindros para abrigar o ouro que cultivamos.

“Oi.” A voz é feminina. Eu me viro e observo o rosto de uma garota de pele escura. Idade universitária. Bonita. Ela sorri e move uma cadeira de rodas para perto de mim. A voz está na cadeira de rodas.

“Oi”, ela diz de novo. A garota pode ser adolescente, talvez tenha vinte ou mais. Uma idade normal não se aplica aqui. Seu pescoço luta para manter sua cabeça de um lado. Seus braços são pequenos, talvez utilizáveis, mas ela não está fazendo muito com eles. Suas pernas são decorativas, asas que não voam. Ela me olha

profundamente nos olhos, derramando os dela nos meus, dando tudo de si, procurando, procurando algo de que ela deve gostar — humanidade? Outro ser em existência?

Eu sorrio. “Oi.”

Seu sorriso cresce. “Você quer ser meu amigo?”

“Sim.” Eu rio. “Claro.” Ao dizer isso, subitamente me sinto culpado. Será que eu acho que ela não entende o que é amizade, que não serei chamado a cumprir minha parte no negócio? Houve testemunhas. Um terceiro estava ali e me viu concordar. Estou pronto. Se ela me pedir para ir ao aniversário dela, estarei lá. Levarei o bolo.

“Você gosta do sol?”, pergunto.

“Sim.” Ela se move em seu assento, inclinando-se para frente. Por um instante, penso que ela vai cair. Eu observo a assistente dela. Ela ainda está sorrindo, silenciosamente, com seu rosto voltado na direção da luz do sol. A garota está amarrada.

Ela gira em seu assento e lança a cabeça para trás. “Você quer ser meu amigo?”

“Claro”, digo de novo.

“Eu gosto de amigos. Eu tenho muitos amigos.”

“Tenho certeza que sim.” Ela deve ter por causa desse sorriso e esse ritmo rápido.

Seu rosto se enche de curiosidade. “Qual é seu nome?”

A cadeira de rodas move-se pela calçada vazia. A ajudante da garota me dá um último sorriso de lábios comprimidos. Eu aceno com a cabeça.

“Qual é seu nome?”, a garota grita, ainda se virando para trás. Sua voz fica mais desesperada. É difícil perder um amigo.

“Nate”, grito para ela, e ela vira o rosto para frente, satisfeita.

“Você quer ser meu amigo?” Sua voz ecoa no quartel dos bombeiros, mas não preciso responder. Outra pessoa está caminhando na direção dela.

Alguém prestes a fazer um amigo.

Se não vos fizerdes como crianças.

Aquela garota e eu portamos a imagem de Deus. Mas, nenhum de nós a tem por completo. Há maneiras em que ela é um retrato mais verdadeiro do que posso ser, maneiras nas quais ela vê o

mundo novo, renovado e sem as distrações do passado e do futuro. Eu não tenho dúvida de que, enquanto ela olhava para mim, ela me amava. Se eu fosse uma imagem melhor, retornaria tamanho favor.

Mas, agora, ela não sabe nada sobre mim. Sua afeição queimou e está direcionada a outro, ou talvez a tristeza a acompanhe agora, tão profunda, instantânea e completa quanto sua alegria.

Meu dom é apenas lembrar, um dom pálido e superficial perto do dela.

Eu tive compaixão dela. Talvez ela teve compaixão de mim.

Nietzsche publicou O Anticristo em 1888. Além de outras coisas, ele tinha a dizer isto sobre a compaixão: “A traços largos, a compaixão contradiz a lei da evolução, que é a lei da seleção natural. Conserva o que está maduro para o declínio, luta em prol dos deserdados e dos condenados pela vida; e, pela abundância dos falhados de toda a espécie, que mantém vivos, confere à própria vida um aspecto lúgubre e duvidoso”.[1]

Um ano depois, Nietzsche começou a ficar louco. Verdadeiro ou falso, diz-se que ele foi vencido pela visão de um cavalo sendo chicoteado. Perturbado pela compaixão. Ele morreu no ano 1900. Por uma década, ele foi mantido vivo e passou por insanidade, derrames e invalidez por doença. Aos 55 anos, parcialmente paralisado, incapaz de falar ou andar, descobriu que vida o aguardava depois do túmulo.

Nietzsche atacou seu Criador com a língua, o único músculo notável que teve — seu maior dom. O Senhor dá e o Senhor toma; louvado seja o nome do Senhor.

Havia poucas coisas que Nietzsche desprezava mais que o legado de seu pai luterano.

Eu nunca fiquei irritado com Nietzsche, nunca fiquei aborrecido. Em seus pontos mais blasfemos, em seus pontos mais exuberantemente odiosos e pomposos, eu apenas ria. Mas, ainda assim, há algo de agridoce sobre esse riso. Conheço a história dele. Eu sei como seu blefe foi descoberto, como ele ficou arruinado.

Novamente, de O Anticristo: “Os fracos e os

falhados devem perecer: primeiro princípio da nossa caridade. E há mesmo que ajudá-los a desaparecer!”.

Falou o paralítico. O homem alimentado com uma colher por aqueles que o amavam.

“O que é mais nocivo que todos os vícios? — A compaixão da ação por todos os falhados e fracos: o cristianismo…”

E, ainda assim, por ver o mundo através dos meus olhos e não dos dele, tenho simpatia pelo próprio Nietzsche. Corpos e mentes não são tudo que pode falhar em um homem. Almas podem ser vazias, defeituosas, cruéis, mais ácidas que urina.

Nem todos os estranhos em cadeiras de roda querem ser amigos.

Quando estava na pós-graduação, conheci um homem, magro, barba por fazer, com tendência a ser filosófico.

Ele ria do meu cristianismo e esguichava frases do alemão raivoso que morreu balbuciando. Ficávamos parados em um corredor acadêmico desalmado e olhávamos um para o outro. Temo que eu não ouvisse com cuidado. Eu o observava comer

enquanto falava, mastigando batatas-fritas. Eu podia ver a caixa de hambúrguer enfiada na mochila.

“O que é o certo?”, perguntei. Eu tinha interrompido sua linha de raciocínio. Ele mastigou e levantou as sobrancelhas.

“Tudo o que vem da força. O mal vem da fraqueza.”

“Passa sua batata-frita”, eu disse com calma.

“O quê?”

Endireitei-me e caminhei na direção dele. Eu tinha pelo menos 15 centímetros a mais que ele, e 22 quilos a mais. “Passe a porcaria das batatas para mim. O hambúrguer também.”

Eu estava pronto para socá-lo, para jogá-lo contra a parede. O pânico tomou conta de seus olhos, mas eu não podia continuar. Rindo, recuei. Ele esperou tempo o bastante para blasfemar e, então, deixou o corredor. Suas batatas foram com ele.

Eu queria que todos os discípulos de Nietzsche fossem tão pequenos.

O mundo é visto de muitas maneiras diferentes, mas quem considera o caos como pai é mais intrigante para mim. Eu olho nos seus olhos, como uma garota em uma cadeira de rodas, e tento perceber alguma diferença real no que eles estão vendo.

Você já reparou nas libélulas?

Eles já repararam as libélulas.

Eles não podem realmente ter reparado. Eles viram as ninfas? Eles sabem como elas nadam?

Eles já viram as ninfas.

Mas, elas são como lanchas. Disparam água do ânus. Essa é sua propulsão.

Eles sabem. Eu sei que sabem. Nós observamos as mesmas coisas e, em algum lugar atrás das pupilas, essas coisas tornam-se completamente diferentes.

Certa vez, por acidente, joguei a tampa de uma banheira em cima de um sapo. Não percebi até fechá-la banheira de novo. Eu e minhas irmãs ficamos com os olhos esbugalhados. A criatura estava perfeitamente achatada, com uma poça de

orvalho à sua volta. Ele estava amassado como uma esponja.

Nós chamamos tios e parentes, para reunir testemunhas para um memorial. Quando voltamos, a poça estava sozinha. O sapo, novamente tridimensional, estava na borda da tampa, nos observando. Ele nem mesmo parecia irritado. Possivelmente com uma concussão, mas não irritado.

Se eu fosse católico e, se conhecesse o padroeiro dos sapos (são Francisco de Assis?), teria acendido uma vela. Em vez disso, ofereci o maior muito obrigado que tinha. E ri.

O incidente não me levou nem um pouco mais perto do agnosticismo, e acho que posso dizer o mesmo do sapo.

Se o mundo é fundamentalmente um acidente, se, no princípio, não havia uma personalidade eterna, nenhum ser vivente eterno, apenas uma matéria Eu Sou superquente, hiperdensa (sem espaço ou universo fora de si) e, se, vagando nos hiperdensos e superpequenos corredores da Matéria Eterna, seguindo sua rotina normal, acontecesse de

um pequeno elemento químico tropeçar e bater em outro elemento muito diferente, e ambos dizerem: “Que porcaria!” com vozes minúsculas e emudecidas pela explosão, quando o acidente começou a fazer sentido e por que diabos nós temos as paraolimpíadas?

É estranho que um acidente impessoal comece a falar sobre si, que estilhaços de matéria disparando pelo espaço-tempo comecem a fazer sons e fingir que se comunicam com outros estilhaços, e que esse balbucio explique com fidelidade o acidente? Não lhe é estranho que um acidente inventasse o beisebol, as morsas e os ingleses?

Se um observador imparcial hipotético tivesse assistido ao nascimento de um universo sempre em expansão a partir do ventre de uma bola de fogo acidental, ele (ou ela ou aquilo) ficaria surpreso quando a explosão inventasse lhamas?

Veja: para mim, lhamas são de todo coerentes com a personalidade de um Deus que se diverte com facilidade. Uma pegadinha para os Andes e todo o mudo que já precisou usar um suéter de lã com gola rolê. Grosseiras, afetadas, comicamente

ignorantes de sua aparência, cuspidoras. Perfeito. Conte-me uma história sobre o grande deus Bum. Conte-me como ele acidentalmente criou lhamas a partir do hidrogênio.

Podemos ser francos aqui? Eu sei que não sou muito como Elias, o tisbita. Nenhum rei quer minha cabeça. Nunca fui alimentado por corvos ou ressuscitei os mortos, e não espero ser elevado ao céu em um redemoinho. Elias, no entanto, afirmou com eloquência o que pensava sobre o deus Baal. Ele não estava acima de uma pequena grosseria humana.

Quanto a mim, eu gostaria de dizer o que penso deste deus, Bum.

Você o serve? Bum é o criador? Então, seu deus urina nas calças. Ou você não percebeu? Isso é tudo o que ele já fez. Ele está fazendo agora. Embora, como ele não tem realmente existência pessoal, o deus criador ateísta seja, na verdade, mais um processo — o “ato de urinar nas calças”. Nos registros de Bum, na história da evolução, eu, você e a mãe de cada um de nós somos nada mais que seres rastejantes de alguma forma produzidos (por

raios que caem, talvez?) em um ponto aquecido da colcha da realidade.

Ok, sei que não estou sendo justo. Não há Deus. O caos não tem personalidade. Admitirei isso. Mas, a parte da urina é justa. Nós, de cachalotes a constelações, somos parte de um acidente sem agente — calças molhadas sem a criança de cinco anos.

Ainda podemos ser amigos?

Mas o que é amizade em um acidente? E que cheiro é esse?

Sirva a Bum, e você e eu ainda podemos ser amigos, mas a maneira como vemos as coisas muda tudo. Eu percebo intencionalidade no mundo e, assim, imito isso em minha arte (e na arte que respeito). Você vê um mundo que é nada mais que uma grande explosão, e a arte que imita isso é uma forma de suicídio.

Um dos aspectos mais importantes da arte é o relacionamento entre a obra, entre uma tela ou uma página, e seu criador. Eu tento amar o que formo da maneira que vejo Deus amar sua arte. Eu, uma mancha de tinta, uma personagem em um palco,

um figurante em um musical, observo o cuidado e o amor, a simpatia e a empatia com que ele põe em cada traço, palavra e parte da coreografia. O que coloco em uma página imita, embora sem jeito, o que ele coloca nas dele. Como eu o faço é apenas mais imitação.

Quando Jackson Pollock criava, ele imitava. Queria que suas telas se parecessem com o mundo, e o mundo que ele observava era um acidente, uma explosão. Contudo, o mundo que ele via não era arte de fato. Não havia artista e, assim, ele trabalhou duro para matar-se em relação à sua tela. Todavia, fracassou. Ele sempre fracassava porque existia, e isso dava à sua arte um artista — sua existência refutava tudo que ele tentava pregar.

Ele podia fazer buracos no fundo de latas e balançá-las com cordas, mas ainda era quem comprava a corda, arrumava a tela no chão e balançava. Sua arte nunca foi acidental como a realidade. Ela era fundamentalmente falsa (em seu mundo) por ter um criador — uma vantagem que o Grand Canyon, as cataratas de Vitória, os penhascos brancos de Dover e o planeta Júpiter não

tinham.

Wim Delvoye é um artista belga. Quem sabe o que ele enxerga no mundo? Hoje, sua maior conquista chama-se Cloaca. É uma máquina de cocô — resplandecente e eficiente. A comida é jogada na máquina (pratos dos principais chefs quando a obra esteve em Nova York) e, depois de viajar por vários banhos de enzimas balanceados com cuidado e por digestão bacteriana, ela é apertada, tornando-se uma vulgaridade tridimensional em formato de pequenas tiras.

Você pode comprar a coisa em um container de plástico selado a vácuo (no caso de haver escassez) e colocá-la sobre sua lareira. Ela vem com a assinatura do artista.

O negócio dele é a inutilidade da arte. Vejam, vejam, estou vendendo algo que vocês já fazem sozinhos e odeiam. Não há diferença entre o belo e o feio. Há apenas útil e inútil. Essas coisas inúteis (como o Messias de Händel, uma máquina de cocô, um pouco de chiclete mastigado, o teto da capela Sistina e placa dentária) nós chamamos de arte.

Enquanto contemplo a obra de Wim, deveria

ficar surpreso de ver as coisas de maneira diferente? Isso não é realmente inútil, essa longa prateleira de tubos e baldes de enzima, essa máquina que custa milhares de dólares pelo projeto e pela construção. Quão difícil foi produzir? Quanto tempo levou para fazê-la funcionar direito? Tudo isso, essa fábrica de digestão, eu a tenho enrolada em bobinas adaptáveis atrás do meu umbigo. Eu nunca soube o quanto isso era impressionante.

Quais são as baterias nesta máquina? Eu quero energia sendo extraída dessa comida. Quero ver algo fazer polichinelos graças a essa digestão.

Poderia acontecer — com mais alguns milhares em doações e mais engenharia.

Consegui o meu por acidente em uma explosão, pré-fabricado e intacto quando fui forçado a sair da barriga da minha mãe. Por que você não tenta isso? Poderia ser mais barato.

Uma pergunta de outros que não foram citados: Você esperaria encontrar as obras completas de Shakespeare impressas, agrupadas e encadernadas por uma explosão acidental?

Mas isso é exatamente o que temos. Uma explosão que não só nos deu as obras completas de Shakespeare, mas um monte de unidades bípedes atuantes, multidões para chorar e lamentar, e uma indústria de crítica shakespeariana que atravessa os séculos. Porém, a explosão não parou aí. Ela também nos deu Kafka, a arquitetura russa, painéis solares, a democracia jeffersoniana, o cristianismo e o comércio de marfim.

Nós somos pedaços da fuselagem, girando para longe do olho do grande desastre. Tudo que fazemos é atribuível ao caos, pois somos seus filhos, estilhaços de carbono com terminações nervosas sensíveis, complexo de superioridade e predileção por pizza.

Eu vejo sua pintura. É de Pollock. Mas, onde está sua história? Qual é a trama? Quem são as personagens? Quais são as regras?

Nessa história, o dispositivo darwiniano que move a história é chamado (salve o herói conquistador) seleção natural. Contudo, ela não tem propósito, nenhum objetivo. Sobrevivência é o resultado para alguns e morte para outros, mas não

há nada na história para mostrar que um deve de fato ser preferido ao outro. A sobrevivência, como algo bom, é apenas um dos axiomas adotados pelos fiéis. As personagens? O que você quer dizer? Há só uma estranha trindade impessoal — tempo, acaso e matéria. A matéria existe e é moldada por reações químicas ao passo que o tempo e o acaso agem sobre ela. Você não tem alma. Você é apenas a combinação de elementos químicos. O que você chama de “morte” é nada mais que a transição de uma combinação e o início de outra. Bem-vindo ao monte de folhas secas — uma folha caída não é melhor ou pior que um homem. Quando você começa e termina é uma questão desnecessária.

As calotas polares estão derretendo. Quem se importa? Deixe que a grande e veloz corrida sem linha de chegada pela sobrevivência prossiga.

As salamandras da Costa Rica estão desaparecendo? E daí? Fique com Nietzsche, não com o cristianismo, e sua compaixão e pena. Deixe o fraco ser podado. Deixe que eles e outros fracotes, de bactérias a bebês, sejam reciclados para o forte e o faminto.

Do “Hino Evolucionário”, de Clive S. Lewis:

Conduza-nos, evolução, conduza-nos.

Pela infinita escada do futuro;

Corte-nos, mude-nos, estimule-nos, arranque-nos.

Pois, a estagnação é desespero:

Tateando, conjeturando, mas progredindo,

Conduza-nos sabe-se lá aonde.

A verdade é que poucos acadêmicos ateus tentarão afirmar o caráter agradável do ateísmo. Ele tem sido retratado como uma verdade difícil, e esses ateístas de olhos cerrados são os corajosos (“brilhantes”, de acordo com Richard Dawkins), os dispostos a espiar o interior do seio ardente da realidade, a contemplar absolutamente nada e escrever best-sellers sobre suas experiências (e convencer-nos da nossa falta de alma). Eles pregam essa fatalista doutrina dura e química como um bando de calvinistas vitorianos incapazes de entender por que o populacho simplesmente não abaixa a cabeça e os segue em silêncio.

Porque é absurdo. (E você pode ficar com sua

cátedra. Eu preferiria ter uma mesa de pingue-pongue.)

A pintura de Bum é mais feia que meras manchas de tinta e uma errante e absurda história cósmica, global, nacional, estadual e pessoal. O que é bem e o que é mal? Estupro não é um impulso evolucionário? Trocar uma mulher pós-menopausa por um pedaço novo de carne fértil não é uma ação correta segundo a evolução?

Nos salões da pós-graduação, a sabedoria veio até mim pela boca de oráculos mortos.

Immanuel Kant (todos de pé) nos deu algo que ele pensava poder ser usado para extrair bondade e moralidade sem Deus (embora ele não fosse ateísta). O mau é assim por ser irracional.

O imperativo categórico de Kant: Aja só de acordo com as máximas que você deseja que sejam universais.

Aluno 1: Isso não faz sentido. É uma regra de ouro empobrecida. Sem um Deus criador para impô-la, ela é de todo arbitrária. A lógica não concede bondade, apenas validade. E, se fosse possível, como uma lei “racional” conquistaria

autoridade real em um mundo acidental?

Aluno 2 replica: Pense sobre o roubo de bicicleta. E se todo o mundo roubasse bicicletas?

Aluno 1: Todos nós teríamos a bicicleta de outra pessoa.

Há algo de errado em ter a bicicleta de outra pessoa? Eu quero saber.

Hã… sim. Ela é de outra pessoa.

Mas, e se eu não me importar? E se eu quiser que todos neguem o direito de propriedade individual? Isso torna meu roubo legal? E se quiser o fim do casamento e que tabus sexuais sejam afirmados e, então, me esforçar para encaixar o adultério e o estupro na minha agenda? E se eu quiser anarquia? Devo começar a atirar?

Claro que não, você deveria buscar o bem maior para o maior número de pessoas.

Apresentando… a ética do estupro grupal e da opressão racial. Bondade por decisão majoritária sempre deu certo no passado. Apenas certifique-se de que há mais pessoas aproveitando o espetáculo que sendo devoradas pelos leões.

Futilidade. Kant, o bem-intencionado intelectual, nos ofereceu uma “regra de ouro” lógica, mas lhe falta tutano. Alguém tirou o álcool. Tiraram a autoridade. A versão de Cristo tem maior teor alcóolico. Faça como você deseja que seja feito. Por quê? Porque ele criou você e este mundo, você e ele lhe pertencem, e ele faz as regras. Porque você prestará contas. Porque você será julgado como julga os outros.

Autoridade, em especial a autoridade de um Criador infinito e santo, cujas palavras nos dão nossa própria existência — que podem nos dar moralidade.

Espere aqui. Vou trazer sua bicicleta de volta.

Se há metasseres, um deus ou deuses que não criaram o mundo, então eles podem nos mandar fazer o que os valentões fazem, embora não tenham jurisdição. Podem governar seus países como bairros italianos e seguirem os mesmos princípios. Faça ou apanhe. Ajoelhem-se, touros de abate, lambam o chão, passe-nos sua grana. Porém, força, mesmo acima do nível humano, não torna certo.

Mas, um Deus criador, um Deus sem quem nada

disso existiria, um Deus que trouxe a realidade à existência por sua palavra e a molda até agora, ele detém autoridade. Este mundo é dele. Você é dele da maneira como essas palavras são minhas. Nós somos pó falados a partir do nada, moldados com a umidade de seu hálito, nomeados e vivificados.

Agostinho: Ame a Deus e faça o que deseja.

Se você ama a Deus, então amará a santidade. O que você deseja não deveria ser um problema.

❃

Há crustáceos chamados artêmias nos desertos do sul de Idaho. Eles foram descobertos há apenas uns anos por homens da Guarda Nacional em treinamento.

Pela primeira vez em anos, caiu chuva o bastante no deserto para formar poças. Nesse mundo bastante temporário, estranhas criaturas brancas estavam planando, anjos da morte em poças, devorando crias de mosquitos e outros pequenos seres nadadores. Com 10 centímetros de comprimento, muitas pernas, barrigas de velcro para armazenar melhor as presas, a observar seu mundo superficial com cabeças de louva-a-deus,

esses camarões tinham posto ovos dormentes e secos há uma década ou mais, de alguma forma, em algum ponto, no deserto.

Eu desisti das probabilidades. Elas não assustam ninguém. Por que falar sobre a improbabilidade de algo assim acontecer por acidente? Qualquer sapo, qualquer joaninha ou borboleta é tão improvável quanto um camarão no deserto de Idaho e, ainda assim, há milhões de criaturas gorjeando, rastejando e sendo formadas a partir de sopa neste exato momento, desfrutando de uma vida cheia de propósito, amor, comida, luz solar e lama — todas dádivas motivadoras de gratidão. E, para a gratidão funcionar, deve haver alguém responsável — um Doador das dádivas.

Enquanto escrevo minha mulher dorme a meu lado, neste momento. A terra girou para a sombra, embora a lua-espelho esteja alta, e chegou a hora das criaturas sanas ficarem bem paradas e terem pensamentos involuntários.

Meu amor a ela é maior que o amor de um ímã à geladeira. Meu amor a ela é motivo por mais que a busca para transmitir meus genes a uma

descendência igualmente sem valor. Ela e eu temos uma história juntos. Somos cordas tocadas juntas, uma rotina de música e dança que polimos e praticamos todo dia. É um amor faminto e alimentado, sedento e sempre bebendo. Eu a observo do jeito que uma garota olhou para mim de sua cadeira de rodas. Não consigo me conter. Não consigo parar de me repetir.

Admito isto: é algo muito parecido com uma explosão, como uma onda batendo na praia até o lugar em que nossa história amadurecerá como uma plantação de verão, até o lugar em que o Segador nos encontrará.

Não há nada de acidental nos olhos brilhantes que minhas filhas usam para ver o mundo ou as faíscas de alegria que surgem neles quando descobrem pequenas histórias pela primeira vez, histórias de gatos e esquilos, inverno e primavera, diversão, amor, risos, alegria e gratidão.

Enquanto me deito no chão, com a face voltada para o tapete, penitente de gratidão pela vida imerecida, beleza e felicidade imerecidos, grato pelas estrelas e pássaros, grama, folhas e fardos de

amor que recebi, sei o que se aproxima. Consigo ouvir a voz da mãe deles os provocando.

Osso do meu osso e carne da minha carne.

Filhas nas costas, beijos e risadas nos meus ouvidos. As mãos de um filho nos meus tornozelos, esforçando-se para o dia em que conseguirá me virar com facilidade. Um filho menor, com poucas palavras na língua, esfregando o jovem crânio no meu, girando e rastejando abaixo do meu rosto. Ele não precisa de palavras. Olha nos meus olhos, sorri e bate na minha bochecha, provocando uma briga, esperando seu pescoço ser mordido. Esperando risos.

Eu fico em pé, amadurecendo ao solo, em uma esquina próxima a uma cafeteria. O mundo gira, imperturbável em sua rota. O verão chegou com os encantos de uma mãe. O calor banha meu rosto, envelhecendo-me, levando-me para mais perto da morte.

Deixe estar. Estou aqui para viver minha história, para amar minha história. Não deixarei de saborear cada dádiva por causa de um desejo de autopreservação. Autopreservação não é uma

grande virtude nesta história.

Tenho este mundo, e tudo nele me tem, mesmo sendo uma troca ruim. Tenho uma churrasqueira. Eu vou usá-la esta noite.

Acima do meu ombro, uma garota se aproxima empurrando uma cadeira de rodas. Um homem está assentado nela, retorcido, baba seca em lábios rachados sob os emaranhados de um bigode não aparado.

A voz de Nietzsche é difícil de entender. “O conceito cristão de Deus”, ele diz. “Deus como Deus dos doentes, Deus como aranha tecendo teias, Deus como espírito — é um dos mais corruptos conceitos de Deus que sobre a terra se obtiveram: representa até, possivelmente, o mais baixo nível da evolução declinante do tipo divino.”

Eu quero bagunçar o cabelo dele. Quero pegar a cabeça do pobre menino luterano com minhas mãos e beijar sua testa enrugada. É tudo que posso fazer. Eu não posso consertar um osso, quanto mais uma alma.

Ele prossegue, pregando incredulidade em uma rua vazia.

Eu prossigo, com o rosto ao sol. As nuvens estão crescendo a oeste, nuvens gloriosas empilhadas com cuidado turbulento e abastecidas de vida elétrica.

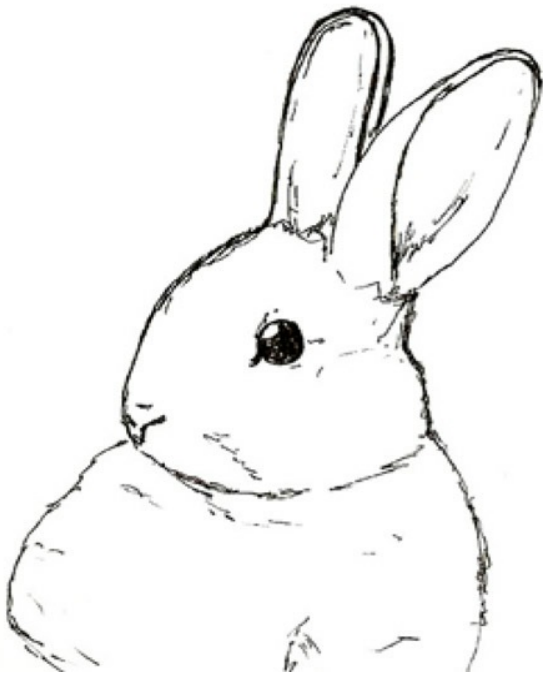
Encho meus pulmões com o mundo, com esta vida, com este dom além dos limites. Só há uma coisa que posso dizer.

Obrigado. E devo dizer com minha vida. Por meio da minha vida. Até o fim da minha vida.

E DEPOIS.

1 Neste livro utilizamos a tradução de Artur Morão, adaptada ao português do Brasil. [N. do T.]

O problema dos gatinhos: fofura e beleza



O AR ESTÁ FICANDO ESPESSO. Não está úmido. Não é esse tipo de calor. Mas, o vento morreu e a atmosfera está se tornando comprimida, pressurizada, esfregando as meias no carpete.

As lentes dos meus óculos escuros estão cheias do meu suor, dos dois lados.

Gafanhotos passaram a manhã crepitando asas amarelas à minha volta, mas, agora, estão em silêncio. Enquanto subo a escada até o beiral, com minhas costas para o sul, o único movimento vem de abelhas e vespas alisando a muro, perguntando-se onde as casas trabalhadas a cuspe se foram, esmagadas sob o novo revestimento de cedro.

A pistola de pregos está quente o bastante para queimar minha mão. Não posso deixá-la presa à escada. Ela desce comigo e descansa na sombra.

A oeste, há nuvens se formando, reunindo-se na direção da lua da tarde. São elas que comprimem o ar. Elas criam opressão à tarde para trazer alívio à noite.

Elas não são fofinhas, mas são bonitas.

Certa vez, havia um coelho chamado Marco

Aurélio. Sua história começa com ele no mercado agrícola, um coelho de abate, que deveria ir para a panela de alguém.

Ele custava cinco dólares.

Minha (futura) tia comprou Marco, mas não pela carne. Ela o comprou por amizade, por humor, por algo quente e fofo para agarrar. Marco até sabia como mexer o nariz.

Você já ouviu um coelho gritar? Eles soam como porcos com um tom um pouco mais alto e maior projeção. O grito surge sob extrema coação, como uma oração final antes que a cobra se contraia, antes que as garras os agarrem, antes de o sr. McGregor fazer um guisado.

O problema dos cristãos é que normalmente queremos escolher um aspecto deste mundo, um aspecto da personalidade de Deus e, então, prender-nos a isso.

Coelhos são macios e poços de fofura. Gatos ficam lindos em cestas. Deveríamos nos fixar na imagem de gatinhos, sem crescer, caçar, nem deixar resíduos das populações de pequenos animais? Deveríamos nos agarrar à suavidade,

cordialidade e longas orelhas desajeitadas, e ignorar o grito ocasional nos arbustos?

A história de Marco Aurélio parecia consistir apenas em arco-íris e alegria. Ele não era mais um coelho para abate. Sua salvadora, minha tia, o pegou para fazer amizade com seus alunos do jardim de infância, minha irmã mais velha entre eles.

Marco brincava com eles no recreio. Ele era marrom, macio, grande e amigável.

Marco engordou.

No verão, depois do glorioso ano no jardim de infância, quando os campos assavam ao sol e as estradas entortavam o ar com seu calor, Marco partiu para ficar com alguns amigos, fazendeiros. Todo o mundo sabia que ele gostaria dali. A casa deles ficava nos campos, onde um coelho deveria viver, em um lugar onde ele poderia ver a montanha.

Minha irmã o amava. Minha tia o amava. Eu, embora minha mente de três anos não tenha retido nada disso, devo tê-lo amado na época.

O livro ilustrado da vida de Marco tem uma

página final perturbadora.

Mas, que início promissor — poupado da morte, amigo de crianças de cinco anos, inocência e bênção.

O que é mais bonito — um macio coelho de olhos brilhantes, bem alimentado e amado, batizado com o nome de um imperador-filósofo estoico ou um falcão de cauda vermelha, macio de um jeito diferente, flutuando no tórrido ar ascendente dos campos, com olhar aguçado e partes pontiagudas?

Levaram Marco para brincar no quintal. Ele amava brincar com crianças. Era tudo o que ele conhecia desde aquele dia no mercado. Ele não sabia nada sobre falcões. Ninguém o preparou.

O falcão atacou antes que alguém o visse descendo. Falcões tendem a fazer isso. Mas, Marco era gordo, muito pesado para as garras, muito largo e facilmente rasgável.

No final, Marco jazeu arfando, mutilado no quintal. As testemunhas ficaram traumatizadas. O falcão, mais cansado e faminto que antes, voltou para os céus, sem dúvida procurando algo menor. Talvez um gatinho.

Marco Aurélio chegou ao fim da vida com a maior dignidade possível para um coelho gordo retalhado por bico e garras.

Eu não sei onde ele foi enterrado ou se uma pedra agora marca seu lugar.

Mas, ele nunca foi comido.

Marco Aurélio (fragmento de *Meditações*): Execute cada ato de sua vida como se fosse o último.

Falou como um romano morto.

Um gatinho malhado está deitado de pernas para cima, observando-me com seus olhos de cabeça para baixo. Esse gatinho tem uma mensagem: “Deus ouve até a menor das vozes”.

Eu poderia comprar o lustroso pôster de 35 x 50 cm e pendurá-lo no meu escritório, próximo aos “Desastres marinhos de Cabo Cod”.

O gatinho acredita no que está me contando? Ele se sente culpado enquanto devora esquilos, ratazanas e filhotes de codorna?

Esse trabalho está mudando minhas mãos. Elas estão se enchendo de calos. As grossas almofadas

de pele ficam moles com suor e calor. Outrora proteções, elas agora deslizam com o fluido enquanto agarro as barras da escada. Eu sei o que vai acontecer. Nos próximos dias, quando as bolhas forem drenadas, os calos sumirão e novos serão iniciados. Eu não conseguirei reconstruí-los antes do outono.

Estou ignorando o calor. Empanturrando-me de líquido enquanto meço e corto, engolindo e ofegando e, então, semicerrando os olhos por causa dos dentes giratórios da serra. Eles viram borrão contra o cedro, lançando lascas contra minhas lentes.

Minha família está na piscina.

Em um segundo dissonante, a lâmina faísca, a madeira é lançada na minha mão. Eu solto o gatilho e paro para olhar a ponta do meu dedo. Uma longa lasca de cinco centímetros encontra-se debaixo da unha do meu indicador. Ela foi enterrada na metade do caminho para a minha cutícula. Não há sangue, ainda não. Está sendo contido pelo cedro.

Eu retiro a lasca e deixo-a no chão junto com as primeiras gotas de sangue. As formigas podem

bebê-las. Elas precisam de proteína. Suor era tudo o que estavam conseguindo comigo.

Há um pôster, menor que o outro, mas ainda com a temática gatinhos. Ele tem a borda amarela, e é tão animado quanto uma animação pode ser. O gato parece levemente perturbado. Eu olho mais de perto. Oh, não, agora eu vejo! O cachorrinho peludo tem o rabo do gatinho na boca. Não se preocupe. Nenhum gatinho foi ferido. Parece Photoshop.

Mensagem em uma fonte gordinha: “Ajude-me a lembrar, Senhor: nada vai acontecer hoje que tu e eu não possamos enfrentar juntos”.

Contanto que nada maior que um cãozinho apareça.

O ar se move. Algo ronca à distância — um caminhão puxando sua caçamba? O ar-condicionado do teto do hospital movido pela primeira brisa da tarde?

Ou trovão. Os chicotes do céu estão estalando em algum lugar do estado de Washington. As plantas tombam e o vento transforma a poeira em demônios que brincam nos campos, primos mais

novos dos grandes funis que avançam pelos céus do Meio-Oeste.

Eu termino com meu corte e caminho até a escada, chupando o dedo.

Dois falcões de cauda vermelha voam acima de mim. Eles vivem aqui agora, nesta vizinhança, aninhados no alto de um abeto azul. Eu me pergunto o que encontram para comer. Gatinhos? Coelhos de estimação? Eu me pergunto com que clareza seus olhos conseguem ver a tempestade que se forma e quando eles irão para seu ninho, uma casa localizada no ponto mais alto do quarteirão.

Quantos falcões morrem atingidos por raios?

Como eu saberia? Escalo minha escada de metal. No topo, um grupo de vespas voa em torno de um degrau. Equilibrando-me com uma parte do revestimento no ombro, alcanço nas sacolas a morte que comprei ontem. Ela é negra e cheia de aerossol.

“Hoje é o dia de sua morte”, digo em voz alta. “Vocês viveram de forma plena e arruinaram muitos piqueniques, assustaram muitas crianças e comeram seu quinhão de melancia. Ou talvez, não.

De qualquer forma...”

Elas têm convulsões e caem do céu. Eu as assisto por um instante: elas se contorcem ao lado da base. A contagem de hoje passa de cinquenta.

Se meu dedo não doesse, se não estivesse perdendo meus calos favoritos, se meu filho não tivesse sido picado tantas vezes neste verão, talvez elas tivessem vivido. Mas, provavelmente não.

Por que os cristãos pensam em pureza, santidade e até divindade como algo com olhos grandes e pelos macios? Por que muitas vezes ignoramos o belo a favor do fofo?

O que eu deveria aprender sobre Deus a partir de gatinhos e cãezinhos? Ele os criou; com certeza, eles podem me ensinar algo. Ele criou coelhos também e levou a maciez a novos níveis quando trabalhou nos pelos deles. Então, ele lhes deu dentes que podem atuar como saca-rolhas… e os coelhos gritam.

E, no sexto dia, ele criou os ratos-toupeiras-pelados. E eles eram bons.

Ratos-toupeiras-pelados não são fofinhos (ou belos no sentido convencional). Eles vivem em

colônias (um tipo de inseto social mamífero) e funcionam com uma rainha, uma rainha extralonga, adaptada para navegar por túneis e gerar a próxima geração de trabalhadores cegos, nus e dentuços. A rainha terá até cinco ninhadas por ano, e cada ninhada tem uma média de doze filhotes (podendo chegar a 27).

Graças aos intrépidos esforços fotográficos de pessoas que não conheço, eu vi uma filmagem da rainha-rata-toupeira em sua câmara, seu nobre rei ao seu translúcido, contorcido e esperneante lado. Os ratos-toupeiras são formados em um útero ativo e tunelado. A vida na "colmeia" é espaçosa.

Podemos fazer um pôster dessa rainha comprida, por favor? Podemos distribuir essa imagem para as mulheres da cristandade?

Deus ouve até a menor das vozes, sim, até a voz do nascituro rato-toupeira-pelado.

Eu consigo imaginar a borda amarela. Escolha sua fonte.

Os ventos são seus mensageiros. *Angelos,* anjo, mensageiro. Evangelho.

Mudei a posição da minha escada. O vento está

aumentando. O tapume avançou sobre a casa. Sei que estou correndo contra algo muito maior e mais rápido que eu. O próprio vento torna minha corrida mais fácil. O suor é afastado. O calor pressurizado foi empurrado para o leste, onde agora algum fazendeiro pode tirar seu chapéu manchado e limpar a testa na quietude.

Os falcões não estão no céu.

Sem dúvida, minha família saiu da piscina.

Qual é essa mensagem que o vento carrega? Qual é a moral? Alguém pode digitar em um cartão para mim?

Do alto da minha escada, quando consigo olhar acima das árvores do vizinho, a mensagem é mais clara.

Haverá granizo ou chuva em gordas gotas bem alimentadas. Posso vê-las congeladas em sua queda diagonal. Desta distância, parece que um artista lambeu o dedão e borrou a nuvem na direção da terra. Ela parece congelada, pronta para um cartão postal inspirativo. Quando eu estiver dentro da tempestade, a mensagem será mais clara. O impressionismo está partindo. O realismo vem

como consequência.

Realismo. Eu tenho uma bênção angelical. Pelo menos, eu acho. É um cartão com uma figura de uma mulher com um vestido bufante e macio, de avental. Ela foi feita com linhas finas e aquarela gentil.

O vestido da mulher é roxo com flores. Seu cabelo tem permanente e o avental é largo e branco, cobrindo a extensão do torso. O avental tem uma palavra cursiva nele, desenhando para parecer bordado.

Fé.

A coitada da mulher também tem tornozelos muito gordos, e chinelos decorados com estrelas desiguais costuradas. Seu rosto é ainda mais estranho. Ela não tem boca ou nariz, apenas uma simpatia oval (ela é branca) com dois olhos de bola e grandes círculos rosados nas bochechas de todos os beijos angelicais que está ganhando. Ou isso, ou ela é insegura com a total ausência de traços faciais e colocou um pouco mais de *blush* para compensar.

Ela tem asas, e eu estou feliz por ela, considerando a situação dos tornozelos.

Anjo, anjo, qual é sua mensagem?

Certo. Sem boca. Mas, há algo escrito no canto do cartão.

“Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração.”

Paulo escreveu essas palavras para os cristãos em Roma. Ele escreveu essas palavras a cristãos em uma cidade em que homens, mulheres e crianças serviram de comida para grandes gatos, outrora gatinhos, na frente de uma plateia. Em Roma, os cristãos eram amarrados em estacas e queimados para providenciar iluminação para as orgias de Nero. Em Roma, os cristãos eram forçados a adorar em sepulcros, túneis com prateleiras cheias de caveiras. Em situação nada melhor que a dos ratos-toupeiras, eles adoravam em pequenas câmaras fúnebres cheias de vida em palavra e sacramento.

Aqui é o primeiro mundo. Nós precisamos desses lembretes deixados por avós de tornozelos gordinhos, pregadas na geladeira com pequenos ímãs de peixe.

Em outros lugares do mundo, cristãos morreram hoje e morrem por causa de seu batismo.

Deveríamos enviar esses anjos para o Sudão? Deveríamos enviá-los para Indonésia e Irã, Coreia e China? As vovós aladas estão disponíveis com aventais bordados?

Ezequiel: Olhei e vi um vento tempestuoso vindo do norte, uma grande nuvem e um raio cercado de um brilho; e um metal que brilhava saía do meio do raio. Algo semelhante a quatro seres viventes saía do meio da nuvem. Sua aparência era semelhante a de homem; cada um tinha quatro rostos e também quatro asas. Suas pernas eram retas; os pés eram como os de um bezerro e brilhavam como bronze polido. Eles tinham mãos de homem debaixo das asas, nos quatro lados; e os rostos e asas dos quatro eram assim: as asas se uniam umas às outras; eles não se viravam quando andavam; cada um andava para a frente. Os rostos tinham aparência de rosto humano; os quatro tinham rosto de leão no lado direito e rosto de boi no lado esquerdo; os quatro também tinham rosto de águia; os rostos eram assim. As asas estavam estendidas para cima; cada um tinha duas asas que tocavam as de outro; e duas cobriam o corpo de cada um deles.

Santidade é terrível. Ela vem com o vento tempestuoso. Ela é um fogo purificador. Nós não somos os primeiros cristãos a banalizar os querubins. Não somos os primeiros a suavizar as coisas em nossa imaginação e torná-las confortáveis em nossos sonhos.

Quando pensa em um querubim, você vê um vestido de tecido cheio de vovó? Você vê um bebê gordo e alado urinando em uma fonte? Você vê algo cavalgando os ventos da tempestade, algo confortável com um vórtice de nuvens? Algo com quatro faces e quatro asas, da cor do bronze polido, inconsumíveis pelo fogo que os envolve?

O banal é mais confortável. Eu gosto de anjos que posso abraçar. Esqueça a coluna de fogo; um urso de pelúcia é um ícone mais apropriado para a santidade.

Vocês acham que suas mãos não terão bolhas no céu? Ou você acha que verá suas bolhas de um jeito diferente? Acha que seu corpo, a carne que agora o sustenta, por fim será removida e você ficará livre para ouvir um concerto eterno do conforto de uma cadeira de massagem etérea? E, felizmente, a

música será clássica e dormir será sua única defesa.

Você terá uma harpa e se sentará em uma nuvem? Receberá um novo corpo, um corpo melhor, um corpo que não falhará ou fraquejará sob esforço. Esse corpo que o abriga agora é nada além de vapor se comparado à carne que lhe aguarda.

Quando Cristo ressuscitou, ele ressuscitou em carne. Ele não era um fantasma, mas atravessava paredes. As paredes eram fantasmas, e nós também. Nós somos crianças quando se trata de trabalho, quando se trata de amor, quando se trata de moldar este mundo.

O vento está construindo, mas minha escada é pesada, e a chuva ainda não encontrou este canto do mundo. Tijolos e lona estão entre minhas ferramentas.

Do alto da minha escada, é difícil trabalhar quando não consigo tirar os olhos do céu. Quero descer e aumentar a escada até o máximo. Quero subir no meu teto e estar no mais alto, dando boas-vindas ao vento.

Escalo, enchendo minhas narinas com o cheiro do ozônio puxado das alturas para baixo. Esse

cheiro é a glória da tempestade. As árvores se inclinam diante dele. A chuva atinge as ruas quentes, encontra o asfalto empoeirado e desprende seu próprio aroma, uma oferta.

Em uma tempestade de verão, é difícil encontrar um lugar com cheiro mais santo que um estacionamento.

Se eu encontrasse um anjo, não pediria um biscoito. Se tivesse olhos para ver o que Ezequiel viu, precisaria ser erguido após cair de rosto. Precisaria ser lembrado de que contemplei uma criatura como eu, uma criatura agora regida pelo homem. “O” homem.

Sou muito pequeno e estou no corpo errado para ter esses olhos tão abertos. O vento é suficiente para me sobrecarregar. As árvores a balançar capturam como me sinto, ajoelhando-se e partindo-se enquanto o céu passa.

Deus inventou cangambás.

Gordos e desagradáveis, os rebeldes da mata não têm noção de seu tamanho e nem precisam. Eles plantam bananeira e marcham obscenamente na direção de qualquer predador — enfrentando ursos-

pardos com nada mais que comportamento glandular inapropriado.

Os cangambás vagam pela cidade à noite, mastigando gatos menores. Pessoas solitárias colocam cartazes em postes, mas o resto de nós não fica triste. Todo gato tem seu fim.

Assim como todo cangambá.

Deus também inventou as corujas, dando-lhes a audição tão aguçada quanto seus olhos e um voo quase silencioso. Ele negligenciou dar a muitas delas algum sentido de olfato notável.

Um cangambá não precisa temer um puma ou um urso-pardo, toda uma matilha de lobos ou o mais astuto dos coiotes.

Mas, enquanto ele está ocupado no seu quintal, polindo os ossos do seu gato, ele é tão vulnerável quanto Marco Aurélio, o outrora coelho de abate.

Arquear as costas e soltar odores não funcionarão contra um dos assassinos noturnos e emplumados de cara chata.

Deus ouve até a menor das vozes e os filhotes da coruja são alimentados enquanto eu fecho minha

janela contra o fedor do crepúsculo.

Pintor, Pintor, pinte-me um quadro de como é Deus e dos lugares alegres e secretos para onde ele amaria me levar.

Você gostaria de um uma moldura dourada? (O valor é irrisório.)

Eu vejo quedas d'água, pequenas e gentis, com água em temperatura ambiente, então não lamento se molho meus dedos. Vejo moitas rosadas, azuis e brancas. Elas devem ter um cheiro ótimo. Tenho certeza de que nenhuma aranha-caranguejo branca esconde-se nas flores. Tenho certeza de que não há espinhos.

Oh, mas haverá coelhos. Muitos coelhos, enrolados e dormindo em grupos sob as rosas sem espinho.

Eles comerão as rosas?

Comerão? Eles não comerão nada. Se eles comerem, eles vão ter que… você sabe… fazer cocô. Assim é o céu. Não teremos corpos que precisam de comida no céu, e nem os coelhos. Eu duvido que existirão objetos pontudos. Tesouras de ponta redonda para todos os santos! Bolas de tênis

na ponta de cada pico das Montanhas Rochosas. Não gostaríamos que os anjos prendessem os aventais enquanto distribuem biscoitos de canela.

O cristianismo não se preocupa mais com mudar o mundo. Ele não trata de enfrentar as trevas e caminhar nas sombras com a alma repleta de luz. Não vemos o mal como algo a ser vencido, não vemos a vida como uma história com algum tipo de arco narrativo. Não queremos que nosso Deus seja o Deus dos falcões, dos ratos-toupeiras e dos cangambás.

Esse Deus que você adora inventou os coelhos. Mas, esse também é o Deus de seu intestino grosso (um projeto que muito lhe agradou). Esse é o Deus que inventou o sexo, não como algum tipo de abstração pornográfica, bidimensional e depilada. O Deus que inventou tudo que acompanha o sexo entre um homem real e uma mulher real.

Esse Deus fez o sexo destruidor, fez homens cantarem “House of the Rising Sun” [Casa do sol nascente] e escreverem *Anna Karenina*. Esse Deus tornou isso um dom e o colocou em um jardim cercado (privado, sem tours, sem subsídio público).

Esse Deus inventou o musgo, as centopeias, os morcegos e as centopeias gigantes que se suspendem nos tetos das cavernas e comem morcegos. Esse Deus inventou a luz solar, atmosferas e um mundo giratório para captar a luz e espalhar cor pelos céus. Esse Deus inventou incêndios florestais em Montana. Milhões de acres queimam e, onde estou, a oeste das chamas, a fumaça impulsiona o pôr do sol ao domínio completo do céu. Esse Deus inventou cristãos para tirarem fotos desses pores do sol, trabalharem com chamas e morte em um verão quente e colocá-los em cartões postais junto com a frase “Estou sozinho no jardim”.

Esse Deus inventou axilas. Ele fica triste quando elas fazem você feder?

Deus inventou sanguessugas, mosquitos e percevejos que mordem. Não foi ele? Então, quem foi? Do que eles são feitos? Deus tenta livrar o mundo dos piolhos, mas não é rápido o bastante em aprender a arte do controle de pragas?

Por que essas coisas não entram em nossos cartões-postais? Por que as omitimos em uma

versão resumida e muito mais santa da realidade para toda a família?

Elas estão aqui. São palavras. O que nos dizem? Qual é o papel delas na história?

O apóstolo Paulo: Toda carne é semente, aguardando ressurreição.

Clive S. Lewis: Animais são carne. Eles marcharão para o sol da nova vida.

Pessoas: Há! O que você diz dos mosquitos? Os bons vão para o céu?

Clive S. Lewis: Se o pior vem para os piores, um céu para mosquitos e um inferno para as pessoas podiam facilmente ser combinados.

Não coloque isso na brochura.

O céu será maravilhoso (novidade). Será mais maravilhoso do que podemos imaginar, mesmo que nossa imaginação não seja tão ocupada por visões de algodão doce. Você terá um corpo mais físico que o atual. O céu será duro e resplandecente, e os ventos serão fortes. Você terá corpo, olhos e alma purificada e saudável para suportá-lo.

Você refará este mundo com mãos calejadas.

Não se ressinta de seu lugar na história. Não se imagine em outro lugar. Não feche os olhos e imagine um mundo sem espinhos, sombras e falcões. Mude o mundo. Use seu corpo como ferramenta a ser utilizada, descartada e substituída. Melhore cada vida que tocar. Você chegará ao último capítulo. Quando tivermos olhos que poderão olhar para o sol, olhos que apenas semicerram para a *shekhinah* [presença divina], então veremos crianças risonhas puxando cobras pela cauda, e falcões e coelhos brincando de pique-pega.

Mas, não podemos esperar chegar ao último capítulo sonhando, prendendo a respiração coletiva e contemplando pinturas sem sombras em acrílico por escapismo. A única estrada para o capítulo final começou no jardim e prosseguiu no deserto. Ela corre por estes capítulos. Viva agora. Aprecie as tensões, os desafios e ria das dores pequenas.

Na Páscoa, no antigo caminho, a casa deveria ser purificada, cada germe de fermento removido. Longos códigos de purificação foram dados às personagens anteriores, as personagens dos

primeiros capítulos. Marisco o deixava impuro. Poliéster o deixava impuro. Prepúcios o deixava impuro. A santidade humana era frágil nesses dias.

As coisas mudaram. Um grande lençol foi descido no sonho de Pedro. Coma. Pegue um *sushi*. Prove uma cobra. Camarões são uma delícia enrolados em *bacon* com molho *barbecue* apimentado.

A comida é santa enquanto você a come, quando é usada para fortalecer um corpo usado para fortalecer o mundo.

Deixe o fermento. Seja o fermento. Não tema os lugares sombrios. Você nunca será o primeiro lá. Outra pessoa foi antes e desceu até que ele saiu do outro lado.

O problema do mal já tem força sozinho. Não precisamos deixá-lo mais forte imaginando que perfeição é ponto-de-cruz, biscoitos e gatinhos que não comem, nem são comidos.

O mundo já é mais maravilhoso que podemos imaginar. O céu será ainda melhor.

Tenho certeza de que, não importa como sejam os portões, eles serão de pérola. Mas, eu sei como

pérolas são feitas. Você sabe?

No céu, os portões serão feitos de cuspe de ostra.

Exercício: Imagine essas ostras.

Pintor, pintor, pinte-me um pouco de luz. Pinte-me uma vila longe da dor. Pinte-me cercas exuberantes, janelas luminosas e poças que brilham.

Essas cenas existem, como coelhos, como gotas de chuva em rosas e bigodes em gatinhos, chaleiras de cobre brilhantes e luvas de lãs quentes.

Pintor, pintor, encontre o outro sapato. Chega.

Tudo tem seu lugar nesta moldura. Tudo tem sua posição no palco. O mundo está repleto de coisas confortáveis. O mundo está repleto de beleza suave e ondas do mar gentis. Seríamos tolos se ignorássemos a suavidade e ficássemos restritos ao sombrio, capazes apenas de contar histórias tenebrosas. Porém, o mundo de toques gentis não é mais verdadeiro que o mundo no escuro. Coloque as cores em seu lugar. Pinte um retrato fiel, com tensão.

Depois de cada chuva, olhe para seu pé. Quando

o sol se põe, admire o frescor do mundo e como ele parece elegante com esse matiz dourado. Observe a carnificina lívida e inchada.

Cada poça brilhante está cheia de minhocas mortas. Por que elas chegam a esses finais úmidos não sei. Elas são chamadas pelo nome quando sua jornada terrena acaba ou apenas amam a água sem saber nadar?

Elas são os lemingues das poças. Nas chuvas de verão, morrem; suicidam-se aos milhares.

O realismo não consiste em anjos de rosto gordinho e ele não significa intrepidez solitária. Uma escola, composta por tias, avós e pessoas agradáveis e boas de abraçar, concentra-se em travesseiros e pinturas de anjo em tons pastel com detalhes dourados. A outra escola, a escola desesperada pela fé e uma história de extremos, foca em algo que pertence a uma parede de banheiro. Os romances deveriam ir de cinza a preto até um lampejo de cinza. Incesto, abuso, tiras de borracha nos antebraços, delineador preto e abandono — essas coisas são reais. A felicidade não é real. A alegria não é real, principalmente

alegria nas dificuldades. O ressentimento é real. Uma vida de amargura é real.

Os coelhos são uma droga (a não ser que sirvam de alimento para a minha cobra), mas gatinhos são legais — porque eles são assassinos felpudos, paradoxo irônico.

O problema (parte 1): Coisas fofas existem, e elas são fofinhas. O filme não acabou. Eu sinto muito informá-lo, mas o mundo terá um final feliz. O sofrimento morre em um tiroteio, e a tristeza é executada após um julgamento justo. Cílios existem e os das minhas filhas são ondulados. Elas amam passá-los em minhas bochechas, e aquele toque efêmero, aquele sussurro arrebatador, é mais real que seus sonhos de heroína. É um retrato melhor do mundo e da história que todo o seu choramingo.

Quando Hitler tiver sido esquecido e Stalin for o nome de uma nova marca de chiclete, os beijos de borboleta continuarão.[1]

O problema (parte 2): O mundo tem classificação 18 anos e ninguém verifica as identidades. Não tente torná-lo “censura livre” e imagine as sombras indo embora. Não tente esconder seus filhos do

mundo para sempre, mas não finja que não há perigo. Treine-os. Dê-lhes olhos aguçados e barrigas cheias de riso. Torne-os perigosos. Torne-os fermento e, quando crescerem, eles poluirão as sombras.

Mantenha as almofadas de anjo se quiser. Elas não contaminarão. Você pode descansar sua cabeça enquanto assiste ao pôr do sol de verão — o sol sangrento a banhar o céu enfumaçado.

O céu acima do meu telhado ainda é azul, ainda brilha com a tarde quente. Mas, os portões de pérola estão cheios ao oeste e transbordando.

O vento corre agora, deslizando por baixo da minha escada, dividindo-se pelos arbustos e perseguindo a poeira pela rua.

Os querubins estão vindo. Consigo ouvir-lhes o riso, o rugido no céu.

Minha escada desliza, apenas alguns centímetros, mas o bastante para fazer-me estremecer.

Agora é hora de descer. Agora é a hora de os coelhos encontrarem as moitas.

Os primeiros granizos batem na grama abaixo de

mim e chacoalham a escada.

Não quero perder minha carne. Quero uma carne melhor. Quero poder correr com esses cavalos, como Elias.

Alguém já foi feliz como Elias cavalgando a tempestade?

Esses querubins não são destruídos, embora tenham destruído. Essa saraiva não está caindo no Egito.

Quando estou em pé no topo de um penhasco, não tenho medo de cair por acidente. Tenho medo de pular. O vento fala com a argila do meu corpo. Esse vento, esse sopro de Deus é o que primeiro encheu os pulmões de Adão e lhe deu vida.

As nuvens estão escuras. As vespas se esconderam. O granizo cai mais rápido. Não posso balançar uma lata *spray* e pulverizar algo contra ele.

Agora é hora de descer, de afastar-me da escada.

Sou um coelho gordo.

No solo, não estou ainda pronto para cobrir minhas ferramentas. Estou esperando. Tenho

esperado o dia todo.

O céu se abre e o solo palpita abaixo de mim. O reflexo do mundo oscila nas minhas janelas, sacudido pelos tambores de bronze polido dos querubins, envoltos em fogo.

Ozônio. O cheiro sacia minha necessidade e corro para minhas ferramentas.

Havia um coelho que nunca foi guardado em uma gaiola e vendido por cinco dólares. Ele era rápido, e não temia lugares abertos. Não temia os falcões.

Assisti esse coelho correr, repetidas vezes, reproduzindo uma fita gravada por uma alma sortuda, testemunha de uma estranha inversão.

Em um mergulho, a velocidade do mais rápido dos falcões foi registrada como mais de 90 km/h.

No início, correndo sobre a poeira, com a morte seguindo de perto, o coelho é mais rápido que o falcão em uma trilha reta. A ave de rapina volta para cima e voa em círculos, tendo mais respeito pela presa no próximo mergulho. A presa se prepara também, desviando-se no último momento possível, roçando o corpo com o caçador enquanto

o pássaro se joga no pó. Mais uma vez o falcão circula; novamente o coelho não procura esconder-se.

O coelho corre, a ave mergulha, alcançando esse desafiador pela frente, confronto direto com a estranha confiança de orelhas compridas.

O coelho não se desvia de novo. Ele não recua. Quando o falcão ataca, o coelho pula, tirando um fino das costas empenadas, pegando embalo, impulsionando sua fuga.

E, assim, a história termina.

Por enquanto. Até que alguma página ignorada traga a morte dessa carne, o fim desse corpo tão bem utilizado.

Minha lona precisa de mais tijolos depois que coloquei minha escada no chão.

Estou correndo agora, esmurrado pela chuva, por gotas abandonadas do oceano no céu.

O vento cola minha camisa no meu peito. Galhos jazem na rua.

Escuto sirenes, estridentes reclamações contra os querubins.

Escuto uma voz baixa. Olho. Minha bela filha de três anos, cabelos enrolados, já molhada da piscina antes da chuva, treme em uma toalha. Escuto sua mãe chamando.

Eu a levanto e tento abraçá-la, mas ela afasta a cabeça, olhando para a tempestade, a chuva correndo por seus cílios.

Estamos na varanda. Chegamos à porta da frente.

Ela fala sabedoria como um oráculo, encolhendo os ombros, rindo.

“Deus ama ruídos.”

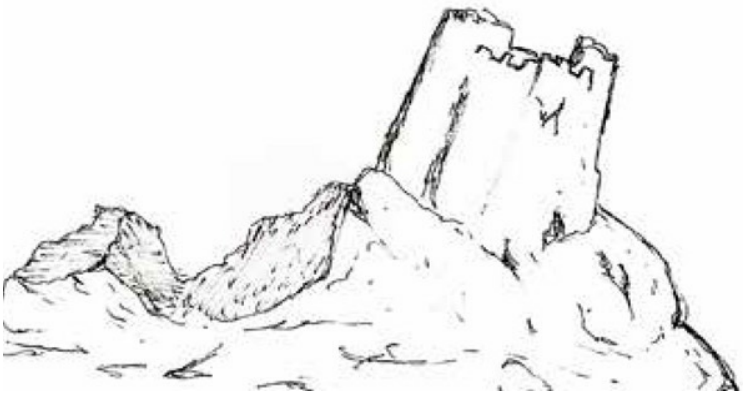
Da boca das criancinhas…

Eu sorrio.

Os querubins batem seus tambores, mensageiros carregando água para Montana.

1 Beijo de borboleta é o que o autor acabou de descrever: acariciar alguém usando os cílios. [N. do T.]

Hiato de verão:
castelos de areia



EU SOU BOM COM UM BALDE. DERROTAREI O OCEANO.

O objetivo não é detalhamento. Não quero um castelo de areia com linhas góticas e janelas entalhadas com palitos de dente. Quero algo grande o bastante para ser usado como assento. Uma trincheira. E não vou recuar para a segurança, bem acima da maré mais alta. Esculpirei meu legado aqui, no ponto em que a espuma chia e os siris se escondem. Farei isso enquanto a maré sobe. E a maré está sempre subindo. Todo dia ela pega impulso, para fazer outra corrida; todo dia, ela avança, deslizando, subindo a praia.

O oceano jamais esquecerá o Dilúvio. Ele provou as montanhas. Andando e dormindo, ele mastiga.

Eu cavo valas, canais, pontos de drenagem e acumulo diques em forma de “U” que posso me dar ao luxo de perder. Deixe-os pra lá. Eles serão substituídos com rapidez. Por enquanto, bloqueiam a espuma e enviam a água para os arredores da trincheira.

Meu filho não valoriza. O pródigo. Ele cava em

busca de siris. Ele até os encontra. Uma filha senta no ponto alto da praia ao lado da mãe. Ela gosta de areia. Areia seca. E ignora o oceano. A mais jovem, resistente e destemida, gosta de abraçar cães e agarrar gatos. Ela está sempre andando, feliz, na direção da água. Não vai se distrair com um forte de areia, siris ou caminhonetes e pás. Ela quer apenas acariciar as ondas.

Eu estou sozinho, construindo essa propriedade, esse banco de areia dentro de uma trincheira. Eles prefeririam comer com os porcos.

Minha mulher quer que eu vá atrás das crianças. Mas, as ondas não esperarão.

Não longe daqui, há uma casa em uma ilha que antes era uma península. Ao lado dela, os ossos de um farol estão expostos, como as costelas de uma baleia. A casa, destruída e vazia, foi herdada por elefantes-marinhos, e eles cuidarão dela até que o oceano os roube também.

Vou ficar encharcado. Serei batido e moído. Vou me encurvar e vacilar. Minha pele será esticada, dobrada e mais tarde triturada na areia. A decadência me alcançará. Mas, por enquanto, até o

dia em que perder, eu ganharei. Encherei as paredes do meu corpo de força que ele não pode conter. Comerei e beberei. E quando a maré descer, retornando, fecharei os olhos e descansarei os ossos.

Se tivesse concreto, eu usaria. Quem poderia deter-me? Os salva-vidas? Não vejo nenhum e, se eles estivessem por perto, talvez estariam mais preocupados com pessoas se afogando que com castelos enfeitados com concreto.

Entretanto, mesmo o mais rápido dos concretos não poderia me ajudar. O oceano não ligaria. Uns noventa quilos não significam nada para ele. Eu poderia estacionar minha caminhonete aqui e ela teria desaparecido de manhã. Talvez, as ondas apenas a dobrassem ao meio e largassem pendurada no penhasco. Ou, se elas estiverem de bom humor, poderiam puxá-la até as florestas de algas e dá-la a uma família de tubarões-leopardos.

Uma vez deixei uma marca nesta praia. Um entalhe atrás de uma rocha. A rocha estava conectada a uma saliência, e a saliência, enterrada debaixo da areia, ao penhasco. Cavei minha

trincheira ao lado dela, canalizada e represada, e conservada com diligência. De manhã, havia sulcos na areia aonde eu laborei.

Fiquei orgulhoso.

Minhas filhas são muito pequenas para se sentar neste presente para elas. Eu pego dois sobrinhos mais velhos e meu filho. Os três, seguros por trás das paredes de areia, riem e provocam o oceano. A espuma bate no dique exterior e envolve a minha criação. As paredes a seguram. As crianças gritam. A água se afasta.

Os três estão pulando, esperando. Eles querem outra. Querem destruição.

Eu também.

Eu vencerei o oceano, mas só sendo vencido. Vivi dentro de paredes de areia — todos nós vivemos — e elas são sempre destruídas. Gerações, pessoas, ancestrais brancos e negros com nomes esquecidos e túmulos esquecidos romperam as ondas e foram rompidos.

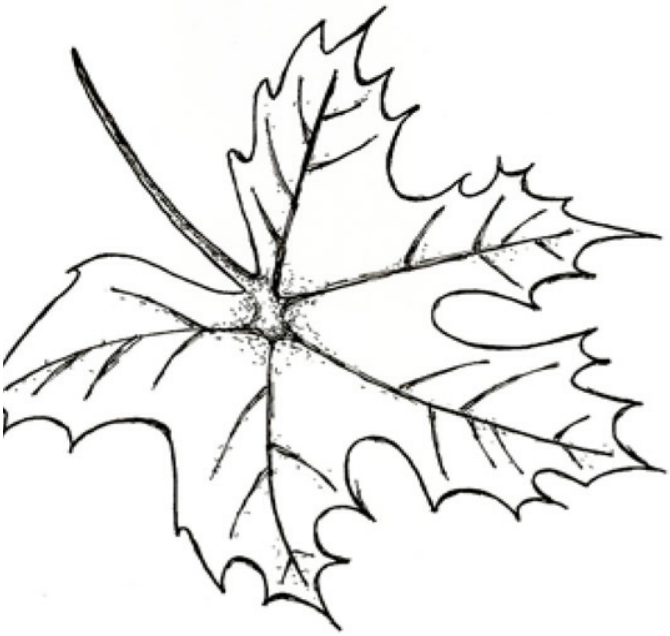
Há pouco tempo, uma mulher que eu amava me chamou na igreja.

“Eu queria mostrar para você”, ela disse. “Eu sabia que você gostaria disso.” Ela levantou o chapéu, e vi a cabeça que os médicos tinham raspado e a linha curva onde eles dividiram o crânio dela. Eu a abracei. Eu a cheirei, conservando na memória tudo o que podia do corpo de avó que ainda tinha vida. Ela disse adeus e beijou minha bochecha. Eu levei o caixão dela. Ela, eu verei de novo. Aqueles lábios, nunca mais.

As ondas vêm. Elas atravessam as paredes e apagam os diques. As três crianças pulam e correm, caindo de rir.

As coisas são assim. É minha vez de ser o muro, de deitar e romper a onda. Cavarei, rasparei, gritarei e amaldiçoarei o oceano. Quero, porém, que essas ondas venham enquanto as crianças riem. E quando elas triturarem minha areia, deixarei mais que um sulco para trás. Deixarei outros, outros que riem, impacientes por sua vez de ser o muro.

ELES SÃO BONS COM BALDES. DERROTARÃO O OCEANO.



Inferno: a conversa final

OUTONO — amadurecer, chamejar, desaparecer.

Do meu lado da rua, a calçada é um túnel, um caminho pelo tempo. Paro ali todos os dias. De um lado, o escuro muro de basalto percorre todo o bloco. Do outro, árvores formam uma longa fila, braços erguidos, braços cansados se esticando sobre o caminho, dedos que, em alguns lugares, até cutucam a terra inclinada contida pelo muro.

Esses dedos estão ficando amarelos. De alguma forma, eles sabem que nosso mundo giratório chegou à esquina outonal de nossa órbita. Sabem porque provaram a luz, porque eles a cheiraram, porque eles olharam para o sol e viram suas costas. Eles sentem o mundo se inclinar enquanto fazemos a curva.

Vamos envelhecer, eles dizem. Vamos adocicar o ar com putrefação. Vamos morrer.

Eu paro por um segundo, por um minuto ou dez, e sinto o lugar. Assisto a esse glorioso desaparecimento, o começo de uma morte, uma morte celebrada com confetes flamejantes.

As primeiras folhas caem, ansiosas para

começar. Milhares permanecem, saboreando a vida bem envelhecida e o ar que cheira a futebol americano.

Quando envelhecer, vestirei essas cores e mudarei meu nome para Outono. Eu não vou adocicar o ar. As pessoas não pararão na rua para admirar como o sol atravessa os meus dedos. Mas, isso não me impedirá de morrer.

Todo ano, 55 milhões de pessoas morrem. Seiscentas morrem a cada hora do dia (100 a cada minuto). Isso de acordo com o panfleto pendurado na minha maçaneta ontem de manhã.

Eu não sei se os números são precisos. Não preciso saber; o espírito sem dúvida é verdadeiro. Se você tem pele e ossos, se respira, perderá tudo algum dia.

O panfleto me faz uma pergunta em negrito: Você está preparado?

Para compor o cenário, um *clip-art* de um canivete cheio de ferramentas adorna a margem.

Eu examino a frente. Examino o verso. Não há menção direta ao inferno. Porém, as palavras *juiz* e *julgamento* aparecem. Como “morte espiritual”.

Se Deus é bom, se ele é o Deus dos animais pequenos e peludos, se é o Deus das tempestades de verão, então por que me lançaria no inferno? Sou uma companhia melhor que muita gente que conheço. Por que eu queimaria eternamente por nada mais que falsificar às vezes meu relatório de vendas?

Pior: por que ele me queimaria quando eu trabalhei em sopões, quando doo o dólar ocasional para a Associação Americana do Coração, quando choro com tiroteios em escolas e furacões?

Há pouco tempo, um idoso estava morrendo. Todos os idosos morrem, mas esse era diferente porque eu o amava. Ele era o avô da minha mulher, e meus filhos compartilhavam do seu sangue.

Minha mulher viajou até onde ele aguardava pela morte — no Arizona. Ela levou uma filha de rosto puro, nascida no outono, na primavera de sua própria vida. Ela levou olhos redondos e iluminados para a sombra.

Ele estava morrendo de não querer viver. Ele estava morrendo de recusar-se a comer.

Agostinho descreveu o inferno como um lugar

com dores sensoriais (físicas) e dores da perda, resultado apenas da separação de Deus.

Tomás de Aquino lhe fez eco, mas talvez com mais satisfação a respeito dos detalhes físicos.

Teólogos como Jonathan Lee Kvanvig preferem pensar no inferno como um lugar onde o tormento é apenas o da separação da bondade de Deus. Inferno é dor existencial.

Clive S. Lewis, em *O grande divórcio*, colocou o inferno em uma pequena rachadura no solo do céu.

De um sermão pregado por John Donne, poeta: "Quando tudo tiver terminado, o inferno dos infernos, o tormento dos tormentos, será a ausência perpétua de Deus. […] Cair nas mãos do Deus vivo é um horror além de nossa expressão, além de nossa imaginação".

Fico inclinado a usar "letra maiúscula" para a palavra "inferno" porque penso nele como um lugar. Como Topeka.

Jean-Paul Sartre, em sua peça *Sem saída:* O inferno são os outros.

Um escritor da revista *Wired* fez uma ligeira

alteração: O inferno é a música dos outros.

Os dois podem ser combinados de modo conveniente.

Eu não sou Enoque. Não pularei passos e serei levado ao céu de imediato. Minha rota me levará pela lama. Não sou Elias, e não haverá carruagem de fogo. Não sou Artur. Nenhuma mitologia florescerá em torno de histórias do meu retorno. Não sou Moisés. Meu corpo não será tão sagrado que o arcanjo e Lúcifer batalharão por carne abandonada.

Eu me tornarei lentamente pó em uma caixa. Ou, se eu for com um caixão de vime *hipster*, bem rápido me tornarei adubo. Estes olhos, esta mente, meu queixo dividido, esta língua — que eles alimentem o gramado. Estarei em outro lugar.

Você já viu as costas murchas de um feijão ou a pele seca de uma semente de girassol aderindo ao talo de uma planta viva e alta, um lembrete de suas origens, da morte que trouxe nova vida verde?

Algumas sementes foram lançadas entre os espinhos, outras em solo raso, e outras ainda em pedras.

Essas sementes nunca subirão até o céu, aderindo a uma parte verde e nova.

Houve um homem, um ladrão, sentenciado à morte pelos juízes de Roma.

Qual era o papel dele? Nós só sabemos de um propósito para que ele serviu. Não sabemos se ele teve filhos ou o que houve com eles, caso os tivesse. Não sabemos se já bateu em sua mulher ou se ele se considerava nobre.

Sabemos que os soldados o seguraram enquanto ele gritava. Sabemos que homens com marretas enfiaram pregos de ferro grosseiros por seus pés e pulsos, jogando-o contra um pesado madeiro.

Ele estava na grande cena. Nasceu, levantou-se e caminhou para a morte no ápice da história. Foi um dos dois que morreram ao lado do Messias, que estavam lá sangrando com ele, olhando para a forma nua de um Deus em agonia.

O outro morreu bem, e nenhum homem morreu em melhor companhia ou com melhores palavras moldadas por lábios pecadores. Ele estava com o Filho nos momentos finais de sua primeira carne, e caminhou pelo véu com ele. Sangrou quando a terra

tremeu, quando o Santo dos Santos foi rasgado para as nações, para os impuros, entrarem. Ele esteve presente quando o papel do fermento mudou e, de modo diferente dos piedosos discípulos a derramar lágrimas aos pés das três cruzes, ele partiu com seu Criador.

Cristo para o apóstolo Pedro: Aonde vou não podes seguir-me.

Cristo para o ladrão: Venha comigo. Nós morreremos juntos, um ladrão e o Criador do mundo. Caminhe com o infinito encarnado para a barriga da baleia. Fique por perto enquanto a realidade é sacudida. Assista enquanto a morte é pega pelo pescoço. Hoje você estará comigo no paraíso.

Histórias não terminam com a morte.

O outro ladrão, sangrando, arfando, sendo sufocado pela pressão da crucificação, escolheu diferentes últimas palavras. Com seus últimos suspiros, de uma cruz para a outra, de um corpo se partindo com seu próprio peso para um corpo a se partir com o peso do mundo, ele zombou do Messias.

O que aconteceu com *ele*? Onde ele está agora?

As folhas não caem. Ainda não. Elas estão mudando, crescendo, aceitando um novo papel. Quando caírem, eu as recolherei com o ancinho. Varrerei a calçada até que as túnicas de muitas cores rejeitadas virem um montinho alto. Então, vou levá-las para meu quintal. Verei minhas crianças suadas descobrirem e redescobrirem a alegria de brincar na morte, a alegria de pular, rir, espirrar e rodar nos restos de outro ano, a alegria de ser enterrado e ressuscitado, de entrar e sair de um túmulo.

Não chore pelas folhas.

Eu me lembro de escalar meu pai. Eu me lembro da sensação de suas costelas embaixo dos meus pés. Essa época ainda está fresca na imaginação, mas passou.

Agora, desço ao chão, e escuto o grito subir de folhas mais verdes.

Montinho. Montinho. Joelhos e pés encontram as minhas costas e tentam se equilibrar enquanto rolo. Corpos tombam, rindo. Eu estou vestindo um suéter grande e alguém está se infiltrando por baixo dele.

O rosto de uma filha emerge do meu peito, rindo embaixo do meu queixo.

“Eu não posso ficar aqui para sempre”, ela diz, com suas sobrancelhas altas. Como é sábia.

Eu rio. “Por que não?”

“Porque vou crescer. Ficarei muito grande e você será velho e brilhante.”

“Brilhante?”

“Sim. E, então, você vai morrer.”

Eu rio. Ela permanece séria.

“E, então, eu ficarei velha e brilhante e morrerei, e meus filhos me colocarão no chão.”

Aperto seu pequeno corpo com meus braços, subitamente sofrido, pressionando sua vida o mais próximo que puder da minha. Ossos dos meus ossos. Ela desliza para trás sob o pano grosso, de volta à pilha de folhas. Não há tristeza em seu rosto, nada em sua voz. Por que haveria? Ela pula e gira, escorregando em uma vaca de plástico.

“Nós estaremos no céu”, ela diz, pulando sobre seus dedos descalços. Mas, agora sua testa se enruga. Ela sente que há algo de errado. “Onde está

meu balão?”, ela diz.

Não chore pelas folhas.

Escrevi uma carta para o vô Marty. Minha mulher a levou consigo enquanto voava pelos céus; ela a levou para a casa, para o quarto escolhido para sua morte, e sentou-se com ela ao lado de sua cama.

Ele era um escritor, um homem com olhos e ouvidos para histórias. Estava escolhendo seu final, escolhendo seu último capítulo. Ele queria que a consciência se fosse. Em *seu* livro, carne era tudo o que ele tinha, carne era tudo o que havia. Apenas deixaria de existir. A reação química que tinha sido sua mente cessaria. Os elementos químicos, que constituem o homem, se fragmentariam e encontrariam novos lares.

Escrevi para ele como um crítico. Eu não gostei do final — um final ruim pode estragar e arruinar até um romance bem executado, um final bom pode redefinir a palidez de uma vida. Pedi que ele considerasse mudar as páginas finais.

Onde está o triunfo final, a risada final, a reviravolta final?

Minha mulher leu a carta para ele, enquanto ele lambia lábios secos e rachados, e a tomou dela. Eu a tenho hoje. De caneta, na margem do papel, ele escreveu sua primeira resposta em caixa alta — um palavrão.

Então, ele pediu que ela lesse de novo.

Luís XV era um homem tão pervertido que ajudou a provocar a revolução de camponeses. Com um gosto por virgens (suprido por sua amante oficial), diz-se que ele fazia uma oração de gratidão pela ausência de doenças venéreas antes de cada encontro — rumores de comportamentos mais depravados e exuberantes eram constantes entre os franceses.

Luís, enquanto amarelava e seu pecíolo enfraquecia, caiu da árvore: “Sou um grande pecador, sem dúvida, mas tenho guardado a Quaresma com a mais escrupulosa exatidão. Fiz rezar mais de cem mil missas a favor do repouso de almas infelizes, assim me conforto em dizer que não fui um cristão tão ruim”.

Rei Sol, onde você está agora?

Sabendo que tinha chegado ao fim, William

Blake morreu tentando desenhar sua mulher no aniversário de 44 anos de casamento.

Blake: “Eu não consigo pensar na morte como mais que ir de um quarto para outro”.

Oscar Wilde: “Estou morrendo como vivi, entre meus bens”.

Muitos cristãos, longe das discussões filosóficas, não se sentem dispostos a trazer à tona o tópico do inferno. Mesmo as pessoas desejosas de pendurar coisas na minha maçaneta prefeririam dizer que estou “sob o juízo de Deus”, e não as culpo. Pregadores de fogo, enxofre e condenação deixaram cicatrizes profundas e nervosas na psique dos evangelistas.

Ninguém quer julgar.

Ninguém com qualquer instinto social quer anunciar a condenação. Ninguém quer falar sobre o fogo. A era de Dante acabou, uma era com vívidos passeios infernais, com até mesmo papas retratados no inferno, invertidos, chamas eternas dançando no peito de seus pés.

Mas, se o inferno (de algum tipo) existe, se as almas se encontrarão em uma casa de lamentação

ou uma casa de alegria, se dor e agonia aguardam por eles, deveríamos balançar os pés e esperar que eles não façam perguntas difíceis, esperar que eles não solicitem um julgamento?

❃

A memória é apenas parcial. O velho bar era generoso em dias de semana entre seis e oito da noite. Comida grátis aparecia por uma mágica em um carrinho e copos de bebida eram vendidos por dois dólares.

Era um refúgio para os pobres e ingratos estudantes de pós-graduação. Zombava-se do queijo frito grátis. Exigia-se a torta como um direito (por haver sido dada uma vez). As asinhas eram consideradas mínimas. Eles não percebiam que esse era nosso jantar?

Nós nos sentávamos à mesa, acalentando dois dólares em forma líquida e comendo queijo grátis. Meu amigo católico falava sobre os professores. Um ateu reclamava do estacionamento. Uma garota, também ateia, estava pensativa, observando-nos, os “crentes” expostos em várias discussões em sala de aula.

Quando a conversa parou, ela fez sua pergunta.

“Vocês acham que eu vou para o inferno?”

“Sim”, meu amigo católico disse sem hesitar. Ele olhou ao redor. “Eu acho.”

As pessoas riram, não porque era uma piada, mas porque ele era sério e desembaraçado. Ele nunca se sentia constrangido — atributo que eu admirava.

Ela olhou para mim e inclinou-se para a frente, esperando a versão protestante.

“Não sei”, eu disse. “Você não quer?”

“O que você quer dizer?”, ela fez uma excelente cara questionadora — cabeça em riste e sobrancelhas atrás das lentes. Era perfeito para a sala de aula. “Por que eu iria querer ir para o inferno?”

“Deus é quem ele é. Você *quer* estar com ele?”

O inferno é voluntário. Você gostaria de ir?

Vô Marty ouviu a carta muitas vezes. Ele pediu para ficar com ela. Ela estava a seu lado quando entrou em coma — um sono que apenas se aprofundou até que, por fim, mesmo seus pensamentos pararam e a fibra que amarrava alma

ao corpo, há muito lacerada, desgastou-se até o fim.

Esteja junto dos recém-mortos. Confuso, enlutado, observe o corpo. Mas, eles ainda são um ser. Eles não são apenas uma reação química que você presenciou a dissolução, uma reação que passou de manutenção de células e extração e distribuição de energia para o rompimento de células, putrefação e decomposição.

Você olha para o corpo, para a pilha de folhas, mas a pessoa não está mais ali. As folhas caíram.

Chore pela árvore.

Eu não finjo saber como o inferno aguarda quem não deseja a Deus. Será uma questão de desejo, não de fé. Desgosto, não descrença. Os mortos estarão diante dele, mas vivendo de outro jeito. Não haverá ignorância então. Não existirá confusão, nenhum nativo distante e sem instrução (usado quando evangélicos querem fazer os outros se sentirem culpados) que nunca ouviram as boas-novas e ficam surpresos ao se descobrir sob um machado eterno. Todos acreditarão em Deus no final, e todos serão julgados com justiça pelo padrão que eles mesmos usaram para julgar os outros.

Mesmo os demônios creem. Eles viram a cruz e se lembram da Páscoa.

Céu ou inferno tratam de amor e ódio. Você ama a Deus ou você o odeia? Ele lhe é desagradável? Você enxerga sua arte e deseja que seu braço fosse longo o bastante para alcançar seu rosto? Você cospe e amaldiçoa como Nietzsche? Você trocaria de lugar com o ladrão condenado para poder vê-lo morrer e saber que o próprio Deus ouviu seus desafios?

Então, o inferno é para você. O inferno é para você porque Deus é bom e reserva um lugar para quem o despreza até o final, um exílio eterno, um refúgio sem alegria para quem acumula culpa por toda a eternidade, o lugar em que a blasfêmia se renova a cada manhã. Um lugar menos doloroso e menos terrível que a alternativa.

A não ser que você mude, o céu, a *shekhinah*, a presença próxima da santidade flamejante, a presença do Deus Criador e o rosto da exaltada Palavra, os ventos e fogo dessa tempestade de alegria seriam um inferno pior que o próprio inferno, uma queimadura pior que quaisquer

chamas figuradas (ou literais).

No final, não haverá como escapar do inferno, porque tudo o mais será o céu. Não haverá necessidade de muros, cadeias ou algum tipo de cela porque o inferno será o lugar mais distante do cheiro dele. Um lugar que você odiará e não terá vontade de sair. A terra, cada canto dela, não será mais neutra.

O inferno será o inferno. Agora, a graça divina nos rodeia por completo. Crentes e incrédulos aquecem o rosto no sol, ambos assistem as folhas se repintarem, e observam as estrelas à noite.

Se você ama a Deus, então procure a mudança em seu Filho. Procure nele olhos fortes o bastante para penetrar nos jogos dos querubins, ouvidos abertos para ouvir o cântico dos planetas, pés que o ancorem na risada do oceano, triturando montanhas — ofertas molhadas a um Mestre.

Procure nele um coração capaz de amá-lo.

As chamas arderão mais no céu.

Nossas línguas descobrirão o sabor delas.

Se você o despreza, ele desprezará você. Ele o

mandará para longe e removerá a graça que você experimentava no mundo. Sem as muletas da bondade dele, ele deixará as pessoas por conta própria, entregues a seus desejos e artifícios corruptos.

Você já viu pessoas entregues a si mesmas? Você reclamou da ausência de Deus quando viu? Onde ele está nos genocídios? Onde ele está entre os baleados e mutilados?

Você teve um vislumbre do inferno, o lugar onde Deus permite o que lhe desagrada. O lugar onde as pessoas viverão na sombra. Todas as sombras serão derrotadas quando o Filho surgir. Todas as trevas serão removidas, espanadas e esmagadas e, então, varridas para um canto, uma rachadura no solo.

Você pode viver lá se quiser. Mesmo no capítulo final, o contraste existirá. Uma sombra permanecerá para acender o fogo em outro lugar.

Você não tem nada em si mesmo nem por si mesmo. Você e eu fomos feitos de barro e cuspe. Qualquer santidade nossa é poluída além de nossa minúscula compreensão.

Eu não tenho nada a lhe oferecer além do

pescoço curvado, o pescoço que ele me ajudou a curvar. Não tenho nada a lhe oferecer além de sujeira, e ele a tomou para si. Ele a trocou por sangue, como vinho, e seu corpo partido, como pão.

Você se ressente deste mundo, desta arte? Você odeia a Deus por causa do câncer, por conta dos acidentes de carro e pelo súbito e chocante sono dos jovens? Você o odeia por causa dessas ondas que quebram muito alto, pelas horas em que mais de seiscentas pessoas morrem? Você se ressente de sua história? Seu peso, sua calvície, seu pé com comichão e o intestino grosso instável, os pores de sol de fogo florestal e sua própria mortalidade?

Compre creme para suas rugas. Clareie os dentes. Faça os médicos esticarem sua pele e a pregarem com um grampeador até que você morra e decomponha e só os grampos se lembrem de você.

Vá para ele ou vá para o inferno.

Essas são as únicas opções, pois o inferno será onde ele não estará.

Cristo na cruz: Meu Deus, meu Deus, por que me

desamparaste?

Esse foi um exílio bem maior que o experimentado por qualquer alma condenada ao inferno. O Filho, um com Deus Pai, experimentou o divórcio, a separação da graça, foi abandonado só com a imundice, o incesto e assassinato, a malícia e o genocídio. Abandonado com o orgulho e a inveja, deixado com cada olhar farisaico e pensamento de rancor. Abandonado com os trapos e a podridão que cada alma usa para preencher o vazio em forma de Deus.

Alguém tinha que suportar tudo até o inferno.

Eu sei pouco, mas sei disto: Quando você tiver morrido e as suas folhas tiverem sido varridas, quando olhar na face de Deus e tiver a conversa final, trocando palavras que outros podem nunca saber, você estará onde quer estar. Se não conseguir abrir mão de si mesmo, caso você se agarre à sujeira que amou por tanto tempo, acariciando as estimadas feridas que se acumulam em sua alma — ódio e amargura que você não pode abandonar, um espelho imaginário a retratar o ego glorioso — então, ele o afastará para longe. Você será enviado

para as trevas, distante de sua presença. Você não gostará das trevas, mas a outra opção parece pior. Você não consegue suportar viver sem as feridas.

Você estará em boa companhia, vagando com pregadores, sacerdotes e reis, e todo ser humano altivo e incapaz de viver sem si mesmo. Muitos "justos" se amontoarão no canto com você, pessoas que só conseguem se imaginar como algo além de bom, que não se curvam a um Deus que não se curvará a eles.

São os outros. E sua música.

Você será afastado da alegria, mas não vai desejá-la a esse preço. Será afastado do amor, pois o amor significa sacrifício, e por que você faria isso? Você será afastado da dança, da música, do palco central e da vida ao sol.

Em vez disso, você ouvirá apenas trovões e clamor, você verá apenas calos, labor e dor ardente.

Caso você deseje amar a Deus, então ele já começou a mudá-lo. Ele já começou a abrir seus punhos fechados, retirar sua sujeira para ser lavada na cruz. Deus cospe na areia e faz lama para limpar seus olhos. Sua alma aleijada pegará seu leito e

andará. Ele o conduzirá pelo caminho e pela barriga da baleia. Do outro lado, você surgirá refeito, correto.

Curve o pescoço. Não chore pelas folhas. Não chore pela árvore.

No entanto, fique atento: aqui, a companhia não tem classe e é inferior. Aqui estão as prostitutas e os ladrões, os desviados e os pisados, os escravos, os feios, os calejados, o povo que fica estranho de terno. Há até cristãos.

Aqui está o povo que reconhece a própria dignidade.

Você iria para o céu? Há uma placa lá e você precisa se posicionar ao lado dela, ali onde o homem com o cigarro pega os ingressos. Há uma altura mínima nela que se deve alcançar.

Você precisa ser miserável. Esse é seu ingresso e sua única qualificação. É um passeio inclusivo, porém insano, em um clima em que você nunca esteve e com luz atordoante. Talvez, não seja seguro.

Clive S. Lewis (em *Os quatro amores*): "'É fácil amar a Deus?', pergunta um antigo autor. 'É fácil',

ele responde, ‘para aqueles que o fazem’”. Rory, meu filho, está no quintal do meu primo e observa o mundo com olhos de 5 anos.

Dois anos depois, ele está pensando no vô Marty.

Seu primo brinca enquanto Rory examina as árvores e o solo sob seus pés.

Ele não consegue achar uma forma de se expressar e, então, pega a carteira que lhe demos para guardar o dinheiro do sorvete dado por suas avós. Ele retira os dólares e os joga na grama.

“Eles não são importantes”, ele diz e encolhe os ombros, piscando.

Ele está certo.

Eu o ajudo a pegá-los.

Papel e tinta não são importantes. Prosperidade não tem importância em comparação com almas. Como pernas e dedos, todos os cinco sentidos. Como a vida.

Todavia, a gratidão é fundamental. Tudo é uma dádiva. Cada cheiro, cada segundo, cada dólar para o sorvete. Gratidão por toda a história, do começo ao fim, gratidão pelos vales e sombras que nos

conduzem à página final do romance.

Dê um passo e agradeça a Deus, pois ele o segura em suas mãos. Nunca peça para ele o colocar para baixo. Nunca lute pela separação ou dignidade não proveniente das dádivas dele. Respire, prove o mundo de Deus, suas palavras e maravilhe-se por estar aqui sentindo o atordoante turbilhão da vida. Sinta-se atordoado por isso.

Aproveite o sorvete.

Deus é perfeito. Justiça e misericórdia não são abstrações; elas se originam nele. Elas são adjetivos. Toda alma morta vê a face dele. Toda alma estará diante dele, e se curvará ou entrará em pânico antes que ele o ordene. Não haverá ignorantes. Não precisamos desconfiar dele. Não podemos. Não sabemos quais pecadores olham para a cruz e quais escolhem fincar-se à sua própria.

Podemos apenas confiar.

E nos inclinar.

Podemos rir enquanto nos tornamos amarelos. Podemos estender nossos dedos e assistir como o sol brilha sobre nosso declínio. Podemos sentir o vento vindo, nossos pecíolos tremendo e, então,

sendo cortados. Podemos tentar nos agarrar ou podemos flutuar, cair e esperar sermos varridos por seu ancinho e reunidos. Deixemos as crianças brincar sobre nós, deixemos que rolem e pulem, podemos nos prender aos cabelos delas enquanto envelhecemos e morremos.

Elas nos colocarão no solo.

Eu caminho com meu filho pelo túnel dourado, chutando folhas, vida rodopiante e abandonada na altura dos nossos joelhos.

“Um monte de folhas”, Rory diz. Ouro disperso pousa em sua cabeça e escorrega para seu ombro.

“É.”

Rápido, ele se move para a frente, amontoando uma estação crepitante contra suas pernas. “Deus conhece cada uma.”

“Sim, ele conhece.”

“Isso é engraçado?”

“Sim, é.”

Beethoven, lutando com a surdez quase a vida toda, tempestuoso e suicida, enquanto morria de envenenamento por chumbo: “Eu escutarei no céu.

Aplaudam agora, meus amigos, a comédia acabou”.

Ou:

Beethoven morreu em uma tempestade, com uma expressão desagradável em seu rosto, sacudindo um punho furioso contra os céus.

Há outras versões.

No ponto mais alto da rua, meu filho e eu paramos e damos a volta. Eu me agacho a seu lado. Nós observamos o chão por todo o túnel; vemos o sol se inclinar através do primeiro esplendor dourado da morte. A terra se esvai diante de nós, pronta para a colheita.

Há muitos de nós flutuando no ar, chutados ao longo do solo, muitos de nós cavalgando a luz solar, pintados com sua vida, imitando suas cores.

No fim do túnel, na outra ponta da história, no canto do quarteirão em que o muro de basalto e as árvores terminam, há uma igreja, pequena e recém-pintada de branco.

LOGO, NÓS SEREMOS VELHOS E BRILHANTES.

A HISTÓRIA



HOJE, O OUTONO SERÁ UMA NEVASCA. As árvores abandonarão a última das muitas peles do ano e, pela manhã, eu contemplarei suas formas nuas, eriçadas contra o céu cinza. Pela manhã, contemplarei o inverno, mas o solo não estará branco. Ele estará coberto com as cores molhadas do fogo.

Há épocas em que o outono vem com graça — como ocorreu nas últimas semanas — quando ele age conforme sua idade e se lança com lentidão, quando a pilha de folhas cresce dia após dia até que as crianças consigam desaparecer simultaneamente no montinho que ajuntei para elas. Mas, nesta noite o vento sopra, arremessa água pesada, e as folhas e bordo brilham ao longo da minha rua, meu túnel desce sobre a velha parede de pedra, será derrotado em uma ação climática.

Eu assistirei com uma lanterna, como um homem ao lado de um leito de morte. Amo esta estação, este período; fiquei a seu lado nos dias claros e nos dias fáceis. Agora, quando suas mãos se esfriam e suas chamas morrem, sussurrarei para ele e lhe

contarei histórias, jurarei guardar sua memória.

Assistirei aos ruídos de morte e, quando a estação se for e os ossos descobertos forrarem a rua, farei chocolate quente e o beberei, rindo com minha mulher, ansioso pela neve, pela completude dessa morte, ansioso para que esse novo frio seja rompido pela alegria explosiva do Natal.

No princípio, não havia terra, ar, fogo e água. Não havia *quarks up* ou *quarks down*. Não havia léptons ou núcleos.

Não havia ostras, coelhos gordos, coelhos rápidos e nem falcões.

Ninguém tinha inventado o espermatozoide. Ninguém tinha inventado homem ou mulher, magnetismo, vacas ou leite que pode ser transformado em queijo, ou canos excretores de doçura para ser misturada com creme.

Não havia coisas verdes para cultivar o ar com luz solar, pois não havia ar, sol ou verde.

Não havia afídeos ou formigas para defendê-los.

As asas não tinham ainda sido sonhadas. Rios não tinham sido ainda cantados. A areia do deserto

não tinha sido ainda espalhada e ondulada.

Não havia nada parecido com a cor — o comportamento da luz em resposta a algo material.

Não havia nada como o aroma — a interpretação da matéria por uma amostragem transportada pelo ar.

Não havia toque — a sensação física do contato entre duas coisas materiais.

Não havia visão — não do nosso tipo.

Sem sabor.

Sem ouvidos.

Sem tempo.

No entanto, havia um Ser, espírito, infinito, Eu Sou. Naquele ser havia Um e havia Muitos. Havia amor. Havia alegria. Havia verdadeiro riso. Havia uma Palavra, uma voz. Havia um artista, mas não havia arte ainda.

E aquela Voz disse “Luz”, e ela própria estendeu uma tela finita para pintar a única coisa digna de ser pintada, para pintar o Eu Sou.

A arte tem princípio — ela começou quando o tempo começou — mas não terá fim. Apenas finais.

Mesmo agora, ela ainda cresce e se expande, torce e entrelaça, ergue-se e se põe, gira e dobra-se.

A Voz nunca estará calada.

Formigas são fáceis de descrever. Elas têm seis pernas. Mas, que palavras tenho para capturar o transcendente? A descrição mais verdadeira que eu conceber sem dúvida terá um lado falso. Quais dessas 26 letras eu deveria usar para tentar e moldar para você um busto do infinito?

Eu deveria contar um poema sobre pegadas na areia?

Deveríamos falar sobre esferas, rotação, guerra, filosofia, crianças, insetos, solo, lápides, estrelas e antimatéria? Não é o bastante.

Quando o Artista se encarregou da mesma tarefa, ratos-toupeiras-pelados aconteceram. Assim como o *haikai*, os anéis de Saturno, os três estados da água, o fogo, os gregos e o ocasional mamífero que põe ovos.

Essa é uma tarefa que o próprio Deus não pode completar. Ele é infinito (junto com tudo o que isso realmente significa — se pelo menos soubéssemos de verdade), e sua tela está se expandindo para

sempre. Ele precisa acrescentar dimensões extras, usando arcos narrativos de *watts* de energia únicos em erupções solares de sóis que não teremos mais que um vislumbre até que tenhamos contado alguns milhares de histórias humanas do começo ao fim e as elevado ao cubo. Ele deve usar formigas, cada formiga em cada jardim, rachadura na calçada, buraco e floresta. Ele precisou multiplicar as mídias enquanto continha o que não pode ser contido e, assim, isto é música e escultura, isto é realismo, impressionismo, misticismo e, acima de tudo, fantasia.

Veja o mundo como um limerique, como um poema épico, como um comercial de carro, como ópera, como um romance russo adaptado para livro *pop-up* infantil.

Veja os insetos. Veja a artêmia no deserto. Veja as estrelas. Veja Roma.

Veja seus ossos.

Este não é um projeto absurdo. Deus não procura um círculo quadrado, uma descendência fértil de um casal reprodutor geométrico estéril. Ele não tenta falar uma pedra tão grande que não possa

levantar.

Ele é a rocha que não pode levantar. Ele é o infinito lutando para capturar-se, para revelar cada faceta de seu “infinito eu” dentro das limitações do minúsculo espaço finito.

Ele teria falhado se houvesse limite de tempo. Ele teria falhado se parasse e dissesse que a obra estava pronta. Se ele um dia acabasse.

Contudo, ele nunca acabará. Enquanto os três Triúnos permanecerem, tinta será misturada na paleta.

Esse é o único desafio real para o infinito. O resto é tão fácil quanto falar. Essa é a única batalha para o infinito, a única resistência que ele jamais enfrentará.

A melhor de todas as tarefas possíveis para o melhor de todos os seres possíveis.

Eu observo o mundo e entendo o impulso de alguns dos místicos do passado estranho e irregular da cristandade. Entendo o motivo de eles sentirem a necessidade de sentar em postes por anos a fio ou jejuar até morrer. É uma forma de contemplar o mundo sem piscar, a tentativa de chegar a novas

camadas há muito escondidas sob as distrações da carne, de nossas comunidades e necessidades percebidas. Entendo o impulso deles, pois, às vezes, acho que entenderia a realidade melhor se eu apenas observasse pelo buraco de um rolo de papel higiênico.

Projeto de Casa (você vai precisar de: um humano). Em tudo o que fizer, seja uma perfeita imagem de Deus.

Alternativa para alunos em conflito (você vai precisar de: um fio de cabelo humano, uma pastilha de garganta sabor eucalipto): umedeça o fio de cabelo com a língua, use-o para esculpir a pastilha em um friso epigráfico de doze lados contando a história; não omita nenhum indivíduo; inclua teorias alternativas para a origem deste universo; faça uso especial de formigas.

Não podemos enxergar tudo, e não podemos descrever tudo que enxergamos — nem mesmo usando esse pequeno tubo de papelão. Mas, há muito que podemos fazer.

O infinito nos fala. Nós estamos na moldura, desempenhando nosso papel junto com as formigas,

o musgo e o Órion. Nós caímos, e nosso mundo caiu conosco. Ele se rebaixa por nós e, no fim, nosso correr e nosso suicidar-se só retratarão a profundidade de seu amor e sua humildade. Isso magnifica seu triunfo supremo.

Os filósofos gregos tiveram seu papel. Platão criou regras que permitiram Deus blasfemar, sujar-se quando assumiu a matéria em sua arte.

Para os gregos, a matéria era a corrupção do espírito. O imaterial era o ideal, o mundo dos espíritos era imaculado. A carne trazia odores, necessidades, rugas e vastos depósitos de limitação.

Carne — a maldição.

E, assim, como João Batista preparando o caminho, os gregos prepararam o palco para uma inversão.

O apóstolo Paulo poderia falar com eles sobre a Palavra infinita, o Espírito criador.

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος — isso poderia fazer as barbas concordarem, poderia ser anexado ao retrato de Platão.

Mas, o Natal — para os gregos, o Natal era

obsceno, uma vulgaridade ao extremo.

Eles estavam certos.

Daí a beleza.

Se o Criador do mundo fosse descer à terra, como você esperaria que ele viesse? Se você ouvisse que o infinito Espírito criador estava entrando em sua própria arte, você não olharia para as nuvens? Você não olharia para os querubins em suas tempestades? Você não esperaria uma carruagem de tornado? Eu esperaria e, em minha defesa, acho que minhas sensibilidades são boas e completamente ajustadas. Deus é *gauche*.

Daí a surpresa.

Os judeus esperavam pelo Messias. Estavam esperando um homem que derrubasse o opressor, alguém como Judas Macabeu, alguém como o rei Davi. O Messias veio, e não só para os judeus. Veio como Judas, como Davi, mas não como ele era esperado.

Ele veio para ser humilhado. Ele veio para morrer.

Planeje o evento. Prepare a recepção. O Rei dos

reis está chegando. O governo estará sobre seus ombros. Ele será chamado Príncipe da Paz, Maravilhoso Conselheiro.

Platão: sem cobrir seus olhos, sem vomitar indignado, sem boicotes ofendidos do crucifixo colocado na urina. O Senhor de toda a realidade está vindo para seu hemisfério. Ele, o Espírito puro, encarnará, precisará comer e respirar, evacuar e ter as fraldas trocadas.

Não olhe para mim. Eu tinha um monte de ideias gloriosas. A blasfêmia não é minha.

Ele será um carpinteiro, com mãos calejadas, cortadas e unhas rachadas. Uma de suas avós era uma prostitua de Jericó. Ele entrará no útero de uma virgem e o expandirá da maneira normal. Ele sairá do útero dela do jeito normal. E, então, ela o amamentará como as vacas fazem com seus bezerros. Porque, bem, ele será mamífero.

Nesses dias, nós ornamentamos tudo e cantarolamos até que tudo pareça santo. Colocamos pequenas encenações de plástico em nossos jardins e, então, as iluminamos.

Se Deus se agrada disso, é porque elas são

prosaicas e bobas — inteiramente em sintonia com todo o evento.

O Senhor veio para purificar o impuro. Ele trouxe a infecção da santidade, e ela tem se espalhando daí em diante. Ele nasceu em um estábulo e dormiu em uma manjedoura.

Talvez o gado tenha todo se ajoelhado com gentileza, piedosamente consciente, como o verso de um livro infantil de Natal.

Talvez, bois e vacas tenham continuado a ruminar, a levantar a cauda e a estercar a estrebaria.

Os anjos sabiam o que estava acontecendo quando ninguém mais sabia. Eles compreenderam a bizarra realidade de Shakespeare entrando no palco, de Deus tornando-se vulnerável, dependente e humano — fazendo-se Adão. E, assim, em um espírito mais apropriado, eles organizaram um concerto e fizeram o que, sem dúvida, foi a maior performance de um coral na história planetária.

Os reis foram reunidos? Onde estavam as pessoas com chapéus importantes? Onde estava o cerimonial, os patrocinadores?

O exército celestial, as almas e anjos de estrelas,

desceram à nossa atmosfera e explodiram em uma alegria harmônica sobre um campo e uns poucos pastores bastante assustados.

No entanto, a multidão era maior do que isso. Os pastores eram uma distinta minoria. Os anjos estavam sobretudo cantando para as ovelhas.

Eu tenho certeza de que os animais prestaram atenção e não apenas por haver um bebê na tigela deles.

Nota marginal: Isso soa como algo que um humano inventaria? Isso soa como algo que um grupo de inventores de seita criaria para impressionar dizimistas potenciais?

E, então, o Santo, o Criador do Mundo, nasceu em uma… er… hã…

E os próprios anjos desceram, transbordando de júbilo e cantando para um rebanho de ovelhas escolhido de forma aleatória e um grupo de pastores incultos e sujos — os primeiros adoradores do Senhor encarnado.

Nota marginal extra: Essas ovelhas se reproduziram? Elas têm descendentes diretos? Alguém está tosquiando uma agora e levando uma

cesta de lã para o garotinho que vive no fim da rua?

Aposto que é uma ovelha negra.

Se eu pudesse conseguir um suéter feito da lã do descendente de uma das primeiras ovelhas de Natal, ele coçaria como os outros suéteres? Ele me daria visões?

Alguém está vestindo um agora. Se ele soubesse… isso explicaria os sonhos.

As mudanças de direção na história não pararam no nascimento de Cristo. Em vez de ser celebrado, um dos primeiros elementos da trama foi a declaração genocida de Herodes. O Rei dos reis está aqui, vocês disseram? Banhem a terra com sangue de bebê.

Massacre, Raquel chorando por seus filhos perdidos… essas coisas são parte da história de Natal. Por algum motivo, deixamos os soldados, os bebês mortos e as mães chorando fora da coleção de personagens de plástico.

Herodes, o primeiro rei a cair, foi comido por vermes. Onde ele está agora? Onde está a matéria que ele costumava usar?

O bebê Israel foi levado à noite para o Egito e escapou daquela morte precoce.

Contra quem Cristo lutou? Os líderes de sua religião, os líderes declarados. Os justos.

O que Cristo fez no templo? Ele chicoteou pessoas e virou mesas. Mais tarde, ele até rasgou a grande e cara cortina púrpura.

Com quem ele se sentou e comeu? Prostitutas. Ladrões. Os impuros.

Do nascimento ao final, ele jamais abandonou a manjedoura. Cristo andou de insulto em insulto, de imundice em imundice.

Leprosos. Meretrizes. Publicanos. Os mortos.

Ele escolheu pescadores para estarem mais próximos dele e, dentre os educados, ele escolheu um grande homem — um assassino que não queria vir e precisou ser derrubado de seu jumento.

Como ele venceria? Quando ele deixaria o caminho de impureza?

Ele veio para ser despido. Ele veio para ser chicoteado. Ele veio para ter a barba arrancada e espinhos cravados na cabeça. Ele veio para ser

zombado, para ter o corpo traspassado por pregos grosseiramente forjados e uma lança romana. Ser separado do Pai e experimentar o inferno como Adão — pelo homem.

Ele veio para viver na manjedoura e morrer em um poste.

Pilatos, você conversou com seu Criador. A verdade esteve diante de você, e você lhe perguntou: “Que é a verdade?”.

Pilatos, você teve outra conversa. Que palavras você usou?

A Palavra demostrou quão baixo ele pôde descer. Do poste, ele foi até o chão. Do chão, ele foi ao mais profundo, todo caminho até o tártaro, abrindo caminho para quem vinha atrás, para o ladrão que caminhava a seu lado.

A baleia não o vomitou. Ele rasgou a baleia.

A pedra foi rolada.

Os guardas: “Sacerdotes, o Cristo não era um mentiroso. Ele ressurgiu”.

Os sacerdotes: “Peguem esse dinheiro. Não conte a ninguém”.

Membros do Sinédrio, houve outro julgamento. Qual foi a sua defesa? Mesmo as ovelhas podem testificar contra vocês.

✻

No frio, eu permaneço, tremendo na tempestade sombria, mexendo minha luz para cima e para baixo no meu túnel. Ele colapsa com rapidez. Essas folhas não tremulam; elas não rodopiam no ar dourado. Elas morrem com velocidade na noite, suas cores já ocultas.

Eu vejo Roma caindo, destruída pela chuva.

Eu vejo Bizâncio, com a pompa dos grandes chapéus e a importância dos imperadores.

Eu vejo a China em confusão.

Eu vejo a África resvalando na terra.

Eu vejo Nietzsche e Platão, Hume, Leibniz e Kant. Eu vejo reis e profetas incapazes de ficar em pé.

Eu vejo a mim mesmo, meu povo, meu país, minhas folhas, meu sangue.

Nós estamos morrendo. Devemos morrer. A estrada é bem conhecida. Não precisamos temer o

escuro, pois o caminho é iluminado com luzes de Natal.

Vamos para o solo, onde o musgo se alimentará de nós e outros serão empilhados sobre nós. Vamos para o piso de igrejas e cemitérios atrás de supermercados. Vamos para o mar e a neve. Somos devorados — por outros, pela terra, pelo tempo, por cânceres e confusão, pelo giro desta esfera enquanto ela corre suas voltas equilibradas.

Estamos no inverno, quando a luz morre e o sangue corre frio.

Mas, não somos esquecidos. Molhados, arrancados das árvores e pisados, não seremos perdidos, pois somos palavras dele e, quando sua voz chamar, nós iremos.

Atrás do palco, há outro palco maior.

Venham, envelheçamos como pescadores. Adociquemos o ar com canções enquanto desaparecemos. Vamos morrer. O inverno não nos pode conter. Vamos para o solo, e nossas faces encontrarão o solo. Vamos percorrer a erupção de Páscoa.

Nosso Criador aguarda. Ele quer conversar. Que

palavras nós teremos?

Precisamos de apenas uma, Aquela que nos falou.

Nós ouviremos os anjos cantarem. Seremos as ovelhas. Seremos feitos novos e nos encontraremos de pé em um jardim. Receberemos corpos, pás e alegria.

Nenhuma árvore será proibida.

Caleje suas mãos. Cuide das formigas. Afaste as sombras. Cante. Faça do mundo um jardim.

Nós riremos e esculpiremos Finis na terra. Nós o esculpiremos na lua. Veremos a voz, o cantor, o pintor, o poeta, o nascido no estábulo, aquele com furos nas mãos e oceanos nos olhos e, naquele dia, nós saberemos —

A história começou.

E nós varreremos as folhas.

FINIS

GRATIDÃO

HÁ PESSOAS E COISAS QUE PRECISAM DE RECONHECIMENTO.

Quero agradecer aos insetos de todos os lugares por tudo que fizeram e à BBC por produzir o documentário *Life in the Undergrowth* [Vida no submundo] (e permitir-me passar mais tempo no mundo dos exoesqueletos). Também sou grato a Annie Dillard pela textura de sua voz e a Nietzsche, por ser o único filósofo que me fez rir alto. Meu débito a Clive S. Lewis e Gilbert K. Chesterton deveria ser óbvio para qualquer um que os conheça. Obrigado também a Herbert Lockyer por *Last Words of Saints and Sinners* [Últimas palavras de santos e pecadores], e muitos outros escritores anônimos que me temperaram.

Agradeço a um regimento de professores e mestres que tentaram colocar coisas na minha cabeça e, de modo geral, me toleraram durante meus anos em suas salas de aula. Seu esforço foi nobre, e eles não deveriam ser responsabilizados pelo resultado.

Tenho uma profunda dívida para com minha

mulher, minha mãe e meu pai. Eles firmaram meus pés e moldaram minha visão. Mais que isso: eles leram isso e ainda foram gentis comigo.

Obrigado, Thomas Nelson e meu editor, por estarem dispostos a publicar um… livro anormal. E obrigado a meus filhos (Rory, Lucia, Ameera e Seamus) por pularem nas minhas costas sempre que sentiram necessidade.

Obrigado por girar comigo, por compartilhar a vertigem e por chegar até aqui. Presumo, evidentemente, que você tenha chegado longe assim pelos meios tradicionais, e não de modo vil — ao pular do primeiro capítulo para o final. Se você é alguém que pulou para o fim, então meus pensamentos sobre você são sombrios e meus sentimentos não envolvem gratidão.

Mas, se você é um leitor ou um pulador, você está aqui agora e tenho algo para você, algo para lembrá-lo de que você está em uma esfera, girando em círculos enquanto ela roda, algo para lembrá-lo do que você é feito, de onde você vive e de como você logo partirá. Um sinal da minha gratidão:

TJIT

Lamba a palavra e pressione a palavra contra as costas de sua mão. Você é um pouco mais sábio agora, porque agora você sabe o gosto da tinta em uma publicação.

Mostre para o pessoal do parque e talvez eles até deixem você andar de novo nos brinquedos.

Quanto a mim… bem, as luzes ainda brilham e os cantos ainda são escuros, mas eu já caí de um dos brinquedos. É hora de cambalear pela noite.

SOBRE O AUTOR

Nathan David Wilson é autor de sucesso, sonhador profissional e roteirista ocasional. Seus romances incluem a trilogia *100 Cupboards* [100 armários] e a série *Ashtown Burials* [Enterros em *Ashtown*]. Ele também tem diversos roteiros em vários estágios de desenvolvimento. Nathan gosta de colinas, calos e do cheiro de chuva no asfalto quente. Ele e sua mulher têm cinco filhos, e eles os assistem lutarem contra o mar com pranchas de surfe e baldes (o máximo possível). Uma vez, ele falsificou o Sudário de Turim, o que resultou em levar uma bronca em uma TV húngara, e ele digitou um pequeno romance em um guardanapo impresso na revista *Esquire* (aquele bastião de justiça). Hoje é Professor Associado de Literatura no *New Saint Andrews College*, onde ensina os calouros a brincar com palavras. Como todo o mundo, ele é feito de pó.